



Destaque PÁGINA 16-17

20 anos de uma paz de idas e vindas



CIDADÃO Eduardo REPORTA:

Uma viatura de marca Mercedes está arder na avenida das FPLM, parece que houve um curto-circuito.

CIDADÃO Suharto REPORTA:

Crianças a estudar debaixo de uma mangueira na cidade de Montepuez, na província de Cabo Delgado, logo em frente ao Centro de Instrução Básica Militar de Montepuez, onde há som de tiros. São, no total, três turnos e quatro salas de aulas e a mangueira é uma delas. Quem de direito ajude estas crianças.

CIDADÃO Adilson REPORTA:

Na praia de Linga-Linga, no distrito de Morrumbene, Inhambane, a erosão costeira vai consumindo aos poucos as quatro casas de um agente turístico sul-africano.



“Agravamento da tarifa de transporte público é inevitável”, João Matlombe

Sociedade PÁGINA 07



Desporto motorizado: a modalidade de elites

Desporto PÁGINA 22



Democracia PÁGINA 14-15

Ministério da Justiça é uma pedra no sapato da LAMBDA



Plateia PÁGINA 26

Um grito contra a mendicância infantil



Dercio Nicolau @

DercioN: @verdademz e por causa disso um colega meu teve acidente a pouco tempo



Eude Tsamba @

etsamba: @Armando Guebuza é pior que

chissano. @verdademz <http://t.co/tdwU1Fht>



Cardoso Jr. (FCCJ) @

SuperCjr: #PARABENS “@verdademz: Hoje é

Dia da #Rádio #Moçambique, o maior canal radiofónico do país faz 37 anos, Parabéns!”



aires chissano @

aires_vasco: @verdademz @

DesportoMZ é pra já, vou seguir-lhes



Last Name Ambriza

@EricElevator: “@verdademz:

#Dhlakama diz que só volta a #Maputo como Presidente da República #Moçambique <http://t.co/k5DfJEFF> hahahaha esta descontrolado



Paizonete Fuzila @

Paizonete: @

verdademz #Dhklama

parece que nunca vai acreditar que perdeu a coroa.



Fayaman Kondjo @

fayamankupa: @verdademz oxalá k

esses milhoes de onça se convertam no bem estar do meu povo, e não dos politicos



Yassin Amuji @

AmujiY: @VilankuloFC - Star Award for

Quality, Leadership, Technology & Innovation - Geneva 2012 - Switzerland @verdademz <http://t.co/6iV3SmIY>



Dee @bodylicious:

Gosto muito da ideia “cidadão reporter”

que o jornal @verdademz criou. Ficamos a saber de muitas coisas em Maputo e em Mocambique



Dia20SeguraOnda @

Steel_c_clack RT “@verdademz:

#Dhlakama diz que só volta a #Maputo como Presidente da República #Moçambique <http://www.verdade.co.mz/nacional/30900>”



I One @I_ONE_9 “@

verdademz: Ultima Hora - Bakhir, alegado

mandante dos raptos em #Maputo, restituído à liberdade #Moçambique <http://fb.me/1NYJ3kAt4>”

Seja o primeiro a saber. Receba as notícias d'Verdade no seu telemóvel. Envie uma SMS para o nº 8440404 com o texto “Siga verdademz”

Editorial

averdademz@gmail.com

Arrogância

A arrogância na política moçambicana é transversal, ainda que seja - não podia ser diferente - mais visível nos actos da “posição”. Porém, infelizmente não é um mal exclusivo desta. @Verdade foi vítima, durante duas semanas, dessa sobrançeria dos governantes deste país. Publicámos um trabalho sobre um caso de usurpação de terra no município da Beira, mas foi impossível ouvir a posição da edilidade.

No princípio, pensávamos que tal fosse por causa da ocupação e de outras agendas. Mas não foi por isso. Há quem nos tenha dito, com uma convicção inabalável, que a nossa reportagem seria um filme sem fim. Dito e feito. Volvidos 16 dias após a publicação do texto, o Conselho Municipal da Beira continua enredado num mutismo maiúsculo. Não se pronuncia. As desculpas, essas, são tão arrogantes quanto estapafúrdias.

Depois de esgotar todas as engenhosas acrobacias burocráticas, o porta-voz do presidente do Município da Beira disse que o nosso repórter tinha de ir até a cidade para ouvir a versão da edilidade. Até concordamos com o porta-voz, mas é importante lembrar que essa informação deveria ter sido disponibilizada no dia do primeiro contacto. Era muito simples informar, sem papas na língua, ao nosso repórter, que o município da Beira não trata de casos delicados ao telefone. Até porque não é culpa do Conselho Municipal o facto de o @Verdade não dispor de uma delegação na segunda maior cidade do país ou de meios para lá estar sempre que precisar de exercer o princípio do contraditório. Mas é inequívoco e cristalino que a obrigação do porta-voz é de fornecer informação atempadamente. Ou seja, é responsabilidade do município e os seus empregados dizer, sem reservas, que não trata de tais questões telefonicamente. Ainda que fosse assim, o porta-voz estaria a proferir uma mentira do tamanho da cidade da Beira. Já falámos várias vezes com pessoas ligadas à autarquia onde trabalha. O problema é que, quando assim foi, o interesse estava do outro lado da linha.

Que fique, portanto, claro que @Verdade lutou para garantir o princípio do contraditório, mas o Conselho Municipal da Beira recusou-se. Não quis opinar porque julga, dizem, mais conveniente permanecer no silêncio. Ou seja, deixar que as coisas morram na sucessão dos dias. Até porque, em Moçambique, todo dirigente pensa que o povo tem memória curta. Nós compreendemos a posição da edilidade e de quem disse que este seria um filme sem fim.

Em Maputo também aconteceu o mesmo; um cidadão viu o seu direito violado por uma edilidade arrogante. Na posse de toda a documentação, o cidadão esbarrou na força e arrogância do presidente do município de Maputo. Privado de construir numa parcela de terra cuja titularidade é conferida pelo DUAT.

Que este filme e o da Beira não tenham fim triste. Até porque esta urbe sempre representou, no imaginário popular, o resgate da esperança. Sempre tivemos a Beira como a capital da democracia. Como o exemplo a seguir para recuperar o país das mãos de dirigentes imersos no capitalismo selvagem. Como o espaço onde os cidadãos realmente contam e as lideranças, ainda que municipais, significam um novo dia. Nunca passou pela nossa cabeça que Beira fosse igual a Maputo.



Boqueirão da Verdade

“Esta é para mim a Comissão Política mais fraca de toda a história da Frelimo. Até a governadora da cidade de Maputo vai a Comissão Política? Sérgio Pantie? Esperança Bias, Alberto Vaquina! Tudo amiguismo!”, **Matias de Jesus Júnior**

“Independentemente do que possa decidir o Juiz os famosos muçulmanos devem dizer alguma coisa no caso do camarada genro! Afinal pegamos o mandante, pois não? Agora exijam justiça!”, **Idem**

“São inocentes de tal forma que não conseguem perceber que Valentina Guebuza não tem nenhum mérito para ser membro do Comité Central, quando comparado com jovens – arrisco a dizer – que dão a vida pela Frelimo. Nós, cidadãos moçambicanos, da Frelimo ou não, nunca vimos Valentina Guebuza em alguma acção partidária. Nunca foi vista a fazer campanha para a eleição do seu pai e dos deputados do partido, em nenhum momento. Quando a Frelimo foi trucidada pelo jovem Manuel de Araújo, em Quelimane, Valentina não esteve lá. Estou a falar dos momentos mais festivos e mais tristes da Frelimo. Valentina nunca foi vista lá, a dar o litro pela Frelimo”, **Borges Nhamirre**

“O que me impressiona na Frelimo é a qualidade e a dimensão da hipocrisia dos seus dirigentes. Insistentemente, ainda que estejam conscientes de que o seu hino se desajustou do tempo, continuam – fizeram-no neste congresso – a incitar os “operários e camponeses” a unirem-se “contra a exploração”, além de ainda acreditarem no triunfo de um sistema que, não só deixou de existir, como também eles mesmos já o diabolizam”, **Lázaro Mabunda**

“Enquanto uma larga parte do povo continua mergulhada na penúria, dá-nos, senhor, a coragem de resistir contra a tentação diabólica da ganância, da acumulação egocêntrica que transforma o nosso país num grande supermercado, e não uma casa habitável e acolhedora para todos”, **Dom Ernesto Maguengue, Bispo da Diocese de Pemba**

“O nosso compatriota Armando Guebuza tem, muito claramente, grandes problemas de assessoria no que diz respeito à gestão da sua imagem pública. Quer como Presidente da República, quer como Presidente do partido Frelimo. (...) pelo que posso avaliar, esse alguém entende que valorizar a imagem de Guebuza é tê-lo, permanentemente, em frente dos moçambicanos, todos os dias e a todas as horas”, **Machado da Graça**

“Eu não sei ate onde vai o lambobotismo dos alguns membros da Frelimo! Mesmo no voto secreto, as pessoas votam coisas sem interesse... Sentem uma convicção de obrigatoriedade em lambar as botas de Guebuza e a sua família... Que futuro nos espera no nosso país, que a cada dia percebo que não é nosso???”, **Atanásio Cossa**

“José Pacheco é o próximo Presidente da

República por razões (minhas) que tento trazer para reflexão. 1. Ele é natural de Sofala (poderá fazer frente ao MDM); 2. Foi governador de Cabo Delgado (berço do partido); 3. Foi ministro do Interior (pasta que já foi assumida por Armando Guebuza); 4. É ministro da Agricultura (tida como base de desenvolvimento); 5. Mantém-se na Comissão Política (onde tudo é decidido); 6. Almerino Manheje, o ex-superministro de Joaquim Chissano, sabe e muito bem quem ele é (passou uma temporada no 4 estrelas da Kim Il Sung, vulgo Cadeia Civil); 7. É fiel”, **Luís Nhanchote**

“Enquanto a justiça estiver dolarizada e cabritizada o resultado será sempre esse e o Guebas nem tão-pouco preocupado, também come...”, **Chande Puna**

“A Frelimo está a tornar-se um verdadeiro Partido Familiar. Não me respondam agora, façam antes o inventário exaustivo; um pequeno exercício sobre como os membros da mesma família estão estrategicamente colocados no governo, estado e Partido... até da oposição! Assombroso!”, **Egídio Vaz**

“A secção de notícias do portal do Governo de Moçambique destaca a eleição da nova comissão política da Frelimo. Eu pensei que como portal do Governo, desse maior destaque aos assuntos que têm a ver com o país, mas principalmente com as actividades do próprio Governo”, **Idem**

“Jorge Rebelo quis ser honesto consigo próprio e com parte dos que pensam como ele. No entanto, não foi nem realista nem calculista. Não foi bem-sucedido o velho político. (...) Jorge Rebelo não tem lições a dar a ninguém. A não ser que estava a ser oportunista e irresponsável, falando sem saber o que enfrentam os que diariamente têm a responsabilidade de zelar pela boa imagem do partido”, **Magazine Independente**

“Os jovens são covardes por razões distintas no meu ponto de vista. 1º Querem espaço mas fazem pouco para o conquistar. Reclamam para que quem tem espaço lhes dê de bandeja. Nunca vai ocorrer; 2º Repetem o filme da renegociação dos megaprojectos mas não saem da fila para conseguir um lugar como empregados nesses projectos; 3º Fazem barulho pela renegociação e não sabem o que pode representar uma renegociação; 4º fazem barulho anti-megaprojectos como se fossem todos iguais. Confundem o dinheiro que muitas dessas empresas investem com ganhos, quando muitas delas só começarão a ver o retorno do investimento inicial em 10/15 anos; 5º São covardes porque não buscam conhecimento do que falam. Repetem o que todos dizem mesmo sem fundamento prático. É bom que todos queiram transparência, justiça e maior repartição de riqueza mas precisamos de conhecer e atalhar conhecimento para chegar lá e os megaprojectos podem ajudar-nos sem ser a fonte única para sermos ricos”, **Júlio Muthisse**

OBITUÁRIO:

Hebe Camargo
1929 – 2012 • 83 anos



A apresentadora Hebe Camargo morreu na manhã do último sábado, dia 29, aos 83 anos, após uma paragem cardíaca, enquanto dormia em sua casa, no Morumbi, em São Paulo.

Na luta contra um cancro no peritónio (membrana que envolve os órgãos do aparelho digestivo) desde Janeiro de 2010, Hebe teve a saúde agravada nos últimos seis meses, quando teve que passar por uma cirurgia de emergência para a retirada de um tumor no intestino, em Março deste ano, e em Junho teve de retirar a vesícula.

Ela voltou a ser internada em Agosto no Hospital Israelita Albert Einstein, em São Paulo, para a realização de exames. Nascida em 1929, na cidade de Taubaté, interior de São Paulo, Hebe Maria Monteiro de Camargo Ragnani era viúva de Lélío Ragnani. O seu único filho, Marcello Camargo, era fruto do seu primeiro casamento com o empresário Décio Capuano. Além de mais de 60 anos de trabalho na TV, Hebe ainda actuou em seis filmes, participou em programas humorísticos e lançou oito discos como cantora. A paixão pela televisão deu a Hebe o título de “rainha da televisão brasileira”.

Ícone da televisão brasileira, Hebe iniciou a sua carreira na década de 40 e participou na primeira transmissão da televisão brasileira, em 1950. A apresentadora passou por quase todas as emissoras de televisão do Brasil, entre elas a Record e a Bandeirantes, nas décadas de 1970 e 1980.

Hebe Camargo nasceu na cidade de Taubaté, no interior de São Paulo, no dia 8 de Março de 1929. Estudou somente até o quarto ano do ensino primário e um dos seus primeiros empregos foi de arrumadeira, na casa de um parente.

Aos 11 anos, participava em programas de caloiros em emissoras de rádio para ajudar a sustentar a família. Em 1943, formou com a irmã Stella a dupla musical Rosalinda e Florisbela.

Seguiu na carreira de cantora com apresentações de sambas e boleros em casas nocturnas, até que abandonou a música para se dedicar à rádio e à televisão. Estreou na TV em 1955, no primeiro programa feminino da TV brasileira, “O Mundo é das Mulheres”, da emissora de TV carioca, na qual chegou a apresentar cinco episódios por semana.

Os nossos leitores nomearam os Xiconhocas da semana. @Verdade traça em breves linhas as motivações.



1. Afonso Dlhakama

Pelo amor de Deus. E mais este Xico. De tanto estar habituado a fazer promessas falsas e a perder a confiança do seu eleitorado, hibernou e sumiu do mapa. Muitos pensaram que estivesse a estudar, mas cá voltou pior do que nunca. Prometeu, por inúmeras vezes, incendiar o país (se calhar o papel do jornal para ofender Daniel David) e, agora, à última hora e a reboque do Congresso da Frelimo, reuniu, só para variar, a sua Comissão Política para apenas decidir que “está a pensar em organizar uma manifestação pacífica”. Sinceramente! Calados, alguns são audíveis poetas. Ou se manifesta ou se cala, que cá já nem é notícia.

2. Arnaldo Salvado

Este Xiconhoca é dos mais corajosos e perigosos que o país possa ter visto. Aliás, deve estar arrependido de ter nascido, crescido e estar a viver neste país, das mais belas pérolas do Índico. Sentiu o peso da corrupção na arbitragem e aparece agora a ameaçar os árbitros. Disse ele no fim do jogo contra o Incomati, em que a equipa por si treinada saiu derrotada, que caso aconteça algo a José Maria Rachide, árbitro da partida, não quer ser chamado para nada, porque estará no seu canto quieto.

Oh, Xico, apesar de ter falado aquilo nervosinho da Silva, imagine se o Maria sofre um acidente entre hoje e manhã?

3. Arão Nhacale

Este está cada vez mais preocupante. Atingiu o nível máximo permitido pela paciência. Não dá mais. Se não fosse um Xiconhoca como ilustra a foto ao lado, com a barriga sempre a crescer, cá o teríamos como um pencudo e a obrigar o Pinóquio a mentir mais. Os cidadãos da Matola têm toda a legitimidade de o agradecerem como Xiconhoca da semana. Desde que assumiu o poder, prometeu pôr a Matola em primeiro, mas ao que se assiste, alguns órgãos do seu corpo como a barriga é que lideram isoladamente.

Como é possível Matola ter uma empresa municipal de transporte se não opera em nenhuma rota dentro do município? E cá insistimos: Camarada, então como fica o troço Liberdade – Tsalala – Mahlampsene? Ah, já sabemos, tudo fica para o último ano do seu mandato, tal como alguns políticos da praça o fazem!!!

Por opção editorial, o exercício da liberdade de expressão é total, sem limitações, nesta secção. As escolhas dos leitores podem, por vezes, ter um conteúdo susceptível de ferir o código moral ou ético de algumas pessoas, pelo que o Jornal @Verdade não recomenda a sua leitura a menores ou a pessoas mais sensíveis.

As opiniões, informações, argumentações e linguagem utilizadas pelos participantes nesta secção não reflectem, de algum modo, a linha editorial ou o trabalho jornalístico do @Verdade. Os que se dignarem a colaborar são incentivados a respeitar a honra e o bom nome das pessoas. As injúrias, difamações, o apelo à violência, xenofobia e homofobia não serão tolerados.

Diga-nos quem é o Xiconhoca desta semana. Envie-nos um E-MAIL para averdademz@gmail.com, um SMS para 821111, uma MENSAGEM BLACKBERRY (pin 28B9A117) ou ainda escreva no Mural defronte da nossa sede.

Xiconhoquices

da Semana

Soltura de Bakhir

Na edição passada, os nossos leitores, de forma inteligente, elegeram a detenção de Bakhir como uma Xiconhoquice por se tratar de mais um acto populista que prometia entreter o povo moçambicano à moda “Moçambique em Concerto” e com direito a dois galardões num evento qualquer de glorificação da nossa justiça.

Os nossos leitores fundamentaram alegando que, por se tratar do género de um homem influente, Momed Bashir Suleiman (MBS), o homem que paga meio milhão de meticais por uma caneta para a seguir oferecê-la à mulher do dono (da caneta), Bakhir não ficaria muito tempo na prisão e tão cedo voltaria à rua ou que se ia engendrar uma fuga qualquer.

Dito e feito. Dois dias foram suficientes para Bakhir estar (supostamente) numa cadeia inexistente, e a juíza determinar que contra ele não existem provas suficientes para o incriminar.

Verdade ou não, o facto é que este motivo alegado pela juíza para soltar Bakhir não cabe no ego dos nossos leitores – que sugeriram esta Xico-

nhoquice. Na óptica dos mesmos, Bakhir é tão inocente para ser detido numa cela inexistente em Moamba, responder a um processo instaurado na província de Maputo embora tenha sido detido na cidade de Maputo e apresentar-se a um tribunal da cidade da Matola.

Os nossos leitores vão mais longe ainda ao destacar o tempo recorde da estadia de Bakhir nas supostas celas uma semana depois de o Procurador-Geral da República ter visitado as cadeias e ter descoberto que há cidadãos que excederam em anos o tempo de prisão preventiva.

Eleição de Valentina Guebuza ao Comité Central

A filha mais “sonante” do Presidente da República e do partido FRELIMO, Valentina Guebuza, foi eleita membro do Comité Central daquela formação política, reunido no seu Décimo Congresso, que decorreu de 23 a 28 de Setembro na cidade de Pemba, capital da província de Cabo Delgado.

Todavia, a candidatura de Valentina

Guebuza não foi de todo consensual e não foi aplaudida – nem pelos membros da Organização da Mulher Moçambicana – quando foram anunciados os resultados. É que Valentina, de 32 anos de idade, ou seja, nascida cinco anos após a Independência Nacional, apadrinhada pelo pai, concorreu como antiga combatente da Luta de Libertação Nacional.

Na verdade, a candidatura da Valentina seguiu as normas do Estatuto do Combatente que defende que os descendentes destes gozam do mesmo estatuto.

Para os leitores que escolheram esta Xiconhoquice, isto, apesar de ser algo que diz respeito ao próprio partido Frelimo, com as suas falcaturas, é um grave atentado à democracia conquistada com o suor de muitos cidadãos, alguns dos quais tombaram nessa luta. Longe de constituir um insulto aos demais combatentes que deviam estar no lugar da Valentina para saírem finalmente da marginalização a que estão votados mesmo depois de terem lutando para libertar a pátria e o homem, é um sinal de que no país está a nascer uma nova Repú-

blica Democrática Popular da Coreia (do Norte), onde o poder é transferido de pai para filho numa manifesta e pornográfica monarquia a céu aberto apesar do nome do país.

Levar o jornal para embrulhar

Os leitores mais atentos do @Verdade elegem como uma Xiconhoquice a atitude de alguns cidadãos que recebem o jornal para fins dignos do nosso repúdio, tal como embrulhar certos bens.

Na óptica dos que elegeram esta Xiconhoquice, um jornal é um meio de transmissão de informação que precisa de ser explorado profundamente e, em caso de inutilização, poder ser cedido a um outro leitor como forma de dar oportunidade aos outros cidadãos de ter acesso à informação.

Os leitores com acesso ao jornal e que não o queiram ler, precisam de, no mínimo, respeitar, bem como dignificar o trabalho dos jornalistas e de toda a máquina que está por detrás deste papel cheio de palavras úteis.

Os 20 anos da paz...

O país celebrou ontem, 4 de Outubro, a passagem dos 20 anos do Acordo Geral de Paz, que puseram fim a 16 anos de conflito armado entre o Governo moçambicano e a Renamo. O documento foi assinado a 4 de Outubro de 1992, em Roma, Itália, por Joaquim Chissano, antigo Presidente da República, e Afonso Dhlakama, líder da Renamo.

E o @Verdade, como tem sido habitual em datas comemorativas, saiu à rua e procurou saber dos cidadãos onde estavam no dia 4 de Outubro e o que acham da dos 20 anos da paz, a sua visão sobre o Moçambique actual. Eis os depoimentos...



Filimone Langa,
36 anos de idade

Este cidadão afirma que no dia em que foram assinados o Acordo Geral de Paz (AGP) estava em casa, pois ainda se registavam os vestígios da guerra civil que durou 16 anos. “Fiquei muito satisfeito quando naquele dia 4 de Outubro de 1992 soube que o partido no poder, a Frelimo, tinha assinado o cessar-fogo

com a Renamo. Há muito que o povo ansiava pela paz, muitas vidas estavam a ser dizimadas”.

Mas para o Filimone, não basta que se tenha decretado o calar das armas com o advento da paz, ainda há uma série de factores que minam o desenvolvimento do país. “A fome, o desemprego, a extrema dependência económica do nosso país não nos transmite o real sentido da paz. Queremos o bem-estar económico e social, só assim a paz fará sentido”.

Flora Tonitui,
40 anos de idade

Na óptica da nossa entrevistada, residente no bairro da Machava-Sede, na Matola, há muitos ganhos trazidos pela paz em Moçambique. Se durante o tempo da guerra éramos obrigados a correr de um lado para o outro à procura de esconderijos, hoje isso faz parte da história.

“Estou muito feliz pela paz, é graças a ela que hoje estou aqui a fazer os meus negócios. Se estivéssemos em guerra, não teria esta possibilidade”.

Segundo afirma Flora, no dia em que ouviu através da comunicação social que a Renamo e a Frelimo já tinham assinado o Acordo Geral de Paz, ela estava em casa porque naquela altura ainda havia grandes sequelas e focos da guerra que durou 16 anos.

António Macuácu,
47 anos de idade

Diferentemente doutros cidadãos, António, morador do bairro Nkobe, na cidade da Matola, afirma que na verdade a paz ainda não se faz sentir em Moçambique. Prevalence ainda uma série de fenómenos que preocupam o povo moçambicano. “A paz, essa, está no papel. Há muito que se fazer para que possamos dela desfrutar. Enquanto formos reféns dos outros países, havendo fome, desemprego e pobreza absoluta, não podemos pensar que estamos em paz. O que existe é o calar das armas”.

António diz que no dia em que foram assinados o Acordo Geral de Paz, ele estava na África do Sul, para onde tinha ido à procura de melhores condições de vida. “Fiquei muito satisfeito ao ouvir que a Frelimo e a Renamo tinham chegado a esse consenso. Devido ao calar das armas, decidi regressar ao meu país. Mas ainda temos muito por fazer enquanto livres do conflito armado”.



Frederico Obodo,
40 anos de idade

Este cidadão reside na cidade de Maputo e dedica-se ao comércio informal. Segundo diz, os 20 anos de paz significam duas décadas de um sofrimento imparável. “Durante a guerra, dizia-se que só com a paz é que o sofrimento podia acabar, mas estamos há 20 anos em paz e as condições de vida de uma esmagadora maioria da população tendem a deteriorar-se”.

Para Obodo, a paz ainda não transmite o seu verdadeiro sentido. Apenas calaram-se as armas e só isso não basta para o bem-estar da população. “20 anos de paz, ainda temos crianças que não podem ir à escola por falta de condições. Ainda prevalece em centenas de milhares de moçambicanos a pobreza absoluta. Para mim, a paz existe teoricamente, na prática ela não passa de uma miragem. Os pobres continuam mais pobres e os ricos ficam ainda mais ricos. Há grandes desigualdades de vida e injustiças neste país”.

“O desemprego rouba-nos a paz”, Dionildo Tamele,
25 anos de idade

“Penso que as pessoas pensam que estão em paz quando vivem num ambiente em que não há conflitos armados, mas a paz ainda pode ser entendida como o exercício de todas as liberdades humanas, incluindo a de expressão, sem nenhum tipo de intimidação. Recordo-me de que ainda criança, os meus pais diziam-me que viveram num ambiente de guerra



que durou 16 anos – razão pela qual, na época, passavam por uma série de limitações no exercício da sua liberdade. Passavam a vida à deriva, sem saber o que fazer. Vinte anos depois do fim de guerra, sinto que ainda temos uma série de dificuldades para falar da paz porque, na minha compreensão, esta dimensão envolve muitos elementos – não só o calar das armas”, considera Dionildo Tamele.

E acrescenta que no país “as pessoas que têm vontade de expressar as suas ideias e pensamentos – de forma livre e original – não encontram espaço para o efeito, por causa das sevícias de que podem ser vítimas. Eu, por exemplo, como jovem ainda não me sinto feliz porque sinto que há muitas pessoas que – como eu – possuem uma formação concluída, no entanto, não têm emprego. Isso também tem roubado a paz à camada juvenil no país”.

“A paz não está a ser (muito bem) preservada”, Vitorino Mucove,
52 anos de idade

Na opinião do nosso interlocutor, a guerra é um instrumento que ceifa vidas humanas para além de provocar outros danos. Por essa razão, ficou muito feliz quando, finalmente, a 4 de Outubro, a Frelimo e a Renamo entenderam que era chegada a altura de acabar com o sofrimento do povo moçambicano. “Recordo-me de que na época da guerra, muitas pessoas tiveram de se aglomerar na cidade de tal sorte que não se podia trabalhar nas machambas, o que, com o advento da paz, se modificou totalmente”.

“Eu sou da província de Inhambane, distrito de Govuro. Certa vez, parti de Maputo de navio com destino à minha terra natal. Naquele contexto, quando estávamos quase a chegar a Mambone, os bandidos armados incendiaram o navio, através de bombardeamentos. Graças a Deus não perdi a vida. Tive sorte, mas foi uma experiência assustadora. Pelo menos duas pessoas pereceram no local. Foi muito triste testemunhar aquele episódio”, conta.

“Actualmente, sinto que as pessoas podem estar enganadas ao pensar que estão em paz porque o que aconteceu é que, durante a guerra, era dolorido perder parentes de forma brutal. Se houve conflito no passado foi porque algo carecia de correcção entre os governantes do país, mas, a referida rectificação tem-nos trazido muito pouco além do calar das armas. As pessoas continuam a sofrer, mas de um modo diferente. O sofrimento por que muitas pessoas passam no país desvaloriza muito a paz que temos: as pessoas que estão a trabalhar recebem uma miséria, vivem mal, e, tantas outras não têm emprego. Não quero que haja conflitos armados, mas sinto que a guerra continua porque não há liberdade. Eu gos-



Sociedade

taria muito que os moçambicanos, muito em particular os jovens, ficassem cada vez mais despertos, de modo que possam resolver os problemas que atravessam para que encontrem a paz”, termina.



“Ninguém pode estar em paz se tiver de apertar o cinto constantemente”, Ricardo Moiane, 35 anos de idade

“Como desde sempre vivi no centro da cidade, não tive nenhuma experiência em relação à guerra. Mas como os meus avós são de Marracuene, quando lá estive depois do conflito pude ver as suas consequências. Penso que, para o cidadão comum, o balanço dos 20 anos de paz é positivo num aspecto: ele já pode circular no país sem problemas. Mas, infelizmente, a pobreza é um marco indelével que choca bastante a quem não somente experimenta como também aos que a assistem”

“Eu ganhei a verdadeira noção do nível da pobreza nos últimos dois anos porque passei a viver no bairro de Maxaquene. No centro da cidade não se percebe nada. Há muita gente excluída no subúrbio e, por essa razão, há um descontentamento geral da parte da população, não obstante os discursos políticos insistirem que país está a registar avanços económicos. O problema é que isso não satisfaz as necessidades do moçambicano. É preciso que o desenvolvimento se reflecta na vida do povo, o que não se está a verificar”.

“Em relação ao ritmo em que o país está a correr, eu estou muito pessimista de tal sorte que receio que seja provável que voltemos à situação de conflito, ainda que não seja nas mesmas proporções do que aconteceu logo depois da independência. Como temos visto, a exemplo do que tem acontecido nos outros países, os moçambicanos estão a aprender a confrontar o Governo, primeiro, sempre pela via do diálogo. A paz não existe entre os moçambicanos, porque a falta de bem-estar continua a complicar a vida de muitos. O povo está constantemente a apertar o cinto e, quando é assim, ninguém fica em paz”



Luís Geraldo Pastola, 42 anos de idade, Nampula

“No dia em que foram assinados os Acordos Gerais de Paz eu estava no Centro de Formação de Professores de Morrupula, que acabava de ser transferido para Marrere, arredores da cidade de Nampula, devido à guerra. Como estudantes, estávamos numa palestra cujo tema era acerca da assinatura dos acordos, em Roma”, lembra Luís Pastola,

e acrescenta que nenhum dos presentes acreditava que um dia seria alcançado o cessar-fogo.

“Quando ouvimos dizer que seria assinado o Acordo Geral de Paz no dia 4 de Outubro, pensámos que se tratasse de um boato, ‘espalhado’ por alguém que queria que voltássemos ao Centro de Formação de Professores de Morrupula. Não acreditávamos pois o processo de negociação teve muitos impasses. Mas fiquei alegre quando soube que o sonho dos moçambicanos ia tornar-se realidade”.

Paulo António Primala, 48 anos de idade, Nampula

“No dia da assinatura do Acordo Geral de Paz eu estava em casa, com o rádio ligado. Estava ansioso. Eu trabalhava na Escola Primária de Muaciua, a 50 quilómetros da cidade de Nampula e era muito arriscado ir para lá. Corria perigo”.

“A partir daquele dia, senti-me livre e em paz, mas com certo receio porque a assinatura tinha sido adiada por muitas vezes. Havia cláusulas das quais as duas partes



não queriam prescindir. Mas graças à comunidade de Sant’Egídio foi possível levar a paz ao lar dos moçambicanos”.

“A outra questão da qual duvidávamos e não nos deixava seguros era a introdução do multipartidarismo no país. O líder da Renamo fazia ameaças, aliás, continua a fazer, e os que reclamavam na guerra reclamavam melhores condições de vida. Mas apesar disso, a paz veio para ficar e é a responsável pelo nível de desenvolvimento que o país está a registar”.



Absalão Siweia, Nampula

“Eu estava na empresa Texmoque, em Nampula, e havia um rádio no meu gabinete que me permitia ter toda a informação de tudo o que acontecia à volta do Acordo Geral de Paz. Quando soube que, finalmente, o Governo e a Renamo tinham chegado a um consenso, fiquei feliz. Era tudo o que eu e a sociedade queríamos. Vários familiares meus sofreram na pele os efeitos daquela guerra. Se a guerra não tivesse acabado, o país estaria mergulhado num caos”.

Publicidade



Fim da recolha de dados da pesquisa sobre “As 100 Maiores Empresas de Moçambique”

A **KPMG Auditores e Consultores**, após a celebração, no ano passado, da 13ª edição, segue a passos largos para o lançamento da publicação da 14ª Edição da pesquisa sobre as **“100 Maiores Empresas de Moçambique”**, referente aos dados financeiros de 2011 das empresas participantes.

A **KPMG** encerrou, esta semana a recepção dos questionários das empresas e está agora a finalizar o processo de análise de dados e compilação da publicação a ser lançada em **Dezembro de 2012** no local já habitual, o **Centro de Conferências Joaquim Chissano**.

A pesquisa das ‘100 Maiores Empresas de Moçambique’ do ano 2012 apresentará, para além do *ranking* geral, análises globais e sectoriais, incluindo análise de activos, capitais próprios e diversos rácios de rentabilidade.

Devemos também recordar que, na 10ª Edição deste trabalho, foi inserida a análise da melhor empresa dos últimos 10 anos da Pesquisa, que passou a ser uma análise permanente na publicação, passando também a ser analisada **anualmente a “melhor empresa do ano”** com base em critérios tais como: Crescimento do volume de negócios relativo; Rentabilidade do volume de negócios; Rentabilidade de capitais próprios, Liquidez geral e Autonomia financeira.

A **KPMG** reitera as palavras de agradecimento aos participantes da pesquisa e também a todas aquelas empresas que patrocinaram e participaram na publicação através da colocação de publicidade que irá colorir as páginas da revista.



Rapariga de 21 anos de idade violada sexualmente em Maputo

Quatro jovens, agora a contas com a Polícia da República de Moçambique, violaram sexualmente, e sem protecção, uma rapariga de 21 anos de idade na madrugada do último domingo no interior do mercado Museu, na cidade de Maputo. A vítima chama-se Cacilda, reside na Catembe, e teve de ficar em observação por dois dias no Hospital Central de Maputo.

Texto: Redacção • Foto: Miguel Manguze

Tudo começou no sábado passado, quando Cacilda foi convidada por um amigo de nome Filipe Fabião para um passeio algures na cidade de Maputo. Ambos saíram da Catembe e atravessaram a baía no princípio da tarde. Por volta das 15 horas escalaram o mercado Museu, onde ficaram a consumir bebidas alcoólicas até altas horas da noite. Para além deles, havia mais três jovens conhecidos de Filipe Fabião. O “convívio” continuou pela noite dentro até que a dona da barraca onde estavam encerrou-a.

“Já era tarde, mas fomos para um outro estabelecimento, mesmo dentro do mercado. Compravam-me cerveja enquanto eles consumiam Tentação”, contou Cacilda, que afirma que, a seguir, Filipe Fabião e os três comparsas iniciaram uma cena de assédio sexual com actos de violência à mistura, uma vez que ela estava embriagada. “Agarraram-me à força e violaram-me. Isso foi na madrugada de domingo”.

Mas que relação há entre a vítima e Filipe Fabião?

“Ele não é meu namorado. Conheci-o numa barraca na Catembe”. Cacilda Manganhela explicou ainda que consumado o abuso sexual, apareceu um jovem chamado Augusto, também residente na Catembe, que considera herói, e socorreu-lhe. Levou-a para um resguardo nas



proximidades do Jardim dos Professores, na avenida Patrice Lumumba, em frente da Escola Secundária Josina Machel, a fim de pô-la a descansar.

Entretanto, entre os violadores há os que ainda não tinham satisfeito os seus apetites sexuais, tendo seguido a jovem até ao local, onde a violaram pela segunda vez. Apesar de estar bêbada e perante a incapacidade do jovem que lhe tinha prestado socorro, Cacilda tentou resistir, mas um dos malfeitores desferiu uma facada contra a sua coxa esquerda como forma de imobilizá-la.

Embora fosse tarde, e porque a “estupidez” já tinha sido novamente consumada, o grito de desespero atraiu a atenção de um guarda do prédio 254, perto do Jardim dos Professores, o qual tratou de chamar a Polícia. Esta, para além de socorrer a vítima, recolheu os quatro violadores para as celas da 2ª esquadra da Polícia da República de Moçambique, localizada na Avenida Julius Nyerere.

Segundo Manuel, o jovem que a defendeu, a vítima foi internada no Hospital Central de Maputo na mesma madrugada. A Polícia de Investigação Criminal

(PIC) abriu um auto com o número 698/2ª esquadra/2012, através do qual foi movido um processo-crime contra os violadores.

Uma jovem sem residência fixa

Cacilda disse ao @Verdade que vive com a avó na Catembe. Durante os dias que ela ficou internada a anciã não foi informada de nada, pois, de acordo com a jovem, ela está acostumada aos constantes desaparecimentos da neta, que fica dias fora de casa.

“Antes vivia na Matola com os meus tios paternos. Transferi-me para casa da minha avó na Catembe. Vivo também na Mafalala, em casa dos meus tios”.

A jovem é órfã de mãe e leva uma vida, diga-se, desregrada. Não tem lar fixo e afirma que o pai mora no distrito de Boane com uma outra mulher. Visita-o e tem uma relação saudável com a madrastra, o que contrasta com o tipo de vida que leva, pois sabe-se que muitos jovens, independentemente do sexo, são maltratadas pelas madrastras, o que os faz abandonar a família. Mas este não é o caso de Cacilda, que aparenta ser uma moça sem a noção dos perigos que existem no dia-a-dia, sobretudo para quem convive com o mundo do álcool.

Falta material didáctico para o ensino bilingue na província de Maputo

O ensino bilingue está a ser assombrado pela falta de manuais de para alunos e professores, insuficiência de pessoal qualificado e ainda pela falta de capacidade de provimento de material didáctico. Contudo, os instruendos e instrutores têm vindo a aprender algo.

Texto: Coutinho Macanandze

O chefe de Departamento de Direcção Pedagógica na província de Maputo, Silvestre Dava, explicou que o objectivo do ensino bilingue é fazer com que a língua materna seja um instrumento-chave no processo de ensino e aprendizagem dos alunos das classes iniciais, da primeira à sétima classe. Visa igualmente dotar os alunos de capacidades linguísticas como meio para se comunicarem com os diversos actores sociais.

“Não obstante as limitações ainda

existentes, tal não impede e nem prejudica o decurso normal das aulas, porque mediadas cautelares foram tomadas internamente, que passaram pela implementação de capacitações pedagógicas modulares em matérias de ensino bilingue, como forma de colmatar a falta de professores formados e de fazer um uso racional dos poucos manuais que existem para a transmissão de conhecimento, dando importância à valorização da língua materna”, disse Silvestre Dava.

Com efeito, desde que aquela modalidade de ensino foi introduzida naquela província em 1998, expandiu-se de forma gradual, estando actualmente abrangidas 16 escolas primárias completas, em oito distritos, nomeadamente Magude, Marracuene, Manhica, Matutuine, Boane, Namaacha, Moamba e Matola. Ainda há muito por se fazer para a expansão a mais escolas, pois, das 447 existentes, menos de 10% foram abrangidas pelo ensino devido a limitações financeiras, de criação de condições logísticas e à falta de pessoal técnico qualificado para responder cabalmente aos desafios.

No entanto, o número de alunos beneficiários do ensino bilingue ronda os cerca de 1.352, assistidos por 48 professores, o equivalente a três docentes por cada escola, número considerado irrisório.

De acordo com Dava, as limitações obrigam a que a Direcção Provincial da Educação condicione o número de vagas. Em cada centro do ensino bilingue são matriculados 100 alunos, ou seja, de acordo com o número de professores disponíveis.

Para o nosso entrevistado, este processo de ensino vem revolucionar a educação, criando espaço para a nacionalização e valorização das línguas moçambicanas, e fazendo dela um veículo de comunicação e, quiçá, da sua padronização em qualquer canto do mundo.

Para facilitar a compreensão e assimilação do conteúdo escolar, o ensino bilingue recorre ainda ao uso da língua materna ou de berço, como principal veículo de ensino; para o caso da província de Maputo, foram introduzidas duas línguas, designadamente o Ronga e o Changana..

A introdução desta modalidade de ensino trouxe consigo desafios que passam pela dinamização do processo de formação de recursos humanos qualificados e com capacidade para assimilar com flexibilidade os conteúdos implementados, procurando-se parcerias para a aquisição de material que ainda constitui maior preocupação do governo provincial.

“Por conseguinte, as classes que mais estão a ser prejudicadas com a falta de material escolar são a terceira até a sétima classe. As duas classes iniciais têm manuais de sobra, graças ao trabalho e esforço da Direcção Provincial da Educação que tudo fez para garantir que houvesse material suficiente para se fazer face aos desafios impostos pelo ensino”, acrescenta Dava.

“Este fenómeno resulta da falta de empresas no país, vocacionadas para a produção de manuais escolares para este ensino específico, o que acarreta custos elevados para o sector, uma vez que recorremos ao mercado internacional para a aquisição do material”, comenta o nosso interlocutor.

Apesar dos problemas, foram alcançados resultados satisfatórios, não se registando um défice de escrita e leitura. De referir que se tem obtido um aproveitamento pedagógico muito elevado, cerca de 90%, contrastando sobremaneira com os resultados do ensino monolíngue.

“A falta de material didáctico cria barreiras para a expansão e o desenvolvimento a ritmo acelerado desta modalidade de ensino e aprendizagem porque ainda se enfrenta uma gritante falta de capacidade de provimento de material, e porque não houve um acompanhamento prévio da evolução do ensino. O Governo devia ter introduzido este método paralelamente nas instituições de formação de professores para, deste modo, garantir que o ensino bilingue seja alimentado com docentes com habilidade e competência para o efeito, uma vez ainda não existir uma especialidade de formação de professores vocacionados para o ensino bilingue”, asseverou Silvestre Dava.

Silvestre Dava assegura que de momento trabalhos estão a ser realizados internamente, de modo a garantir que se adquira com antecedência os manuais suficientes do ensino bilingue para colmatar as lacunas existentes e intensificar o processo de capacitação de professores e, desta forma, criar-se condições para se aumentar o ritmo da sua implementação e expansão.

Aluga-se

uma dependência com
suite, sala e cozinha na

Av. de Angola
Bairro Micajuine

(ao lado da fabrica de gelo)

NB: Não quero intermediários.

Contacto: 828 032 921

Publicidade

Transporte Público Municipal funciona a meio gás na cidade de Maputo

O funcionamento pleno da Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo está refém de uma série de factores, dos quais se destacam a ausência de infra-estruturas próprias, insuficiência de recursos humanos, falta de material para garantir a supervisão regular das viaturas, gastos em combustíveis desajustados com a receita diária, e a insustentabilidade das tarifas praticadas pela empresa.

Texto: Coutinho Macanandze

O vereador dos Transportes no Município de Maputo, João Matlombe, refere que o maior obstáculo é o plano director ainda em análise, cuja conclusão está prevista para Dezembro próximo. Neste momento, conclui-se o processo de transferência de competências do anterior gestor (Transportes Públicos de Maputo) para o município. “Estamos numa fase piloto. Mesmo que contratemos operadores de transportes internacionais, com este mar de dificuldades que afectam a empresa, não vai mudar nada no sector”. Segundo o vereador, nesta fase piloto a Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo dispõe de 200 autocarros, 65% dos quais sob gestão da autarquia de Maputo e o remanescente da edilidade da Matola. Enquanto isso, estima-se que nas duas autarquias circulem aproximadamente 10.000 passageiros por hora durante o dia. Esta cifra impõe que haja o alargamento das faixas de rodagem nas vias de acesso para se garantir a fluidez do trânsito nos duzentos quilómetros das estradas que compreendem Matola e Maputo. O alargamento e expansão das infra-estruturas rodoviárias vão impulsionar a celeridade no transporte de pessoas e bens, a criação de oportunidades e o desenvolvimento económico do município e das populações beneficiárias.

Sublinha ainda Matlombe que o alargamento das vias e a consequente redução do tempo de viagem vão permitir a contenção dos gastos de consumo de combustível, uma melhor gestão das frotas, a preservação das viaturas, a melhoria do sistema de transportes, e a consequente diminuição da emissão de gases. De referir que cerca de 90% dos carros em circulação têm já um período de vida longo e ultrapassaram os padrões internacio-

nalmente aceites para circulação. Este factor acaba por afectar o nível de vida dos cidadãos. De acordo com o nosso interlocutor, a operacionalização da empresa em alusão acarreta custos e desafios, uma vez que é preciso melhorar as vias de acesso, e garantir uma gestão única e eficiente dos transportes nos municípios de Maputo e Matola. Estas questões, garante Matlombe, estão reflectidas no plano director e serão desencadeadas pelas duas cidades. A Empresa Municipal de Transportes Públicos de Maputo, segundo antevê o nosso entrevistado, vai resolver o dilema dos transportes na zona metropolitana através da introdução de um novo modelo de gestão, redução do tempo de viagem e aumento do financiamento ao sector. “Vai fazer com que Maputo esteja livre da insuficiência dos transportes”.

“Recebemos uma empresa desorganizada”, afirma

Num outro desenvolvimento, João Matlombe disse ao @Verdade que os municípios de Maputo e Matola receberam uma empresa sem direcção eficiente, desorganizada, em precárias condições e sem nenhum instrumento de funcionalidade. “Para inverter esta situação, estamos a apetrechar os recursos humanos, buscar formas de uma gestão séria e sustentável e a recuperar os autocarros com problemas mecânicos”.

Aumentar estradas não resolve o problema de transporte

A problemática dos transportes é nacional que, na sua opinião, não é resolvida com o aumento das vias de acesso, mas sim com

o provimento de meios circulantes confortáveis e em condições aceitáveis para uma viagem. “É preciso, urgentemente, que se alarguem as estradas já existentes e se aloquem autocarros aos locais onde a população ainda não os tem”.

Pessoas desfavorecidas vão beneficiar de subsídio de transporte

Entretanto, Matlombe anunciou uma boa nova para os municípios de Maputo: a introdução de um serviço social dos transportes, que consiste na atribuição do passe electrónico aos alunos, idosos e demais pessoas com fraco poder financeiro. Para este grupo será implementada uma tarifa mais baixa em relação à normal. Este assunto está em estudo no Ministério dos Transportes e Comunicação, onde se definirão as modalidades, tarifas e outras componentes técnicas a serem aplicadas.

Maputo vai operar com 66 carreiras

Dentro da cidade de Maputo, serão abrangidas 66 carreiras, que impulsionarão o aumento do raio de cobertura internamente, a consolidação das linhas existentes, o reforço da planificação e gestão racionais, a melhoria do processo de licenciamento, a definição de políticas capazes de rentabilizar e a expansão das frotas da empresa.

“Agravamento das tarifas é incontornável”

Contudo, Matlombe aponta que é inevitável o agravamento do preço dos transportes, porque só assim é que se pode ter uma empresa independente, autónoma e com capacidade financeira para melhorar os serviços de transporte, daí que estejam a ser feitos trabalhos no sentido de explicar as pessoas sobre a necessidade e as vantagens da alteração das actuais tarifas.

De referir que decorre o processo de transferência de competências e gestão das empresas municipais em algumas cidade do país, nomeadamente Inhambane, Xai-Xai, Tete e Matola, sendo que o da Matola está na fase conclusiva, prevendo-se a sua implementação para breve.

Publicidade

Pick n Pay

Vencedores de fim de semana Apenas 3 Dias!



55mt
Cada
Manteiga Rama
500g



230mt
Cada
Ovos Grandes
Fairacres 60 ud.



209mt
Cada
Frango Congelado
em Porções Goldi
2kg



115mt
Cada
Óleo de Girassol
PnP 2L



80mt
Cada
Corn Flakes
Kellogg's 500g



89mt
Cada
Café Nescafé
Ricoffy 250g



109mt
Cada
Leite em Pó Nestlé
Cremora 1kg



1799mt
Cada
Mini Forno
Fuchs Ware 26L

Sempre aqui para si

PREÇOS VÁLIDOS DE 05 DE OUTUBRO ATÉ 07 DE OUTUBRO DE 2012
AVENIDA DE ANGOLA 1745. TEL: 2146 8600

Para queixas ou elogios - servicocliente@pnp.co.mz

Horário
Segunda a Sexta 08:00 - 20:00
Sábado, Domingo e feriados 08:00 - 18:00

www.picknpay.co.za

Quantidades limitadas ao stock existente.
Interditada a venda a retalhistas. E&OE.

Um novo despertar para Elsinha

Nem sempre ter pais é um porto de abrigo com desfecho feliz. Elsinha foi abandonada pelo pai devido à sua deficiência física. Ficou só com a mãe. A vida sempre dá voltas e uma boa acção mitigou o sofrimento da pequena criança. Apesar de o gesto de Dino Foi ser enorme, Elsinha ainda precisa de cuidados especiais.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: Miguel Manguze

O @Verdade reportou a história de Elsa Magome, ou simplesmente Elsinha, há dois meses. Ela vive nos braços da mãe desde os dois anos de idade (agora tem 10). Não fala, nem come sozinha, e não se pode manter de pé. Elsinha é uma criança que só foi amada pelo pai até aos dois anos de idade. Depois de ter contraído a deficiência que a tornou literalmente dependente, o seu progenitor eximiu-se da responsabilidade de acompanhar o seu desenvolvimento.

Como contraiu a lesão

Quando adoeceu, ela não teve a sorte de ser levada ao hospital atempadamente, pois só volvido um ano, isto é, quando Elsinha tinha três anos de idade, é que a mãe se dirigiu a uma das unidades sanitárias da província de Maputo. Nessa altura, a menor tinha perdido o equilíbrio e os pés e as mãos já estavam atrofiados.

“No hospital disseram-me que ela tinha paralisia e que tal se deveu ao facto de termos levado muito tempo em casa. A doença foi-se intensificando de tal maneira que a menina acabou por desenvolver a doença”, explica.

Elsa Dombo, que procura dar todo o carinho a Elsinha, acrescenta que foram estes os problemas que fizeram com que o seu ex-marido abandonasse a família porque alegadamente não queria cuidar da menina, ou seja, quase que negou a paternidade devido às deficiências físicas que ela foi contraindo com a doença.

A nossa interlocutora disse que, devido à gravidade da situação, primeiramente dirigiu-se ao Hospital Geral da Machava (HGM), onde Elsinha foi submetida a análises, mas qual não foi o seu espanto quando foi transferida para o Hospital Central de Maputo (HCM) porque no HGM não havia material laboratorial para detectar a doença.

Chegados ao HCM, Elsinha foi submetida mais uma vez a outras análises médicas, para se identificar o problema. Os médicos daquela unidade hospital, a maior do país, concluíram que ela sofria de paralisia.

Após o diagnóstico, começou a seguir os tratamentos, mas a verdade é que a saúde da menina foi-se agravando a cada dia que passava, de tal forma que ela ficou com os membros superiores e inferiores atrofiados.



A cadeira foi desviada

Entretanto, algumas pessoas ficaram sensibilizadas quando se aperceberam dos problemas que Elsinha tinha. Segundo a mãe, durante os dias em que a menor esteve no leito do Hospital Geral da Machava, um dos médicos deslocou-se à sua casa para se inteirar das condições de vida da família.

Durante a visita, ele terá dito que faria de tudo no sentido de arranjar uma cadeira de rodas para a menor. Era um presente que era ansiosamente aguardado, mas terão decorrido três anos sem que o mesmo chegasse.

De acordo com Elsa Dombo, o médico disse que assim que a cadeira de rodas fosse adquirida, teriam de se dirigir ao círculo do bairro para proceder ao seu levantamento. No princípio deste ano, o presente por que tanto a família de Elsinha esperava e que amenizaria o seu sofrimento chegou, mas desapareceu misteriosamente do círculo. As estruturas alegam que houve um engano e que a cadeira não era para ela.

“Sempre que eu me deslocava às estruturas do bairro garantiam que a minha filha iria beneficiar de uma cadeira de rodas para facilitar a sua locomoção, oferecida pelo Hospital Geral da Machava. Só que no princípio deste ano disseram-me que já a haviam recebido, mas por engano deram a uma outra pessoa deficiente da mesma zona”.

Depois disso, ela foi aconselhada a aguardar pela próxima oportunidade embora sine die. “Até hoje não há nenhum sinal, apesar de ter comprovativos de que a minha filha teria uma cadeira de rodas. A cada dia que passa fico com dores no peito devido ao peso dela. Levar uma criança de 10 anos de idade ao colo não é fácil. Mas não posso fazer outra coisa, é minha filha”, diz.

O “fim” do martírio

Na tarde do dia 1 de Outubro, o cidadão Dino Foi mudou a vida de Elsinha. Ofereceu a tão ansiada cadeira de rodas que a mãe de Elsinha esperava há anos. Quando @Verdade chegou, com Dino Foi, à casa de Elsinha, ninguém esperava pela visita. Perdemo-nos duas vezes e só passada meia hora é que nos indicaram o caminho certo.

Quando chegámos Elsinha estava dentro de casa, estendida numa esteira. Informámos os nossos propósitos. Quando a cadeira irrompeu do porta-malas da viatura que nos levava, os olhos do irmão de Elsinha brilharam. Rapidamente a criança foi colocada na cadeira de rodas e os apertos de mão, expressando o mais profundo agradecimento, vinham de todos os lados. Uma dezena de minutos depois chegou a mãe de Elsinha que não cabia em si de contente.

“Que Deus lhe abençoe meu filho. Não deixe esse espírito”, disse. Dino Foi, visivelmente emocionado, não foi capaz de construir uma frase. Agradeceu ele também e partimos.

A viatura do benfeitor, no final da visita, ficou cravada de riscos por causa das cercas de plantas espinhosas que dividem os quintais de muitas residências daquele bairro desordenado que a falta de dinheiro não permitiu mudar o rosto, mas a satisfação de ter reduzido o sofrimento de uma família compensa tudo. “Não há dinheiro que pague a alegria que vi no rosto daquelas pessoas”, confessou.

Caro leitor

Pergunta à Tina... Qual é a tua opinião sobre a legalização do aborto?

Olá meus queridos leitores! A pergunta que faço é muito séria e acredito que todos nós temos uma opinião formada acerca deste tema, porque o aborto é uma questão que divide corações e mentes em todo o mundo. Não nos devemos esquecer dos dados estatísticos que indicam que apesar de estarem a aumentar os abortos feitos nas unidades sanitárias, continuam a ser milhares as mulheres que morrem em consequência do aborto clandestino em Moçambique. Há anos, o aborto vem sendo provocado por vários métodos diferentes, e os seus aspectos morais, éticos, legais e religiosos são objecto de intenso debate em diversas esferas da nossa e demais sociedades. Quero saber, meus fiéis leitores, quais são as vossas opiniões e dúvidas em relação a este tema.

Envie-me uma mensagem através de um sms para 821115

E-mail: averdademz@gmail.com

Oi Tina. Tudo bem? Será que uma mulher que procura o prazer solitário introduzindo alguns objectos na vagina continua virgem ou não? Beijinhos. Amina.

Olá Amina. Eu estou bem, espero que tu também. Gostaria de saber a tua idade querida. O prazer solitário a que te referes é o que chamamos masturbação. Masturbar-se é propiciar prazer ao corpo, especialmente ao aparelho genital, através de estimulação com as mãos. A masturbação é um modo de praticar sexo seguro abrangendo indivíduos de todas as faixas etárias desde o despertar sexual até a terceira idade. Esclarecendo a tua dúvida, uma rapariga pode sim romper o seu hímen, com a introdução dos dedos ou de objectos na vagina durante a masturbação. O sangramento vai depender de cada rapariga e da situação. Mesmo numa relação sexual, onde há a penetração do pénis, nem sempre as mulheres sangram na primeira vez. Da mesma forma que nem sempre o hímen se rompe na primeira penetração. Há casos de hímenes cujos tecidos são resistentes, em que só haverá rompimento do tecido quando a mulher se submete a um parto normal. Portanto, lembra-te de que há diferentes tipos de hímenes e há também diferentes tipos de mulheres. Até o facto de estar muito excitada (e “molhada”) pode facilitar a penetração e evitar o corte do hímen. Querida, evita introduzir certos tipos de objectos que possam causar danos no interior da vagina sem que tu te apercebas. Procura o serviço de aconselhamento para adolescentes e jovens (SAAJ) para que possas esclarecer mais dúvidas e aprender muito mais acerca da saúde reprodutiva. Beijinhos..

Olá Tina. Tenho 23 anos de idade e há quatro anos que não consigo engravidar. Ele quer tanto ter um filho... O que faço? Ajuda-nos. Beijinho. Wan.

Olá Wan. As causas para a dificuldade em fazer filhos podem ser várias. É importante que sejas observada por um médico para que ele possa fazer o diagnóstico certo. É também importante saber se vocês alguma vez já fizeram o tratamento contra a infertilidade; se sim, por quanto tempo? Meus queridos, a infertilidade é algo muito sério e o tratamento costuma ser demorado, mas seguindo à risca o tratamento e o conselho do médico, vocês podem gerar o filho que tanto desejam. Durante a fase do tratamento, os sintomas emocionais como, por exemplo, a ansiedade e o medo de não resultar confundem-se, fazendo por vezes que a mulher tenha sintomas e sinais de uma gravidez, o que chamamos de Gravidez Psicológica. Tu és jovem, marca uma consulta com um médico obstetra para que ele possa ajudar-vos nessa fase. E não se esqueçam de que o apoio um do outro é muito importante. Desejo-vos coragem, boa sorte e muitas felicidades.

MozMed A plataforma virtual de saúde em Moçambique

Manda tuas questões através de SMS para 6640 ou Internet <http://mozmed.com/> e recebe resposta dos especialistas de saúde e de outros cidadãos

Livro de Reclamações d'Verdade



O acto de apresentar as suas inquietações no **Livro de Reclamações** constitui uma forma de participação dos cidadãos na defesa dos seus direitos de cidadania. Em Moçambique, assistimos de forma abusiva à recusa ou omissão, em muitos estabelecimentos comerciais e em instituições públicas, da apresentação do **LIVRO DE RECLAMAÇÕES** aos clientes, mesmo quando solicitado. Na ausência de uma autoridade fiscalizadora dos Direitos dos consumidores, tomámos a iniciativa de abrir um espaço para onde o povo possa enviar as suas preocupações e nós, o jornal @Verdade, tomámos a responsabilidade de acompanhar devidamente o tratamento que é dado às mesmas.

Reclamação

Ontem, de madrugada, um grupo de cinco agentes da Polícia de Protecção, sem nenhum polícia de trânsito, mandaram-me parar e exigiram os documentos. Eu prontamente mostrei-os, mas não lhos dei.

Depois revistaram o carro, abriram as malas enquanto me acusavam de ser uma pessoa perigosa e diziam que eu não gostava deles. Quando lhes disse que ia tirar uma foto com o meu telefone, pois considero o

acto ilegal, ameaçaram prender-me. Até tiraram as algemas. E no fim, como não encontraram nada, deixaram-me ir.

Pergunto agora: qual é a vossa opinião sobre este assunto e porque é que eles insistem sempre em, depois da meia-noite, mandar parar carros apesar de não serem polícias de trânsito e ameaçando com metralhadoras as pessoas que circulam pelas nossas estradas?

Opinião da LDH e IPAJ

Para perceber até que ponto os agentes da Polícia de Protecção em causa teriam ou não excedido os limites na sua actuação, o @Verdade contactou a Liga dos Direitos Humanos (LDH) e o Instituto de Patrocínio de Assistência Jurídica (IPAJ).

Segundo a LDH, a Polícia de Protecção não tem o direito de exigir aos condutores a carta de condução e o livrete. Esta tarefa cabe à Polícia de Trânsito, uma vez ter competências e domínio de matérias de trânsito rodoviário.

O advogado da LDH, Alfredo Gomes, considera que a atitude tomada pelos cinco agentes no caso em análise é ilegal e constitui um atropelo à Lei. Mostra que a corporação extravasou as suas competências. Usurpou o poder e violou os estatutos da corporação.

“Caso se confirme e se comprove através da reconstituição dos factos e o queixoso apresente provas, os agentes da PRM podem, por um lado, responder na Justiça, e, por outro, incorrer em processo disciplinar à luz dos estatutos paramilitares que norteiam a corporação”, comentou Alfredo Gomes.

Contudo, sublinha que a arrogância de alguns polícias leva, por vezes, a que falem ao respeito os cidadãos, o que denuncia um desconhecimento das funções.

Por seu turno, o IPAJ tem um posicionamento contrário ao da Liga. O assistente jurídico daquela instituição, Florindo Meque, entende que não existe nenhuma ilegalidade em os agentes em alusão terem agido daquela forma. A PRM tem o direito e o poder de interpelar qualquer viatura para confirmar o título de propriedade do condutor.

De acordo com Meque, só há ilegalidade quando o acto de confirmação do título de propriedade do condutor é acompanhado de excesso de zelo por parte da Polícia. Esta não pode de forma alguma atentar contra a integridade física e psicológica do condutor.

“Portanto, é preciso que se reúnam provas do caso e se faça chegar à esquadra pertencente à área de jurisdição em que o facto ocorreu. Acho que não constitui violação qualquer verificação da carta de condução e livrete por parte da PRM. Casos idênticos acontecem quando a Polícia de Protecção é acompanhada por agentes de trânsito”, disse.



As reclamações apresentadas neste espaço são publicadas sem edição prévia, e da exclusiva responsabilidade dos seus autores. O Jornal @VERDADE não controla ou gere as informações, produtos ou serviços dos conteúdos fornecidos por terceiros, logo não pode ser responsabilizado por erros de qualquer natureza, ou dados incorrectos, provenientes dos leitores, incluindo as suas políticas e práticas de privacidade.

Escreva a sua **Reclamação** de forma legível, concisa e objectiva, descrevendo com pormenor os factos. Envie: *por carta* – Av. Mártires da Machava 905 – Maputo; *por Email* – averdademz@gmail.com; *por mensagem de texto SMS* – para os números 8415152 ou 821115. A identificação correcta do remetente, assim como das partes envolvidas permitir-nos-á que possamos encaminhar melhor o assunto à entidade competente.

“Os moçambicanos são um povo sem ideias sólidas”, Elísio Macamo

A disfunção do Estado moçambicano na resposta aos inúmeros problemas sociais com que o seu povo se debate provém do facto de o mesmo povo estar desprovido de uma consciência crítica e objectiva. Ele é passivo, sem ideias e sem questionamento, considera o sociólogo Elísio Macamo.

Texto: Coutinho Macanandze • Foto: people.com



O académico, que dissertava na quarta-feira, dia 3, em Maputo, numa palestra subordinada ao tema “Por uma Sociologia Objectiva”, explica que os moçambicanos só podem melhorar os seus posicionamentos e exercer influência no debate sobre a implementação de políticas governativas se estiverem à altura de perceber a própria realidade, os fenómenos locais e as modificações sociais.

Elísio Macamo define Sociologia Objectiva como aquela que cumpre a tarefa de resgatar e melhorar o senso crítico, definindo com precisão as soluções dos problemas que as pessoas enfrentam no seu quotidiano. Segundo ele, trata-se de um

ramo do saber que pode colmatar o défice de crítica e de questionamento nas sociedades, neste caso a moçambicana.

Macamo diz ainda que a população continua a agir e a criticar sem objectividade, daí que se estejam a multiplicar acções não sólidas e ilusórias, incapazes de contribuir para a melhoria do exercício de cidadania e de articulação de ideias que satisfaçam objectivamente a sociedade no seu todo.

De acordo com o palestrante, a acção e a crítica objectiva permitem aos cidadãos a busca de respostas para os problemas pelos quais passam e, desta forma, possam manifestar a sua existência.



Mamparra of the week

Jorge Khálaw
Afonso Dhlakama

Meninas e Meninos, Senhoras e Senhores, Avós e Avôs

O Mamparra desta semana é dividido por dois ilustres merecedores. O líder da Renamo, Afonso Dhlakama, e o comandante-geral da Polícia da República de Moçambique, Jorge Khálaw. Homens de linguajar algumas vezes belicista, muitas vezes por cima da lei, não estiveram fáceis esta semana.

Dhlakama ressurgiu dos seus ‘escombros’, em Nampula, com a pomposa chegada a Quelimane, capital da Zambézia, onde alegadamente vai reunir a Comissão Política do seu partido, com ameaças mamparras que já não têm espaço e nem razão de ser. O mamparra do líder da oposição ameaça impedir a realização de eleições nos próximos anos, se não forem satisfeitos os seus apetites na revisão eleitoral.

Num momento em que o país celebra 20 anos do Acordo Geral de Paz (AGP), ele perde uma soberana oportunidade de marcar um passo, quando começa a ameaçar boicotar processos eleitorais perante o crescimento do Movimento Democrático de Moçambique (MDM), que tem estado a saber preencher os mesmos. Para o mamparra do líder da Renamo, “Aquilo é uma fantochada, não é nada. O que é o MDM? São uns miúdos que eram da Renamo e que eu, o Dhlakama, ensinei”.

E para não variar, o comandante-geral da Polícia e a instituição quase que no seu todo voltaram a subir no *podium* destinado aos mamparras, por uma vez mais prenderem para investigar.

Sim, a nossa polícia prendeu um tal Bakhir Ayoob, ao que se diz, genro do MBS, durante nove dias, após esta ter mantido durante um tempo uma ordem de execução da tal medida para um sábado!!!

Que polícia é esta que acata a execução de mandados ilegais? A quem beneficia esta relutância do Governo em mandar a Polícia de Investigação Criminal para a jurisdição do Ministério Público? Respondam para que não se repitam estes episódios (já cansativos, diga-se) de os garantes da ordem e tranquilidade atropelaram a Constituição.

Sim, porque ainda há poucos meses, ficámos espantados com uma outra mamparrice de Jorge Khálaw, quando, de viva voz, perante as câmaras de televisão e para sair bem na fotografia, disse que a polícia não ia obedecer a ordem de “nenhum juiz”!

Felizmente, o Conselho Constitucional veio pôr ordem àquela mamparrice que quase se eternizava na PRM, com um acórdão. E esta não foi uma mamparrice dita por um leigo qualquer, desconhecedor da lei: Khálaw é formado em direito.

Estes dois casos de mamparrices merecem uma análise profunda, colectiva, por gente especializada em tratar com frieza este tipo de casos. Dhlakama há muito que se abalou da capital do país com destino a Nampula por razões que só ele sabe. Khálaw há pouco tempo esteve em Nampula.

Será que eles combinaram que iriam subir juntos ao *podium* do mamparra?

É que já dá para desconfiar desta tamanha coincidência, que bateu de longe outros candidatos saídos há dias dum congresso em Pemba.

Mamparra, mamparra e mamparra.

Até para a semana!

Cidadania

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

@Verdade EDITORIAL: A vitória da cobardia
<http://www.verdade.co.mz/opiniao/editorial/30799>
7 • pessoas • gostam disto.



Nelson Livingston
Nao sao os jovens q estavam em Pemba q vivem a tragica realidade da falta d emprego e ou habitacao. Segunda-feira às 18:45 • Gosto • 1



Ivo Luís Piombo
Estou sem palavras para o que acabei de ler isso demonstra claramente aquilo k tem acntecido desde muito o partido dos camaradas sou tem lembrado dos jovens apenas nas vespuras das eleições mais quanto é para tratar de assuntos que interessam os jovens eles nem estão ai. Mas tambem foi bem pensado pela frelimo levar jovens pra pemba para não criticarem mas sim darem falsos elogios ao partido. Segunda-feira às 18:50 • Gosto • 1



Luis Jorge Pott
Fraga Secalhar nunca foram jovens, a juventude é primeiro que tudo um estado de alma... na presença de um espirito... pelo pulsar de um coração apertado... ou como diria o outro um Xi-Moio ;) sem Moya, sem Moyo sem nada e na paz dos vencidos ou por outra um jovem padecendo de um espirito enfermo, quem me contaminou o futuro ? sem

resistencia não á luta, um guerreiro sem luta é um espirito desarmado, é uma alma sem guarda que jaz na presença de um pais abandonado na boca de um...? Ontem às 2:45 • Gosto • 1



Rafik Abdala
aqueles jovens que lá estiveram foram lhes injetado elevada dose de ópio para um sonambulismo profundo ya. Segunda-feira às 18:51 • Gosto • 1



Lenio Nhampossa
Piada triste! Era de esperar, os jovens que la estiveram mamam nas tetas do Partido-Estado, e levam vidas de Lordes! Segunda-feira às 18:56



Valdez Estevao
Bubutela eles estao cientes do perigo q esta eminente,se forem a colocar um jovem a casa cai,o motivo foi exe Segunda-feira às 19:02



Hermenegildo Da Conceição Bila
Sinceramente..... Ja era de experar... Tou sem comentario Segunda-feira às 19:10 através de telemóvel • Gosto • 1



Osvaldo Alexandre
Nhanombe Tenho certeza que os jovem k xtavam la sao netos

e filhos sobrinhos dos frelimistas em cargos visíveis para serem visto c o chef para ascenderem poder juntament c a filha do president k estava na lista dos antigos combatents em depilar os recursos d moz Segunda-feira às 19:31

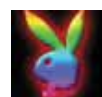


Narciso A. Machava
Toda a juventude que lá esteve não passa duma "Réplica" Guebuzista, formatados, (desin) formados pela maquina "Frelí", e que só escovam a caraca e lambem as Botas dos "camaradas". Segunda-feira às 19:31



Gabriel Mucachua
Invazor A maioria dos jovens nao gostao de questionar porque tem medo de serem marcados mas com

tudo a maioria dos jovens nao foram. Segunda-feira às 19:31



Cesar Mabota
sinceramente foi uma vergonha! jovens surdos, mudos, cegos... foran fazer turismo em penba,e dzer yes boss... Segunda-feira às 19:59 Gosto



Hermenegildo Da Conceição Bila
Epha ta provado em penba o congrexo era para os cotax..... Vale mais ter um paxaró na mao doque dois a voarem... Isto é se eles axam que é o certo o que fizeram e pelo mais ou menos a meia paz em moz não vamos aplaudir maj sim contentarnos.. Segunda-feira às 22:17

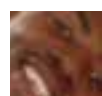
goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade



Jornal @Verdade
O Maxaquene perdeu na tarde deste domingo (30) em Xinavane diante do Incomati e relançou a luta pelo título do Campeonato Nacional de futebol, o Moçambola, quando faltam sensivelmente cinco jornadas para o fim da época futebolística. A diferença para com o segundo colocado, o Ferroviário de Maputo, reduziu para seis pontos. 19 pessoas gostam disto.



Joaquim Joao Correia
nao reduziu muito... campeonato e' assim mesmo...o Chingale de tete que vai tentando sair da zona vermelha... Segunda-feira às 7:19



Dinis Chirute
xta mal ixto, o campeao vai se definir nas ultimas jornadas, se n for mxm na ultma jorda. Segunda-feira às 7:19



Calisto Alexandre
Assim o campeonato vai animar mais. Segunda-feira às 7:23



Clayton Reggie
Enavit Tem de haver competitividade em um campeonato. Segunda-feira às 7:30



Fernando Nhabanga
Quem corre sozinho esta sujeito a todo o tipo de incidente, o bom e esperar pelos outros. Segunda-feira às 7:32 • Gosto • 2



Gildo Ramos
Zefanias Chichongue Valeu, nao queremos campeonato espanhol aqui. Isto é Moxambola. Segunda-feira às 7:40 • Gosto



Quim Rodrigues
como foi isso???? Segunda-feira às 8:08



Jate Manjate
Nada esta perdido, o semaforo estava vermelho e quando é assim tem se parar. P'ra semana estará tudo nos conformes. Mbora-la Maxaquene, pegar o canecao 2012.... Bom dia a todos.... Segunda-feira às 8:30

goste de nós no
facebook.com/JornalVerdade

Jornal @Verdade partilhou uma ligação

De referir que é na Estação de Tratamento das Águas Residuais de Infulene onde a matéria orgânica é reduzida em cerca de 80 por cento antes de ser lançada ao mar, o que significa que, enquanto não for reparada a avaria no posto de transforma... 6 pessoas • gostam disto.



Carlos Rebelo
é triste... deviam de por anúncios, nas praias para ninguém tomar banho... é complicado Domingo às 20:41



Zuber Ashraf
Como podem ignorar? A baía cheia de merda e nem sequer alertam a população? Há crianças a banharem. Haja consciência. A cidade das acácias esta podre e sobrelotada... Domingo às 22:50



Zito Tomas
Isto é uma vergonha e aindac ha quem goste. Damm Domingo às 22:28



Mauro Manhica
Maputo virou uma massa húmida, pútrida e fétida. Segunda-feira às 12:07



Por SMS para 82 11 11
Por email para averdademz@gmail.com
Por twitte para @verdademz
Por mensagem via Blackberry pin 28B9A117

CIDADÃO Pedro REPORTA:

A Constituição da República, no Artigo 27, número 1, alínea a) diz que pode ser concedida a nacionalidade moçambicana a estrangeiros que residam no país há pelo menos 10 anos. Mas aqui em Tete, zimbabwianos e malawianos, em menos de uma semana, já têm o BI moçambicano! Sinceramente!

CIDADÃO Adilson REPORTA:

Este é um grupo de funcionários do distrito de Morrumbene, em Inhambane, lutando pelo único jornal @Verdade que circula aqui. Confidenciaram-nos que para obter o semanário devemos ir à cidade da Maxixe ou Inhambane! Assim o jornal vai custar 40 / 60 Mt que é o preço da viagem. Questiono: quando é que o jornal vai chegar aqui ao nosso distrito?

CIDADÃO Emília REPORTA:

Há dias que os semáforos num dos mais movimentados cruzamentos de Maputo (entre as avenidas Julius Nyerere e Eduardo Mondlane) estão avariados. Após a esquina "à caça" estão dois "cinzentinhos" em cada lado. Polícia de Trânsito para organizar o tráfego nem sinal!

CIDADÃO REPORTA:

Acidente de viação na EN4 na zona da Casa Branca provoca engarrafamento no sentido Matola-Maputo.

CIDADÃO Enoque REPORTA:

Crianças em perigo. Trata-se de cinco menores de rua que supostamente fugiram da Casa do Gaiato, em Boane, segundo informações colhidas no cruzamento entre a EN4 e avenida Josina Machel, vulgo CERES, onde elas se encontram.

CIDADÃO Skeleton REPORTA:

No cruzamento entre a avenida Julius Nyerere e a rua da Beira há um congestionamento provocado por um acidente entre um Toyota Coaster e um Toyota Camry. Não há feridos, pelo que parece. Até este momento não há presença dos agentes da Lei e Ordem no local.

CIDADÃO Bertha REPORTOU:

Grave acidente de viação esta tarde no cruzamento entre as avenidas Joaquim Chissano e Acordos de Lusaka, em Maputo.

CIDADÃO Miguel REPORTA:

Na avenida 24 de Julho, ao lado do Banco Oportunidade, duas viaturas (uma Golf 4 e um mini-bus de marca Toyota) estão a arder... Após umas horas e com as viaturas completamente destruídas, apareceram os bombeiros.

CIDADÃO Ussumane REPORTA:

Após o grande duelo entre militares que combateram após a independência, o desfecho foi desfavorável! Só recebem o chamado Bónus de Reinserção Social, que é igual a migalhas! Privados de escolarização e de cuidar das suas famílias, outros tombaram na guerra... o Governo de Guebas diz que isso não é nada. Só eles é que têm o direito de serem "ricos". É isto democracia? Usar as pessoas para depois espezinhá-las? Ajudem esses pobres ex-militares que foram desgraçados por se fazerem passar por defensores da pátria. O boss deles deve ter sido bem aliciado para calar a boca.!Help help help them.!

Veja todos reportes em [verdade.co.mz/cidadaoreporter/](http://www.verdade.co.mz/cidadaoreporter/)

Ecoss do X Congresso

Muita expectativa foi criada em torno do X Congresso, o denominado “Congresso dos Congressos”, desde a logística que movimentou, até à expectativa em relação ao possível futuro candidato às eleições presidenciais de 2014. O facto é que, terminado que está, pouco ou nada mudou e eu, como membro do Partido FRELIMO e, sobretudo, como moçambicano, tenho a sensação de que o Congresso não satisfaz as expectativas à volta dele criadas: tudo ficou na mesma em relação aos que detêm o poder (já se sabia que Guebuza era candidato único à sua própria sucessão, mas poucos esperavam a “manutenção” do Secretariado Geral).

O maior vencedor deste Congresso foi, sem dúvidas, Filipe Chimoio Paúnde, certamente uma figura que não reunia consenso no seio do Partido, apesar de eu pessoalmente reconhecer o trabalho brilhante que ele tem vindo a fazer (até porque não é possível o presidente, como coordenador, colher louros sem a participação do Secretário-Geral, que lidera a equipa executiva).

A única grande surpresa foi a “revolução” que se verificou na composição do Comité Central, o que (com)prova que na FRELIMO não existem intocáveis e esta é uma organização de todos os seus membros de pleno direito e não somente de alguns. Aliás, se nos lembrarmos, nem Samora, nem Chissano, nem Guebuza são membros fundadores da FRELIMO, nem estiveram presentes no I Congresso, o que significa que o partido é dirigido por membros não fundadores há mais de quarenta e dois dos seus cinquenta anos de existência.

Em relação ao debate das teses, pareceu-me que alguns congressistas estavam a aproveitar aquele momento ímpar para dizerem algo que não conseguiam dizer em outros fóruns, apesar de serem figuras proeminentes da arena política nacional. Será a tal ausência de diálogo aberto? É que alguns assuntos levantados (como é o caso do subsídio à Agricultura) já são antigos e deveriam estar em implementação.

Questões ligadas à habitação, sobretudo para os jovens, não foram devidamente aprofundadas. Por exemplo, o Partido poderia ter orientado os Municípios sob sua tutela a priorizarem os jovens na atribuição de talhões para a construção, criando modalidades de pagamento das taxas devidas que correspondam às suas reais capacidades financeiras. O Partido deveria ter orientado o Ministério das Obras Públicas e Habitação (através do FFH – Fundo para Fomento de Habitação) a subsidiar o crédito à habitação da banca, de modo a reduzir o seu custo, ao invés de construir casas e disponibilizá-las a onze mil Meticais por mês, sabido que o licenciado que é funcionário do Estado recebe cerca de dezassete mil Meticais.

O Partido deveria ter orientado o Governo a criar um fundo especial para as iniciativas juvenis dos recém-graduados (uma espécie de Fundo Nacional de Empreendedorismo), porque iniciativas empreendedoras não têm cobertura orçamental nos “sete milhões” que, como se sabe, priorizam a quantidade de projectos aprovados e não a sua qualidade; daí que a gente oiça dizer que um certo distrito criou três mil postos de trabalho com menos de cinquenta milhões de Meticais, o que pressupõe que esses postos de trabalho, que chegam a custar menos de quinze mil Meticais, não são de qualidade.

Tomo como suporte o projecto dos jovens graduados da Escola Superior de Ciências Marinhas e Costeiras, que receberam financiamento do Ministério das Pescas para o

desenvolvimento da Piscicultura, estimado em cerca de 2,3 milhões de Meticais, mais de um terço dos “sete milhões”.

O relatório do Comité Central indica que cerca de 64% dos membros da FRELIMO são jovens que, entretanto, só têm uma quota de 20% nos órgãos do Partido. Reagindo à proposta de um congressista, que propunha a revisão da quota da juventude, Ana Rita Sithole, no Programa “Quinta À Noite” da TVM, transmitido em directo a partir de Pemba, perdeu toda a pose e o respeito e admiração que eu nutria por ela, ao tentar fazer passar a mensagem de que os jovens só não ocupam mais espaço no Partido devido ao seu comportamento, “porque as pessoas são escolhidas a partir da base, alguns jovens não conhecem as células, o seu comportamento perante os chefes locais dita a sua não indicação aos órgãos...”.

Uma mentira que roça a arrogância. Se existe uma barreira (a barreira dos 20%), como pode um órgão ter mais do que essa percentagem? Porque o congresso não renovou o Comité Central em 80%? Não foi em respeito à percentagem fixada? Ademais, por que esse comportamento dos jovens, que os impede de serem eleitos para os órgãos, não os impossibilita de liderarem as campanhas da FRELIMO nos pleitos eleitorais?

Porque esse comportamento não impossibilita o Estado de ir ao mercado e recrutar jovens para o seu quadro de pessoal? Quantos jovens já apareceram envolvidos em escândalos de desvios de fundos no INSS, nos ADM, no MINT, nas DPPF's, etc? Ao pronunciar-se naqueles termos, Ana Rita Sithole ofendeu não só os jovens da FRELIMO, mas à própria OJM, composta por pessoas sérias e que garantem o sucesso do Partido e do Estado moçambicano.

No fim de contas, este pode vir a ser o Congresso que mais frustrou as expectativas dos membros do Partido e dos moçambicanos, em geral. Pode ter sido um congresso dinástico, que abriu fortes precedentes para o que possa vir a acontecer no Partido nos próximos tempos. Um congresso que, através da aprovação dos Estatutos do Partido, pode ter legitimado a subjugação do Governo perante o Partido (em que, no futuro, veremos o Presidente da República ou o Primeiro-Ministro a prestarem contas a um Ministro ou Director Nacional, por este ser membro da Comissão Política).

Um congresso que, contrariando a opinião popular de Guebuza passar o testemunho para a sua esposa, viu o mesmo a perpetuar o seu sangue no Comité Central, roubando um lugar aos libertadores da pátria para dar à sua querida filha, sem passado nem história na OJM (seria mais compreensível se ela tivesse entrado na vaga de agentes económicos). Um congresso que, no lugar de unir mais os moçambicanos do Rovuma ao Maputo e do Zumbo ao Índico, parece ter dividido mais as opiniões, embora ninguém prefira comentar isso, em nome da disciplina partidária, mesmo sabendo que tal facto traz consequências nefastas para o Partido, a médio e longo prazo.

E para disfarçar esses problemas, continuaremos a ouvir, nos próximos tempos, discursos de bajulação e périplos por todo o país, saudando e festejando a estrondosa vitória dos chefes (Guebuza e Paúnde), uma vitória vazia e sem sabor porque não há glória em lutar contra si próprio e reclamar mérito.

Mahadulane

Sobre os Sete Milhões

Sabe-se que há mais de cinco anos que o Governo de Moçambique tem vindo a libertar anualmente o Fundo para Iniciativas Locais, os famosos Sete Milhões, para todos os distritos do país, num gesto claro de camaradagem para alimentar os administradores e seus comparsas das secretarias distritais.

A ideia pode ter sido boa aquando da sua elaboração, mas tornou-se péssima na medida em que não há prestação de contas do valor, é usado para a satisfação de um grupo de gente que foi aos distritos buscar riquezas, que constrói uma casa após outra, compra carros, tudo em nome do povo tão passivo como os que testemunharam a morte de Jesus. E o dito Governo Central apenas alegra-se e conforma-se com relatórios de microempresas e empregos criados que apenas existem no papel.

Em todos anos é a mesma família de chefes beneficiária, o que contribui para não haver devolução.

Tal brincadeira com o suor do povo acontece neste país em que a água potável não existe para muitos, não está assegurada a alimentação da população, há pessoas a caminhar dezenas de quilómetros para encontrar uma unidade sanitária, e se encontra não tem os medicamentos essenciais, “não existe” o Fundo para o Fomento de Habitação, e muitos outros problemas que só o povo sente na pele.

Pela importância que se apresenta tal assunto, convida-se a reflectir sobre as seguintes questões:

1. Em que medida os Sete Milhões ajudam no desenvolvimento do povo e dos distritos?
2. De onde surge tal dinheiro que é distribuído para a obesidade dos administradores, secretários permanentes, chefes das secretarias e companhia?
3. O que diz o povo, não os que dizem que oferecem o dinheiro, sobre tal fundo?
4. A quantos anda a taxa de devolução?
5. O que dá para manter e/ou mudar na gestão do mesmo?

Jorge Alberto

**Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias d'Verdade no telemóvel.**

**ENVIE UMA SMS PARA O
NÚMERO 8440404 COM O
TEXTO
SIGA VERDADEMZ**



www.verdade.co.mz

MURAL DO POVO

“NO OFÍCIO DA VERDADE, É PROÍBIDO PÔR ALGEMAS NAS PALAVRAS” - CARLOS CARDOSO

CIDADÃO REPORTER
Reporte @Verdade

MURAL DO POVO - Expulsão de estudantes na Universidade Pedagógica - Delegação de Maputo

É com muita mágoa me dirijo a esse mural do povo. Mas antes de mais, vão as minhas calorosas saudações. Enquanto decorria o X Congresso da Frelimo em Pemba, mais da metade dos estudantes do pós-laboral eram expulsos da Universidade Pedagógica-

ca, Delegação de Maputo. Em causa estão as dívidas. O problema é causado pelo sistema em vigor naquela instituição, onde maior parte dos discentes depende do salário.

A medida de expulsão foi tomada de forma abusiva pela nova direcção, sem nenhuma tentativa de diálogo com os estudantes, que há muito clamavam por uma explicação sobre os

sistemas de pagamento. Lá vai o segundo semestre e as turmas ficaram desertas, o que causou pânico não só aos estudantes (agora sem rumo, expulsos sem qualquer orientação). O pânico estendeu-se também aos pouquíssimos que permaneceram e aos docentes.

A medida, que parece mais de um sector privado que publico, ainda corre na

instituição. Pedimos a intervenção de quem de direito na solução deste caso e com urgência. De noite está lá a minoria, disposta a esclarecer o fenómeno cujos responsáveis tentam abafá-lo internamente, e a todo o custo, como se os estudantes tivessem pautado pelo abandono. Ajudem os nossos irmãos, que já estão a perder aulas, e pior, estão desorientados. A circular está lá nas vitrinas e nas salas.

Mas as vítimas não são só os estudantes. Os docentes também. Lê-se na circular, mas essa é outra questão. Aos estudantes nada querem dizer, muito menos ouvir. Sabemos que a imprensa ajudar-nos-á a ultrapassar este problema. A verdade não pode ser silenciada.

Anónimos, mas no terreno

O jogo político de Guebuza

Na cidade de Pemba, durante o X Congresso, ficou claro que no futebol da política interna da Frelimo, Armando Emílio Guebuza não é apenas jogador e árbitro ao mesmo tempo. Também pode decidir quem joga na sua equipa. Com a sua reeleição e a do secretário-geral do partido num processo em que Guebuza e Filipe Paúnde, respectivamente, foram os únicos candidatos, já está construída a teia de interesses pessoais para os próximos cinco anos que será legitimada pelos milhares de eleitores moçambicanos no pleito eleitoral que se avizinha.

Texto & Foto: Helder Xavier



ca. Embora tenha ficado de fora, Aires Ali tem direito a assento, ao abrigo dos estatutos, segundo os quais o Presidente da República, o Presidente da Assembleia da República e o Primeiro-Ministro, quando membros do Frelimo, têm assento na Comissão Política, sem direito a voto.

Comité Central

Fazem parte do Comité Central 180 membros e 18 suplentes. O nome de Valentina Guebuza na lista dos combatentes como candidata a membro do Comité Central criou debates nos corredores do Complexo do Congresso. A discussão cresceu e transformou-se numa opção “unânime”, até porque, segundo os Estatutos da Associação de Combatentes da Luta de Libertação Nacional (ACLLN), “o filho de antigo combatente, combatente é”. A gestora de parte do império económico do seu progenitor levou a melhor vencendo com 1360 votos a seu favor, numa lista onde quatro mulheres disputavam dois assentos.

O empresário Celso Correia também foi eleito. Correia concorria na lista das Áreas Económicas e Sociais, tendo vencido Paulo Muxanga, actual PCA do HCB. Para a mesma área entram para o Comité Central Teodato Hunguana (PCA da Mcel e TDM), Rosário Mualeia (PCA dos CFM), e José Psico (PCA do Instituto Nacional do Turismo).

Quem também entrou para o Comité Central é Alberto Nkutumula, vice-ministro da Justiça e porta-voz do Governo, na lista de Jovens.

Ficaram de fora Teodoro Waty (PCA das LAM), Isaú Meneses, António Hama Thai, Jorge Rebelo, Jacinto Veloso, Ivo Garrido, António Sumbana, Roberto Chitsonzo, António Fernando, Marcelino Pita, Jaime Neto, Sérgio Eduardo Chone, Edmundo Galiza Matos Júnior, Alcido Nguenha, Alfredo Gamito, Lázaro Mathe, Ildefonso Muanathatha, Virgílio Mateus, e Jaime Himedi.

Os próximos passos do partido no poder são previsíveis, uma vez que o X Congresso da Frelimo realizado nos dias 23 a 28 de Setembro em Pemba, na província de Cabo Delgado, parece ter encerrado o debate sobre o futuro daquela força política e, em tabela, do país. Com a reeleição de Armando Guebuza por 98,76 por cento dos delegados e com 23 votos em branco e a de Filipe Paúnde (reeleito por 94,5 por cento dos membros do Comité Central e 10 votos em branco) para o cargo de secretário-geral, a conclusão é (quase) cristalina: o próximo candidato dos “camaradas” para as eleições presidenciais de 2014, caso seja eleito Presidente de Moçambique, andará a reboque do presidente da Frelimo.

Embora o secretário para a Mobilização e Propaganda da Frelimo, Edson Macuácu, tenha negado, afirmando que é falsa a propalada ideia de que é por via do artigo 75 que se pretende mudar o regime de direcção do partido ou instituir dois centros de poder ou garantir que o presidente da Frelimo controle o Presidente da República, não há dúvidas de que directa ou indirectamente Guebuza vai definir os caminhos que o futuro chefe do Estado (caso seja da Frelimo) deve trilhar. No antigo estatuto do partido, lia-se no referido artigo: “Os eleitos e os executivos coordenam a sua acção com os órgãos do partido do respectivo escalão e são perante estes pessoal e colectivamente responsáveis”

Na já aprovada proposta de revisão, apresentada no segundo dia do X Congresso, mantém-se a redacção e acrescenta-se o seguinte: “os responsáveis pelo exercício

de funções nos órgãos do Estado e autárquicos”. Ou dito em português corrente, de diferentes formas a Frelimo, ao seu alto nível, vai interferir na gestão das instituições do país, ou seja, o Presidente da República, ministros e os edis não poderão trabalhar à margem do partido cujo chefe máximo é Armando Guebuza.

Diante da reeleição de Armando Guebuza para presidente da Frelimo, ficou claro no tocante a quem iria assumir o cargo de secretário-geral. Embora alguns “camaradas” o considerem uma pessoa “temperamental demais”, Filipe Paúnde continuará a ser a segunda figura mais importante do partido por mais cinco anos. Diga-se, em abono da verdade, à semelhança da eleição de Guebuza, tudo foi feito em nome de uma “continuidade” que ninguém sabe o que significa. Na verdade, os “camaradas” cumpriram, como de costume, a disciplina partidária, produto de uma mistura de subserviência política com a ausência de opinião própria, pomposamente amparada pela maioria dos membros do partido.

Uma Comissão Política à medida de Guebuza

Os membros que compõem a nova Comissão Política são figuras que gozam de certa confiança do presidente da Frelimo. Nas listas (homem e mulher) de continuidade foram eleitos Alberto Chipande, Eduardo Mulémbwè, Eneias Comiche, Raimundo Pachinuapa, Verónica Macamo, Margarida Talapa, Conceita Sortane e Alcinda Abreu. No que respeita à renovação, Alberto Vaquina (governador de Tete), Sérgio Pantie, (secretário para a área de organização e quadros do partido), Cadmiel Muthemba (ministro das Obras Públicas e Habitação), Carvalho Muária (governador de Sofala), Esperança Bias (ministra dos recursos mineiros), e Lucília Hama (governadora da cidade de Maputo) são os escolhidos. Esta é a equipa de Guebuza que vai definir o rumo do país nos próximos anos.

Luísa Diogo, Edson Macuácu, Aiuba Cuereneia e Hermenegildo Infante não conseguiram votos suficientes para ocupar um dos assentos da Comissão Polí-

Eleitos no decurso do X Congresso

Texto: Luís Nhachote

Os interesses empresariais dos novos membros da Comissão Política da Frelimo. @Verdade traz, neste trabalho do jornalista e investigador Luís Nhachote, o mapeamento dos interesses empresariais dos novos membros da Comissão Política.

O X Congresso do partido Frelimo que decorreu, de 23 a 28 de Setembro último, na cidade de Pemba, capital provincial de Cabo Delgado e que consagrou Armando Guebuza na liderança daquele partido, elegeu seis novos membros na sua Comissão Política (CP).

O sexteto que se estreia naquele órgão decisório é composto por Alberto Vaquina (actualmente governador de Tete), Sérgio Pantie (secretário para a área de organização e quadros do partido), Car-

valho Muária (governador de Sofala), Cadmiel Muthemba (ministro das Obras Públicas e Habitação), Esperança Bias (ministra dos Recursos Mineiros) e Lucília Hama (governadora da cidade de Maputo).

Estes juntam-se a Alberto Chipande, Eduardo Mulémbwè, Eneias Comiche, Raimundo Pachinuapa, Verónica Macamo, Margarida Talapa, Conceita Sortane e Alcinda Abreu que conseguiram renovar os seus mandatos.

Neste trabalho, trazemos à

montra os seus interesses empresariais.

José Pantie

O secretário para a área de organização de quadros do partido Frelimo tem interesses numa multiplicidade de áreas empresariais; está ligado à Empresa Moçambicana de Verdes (Emoverdes), de acordo com o Boletim da República (BR) número 3 de 2009. Nesta sociedade cujo objecto social é a “investigação, prospecção, extracção

de produtos florestais”, Pantie tem como um dos sócios, o general na reserva José Moyane.

Mas é na indústria de exploração mineira onde o nome de Pantie aparece com maiores interesses. Neste sector Pantie está ligado a empresas como a Greenstone Geo Resources, Golden Globe Exploration, Limitada, Mozin Natural Resources, Mozambique Minerals, Limitada, Mozambique Mines, Manica Mining Corporation, Limitada, Golden Sands Minerals,

Limitada, Africa Exploration Limitada, todas registadas na cidade e província de Nampula, a chamada capital do norte. Sérgio Pantie também tem interesses na área da construção civil, através da Afriplanning, Limitada, onde figura como uma das sócias Conceita Sortane, de quem agora é colega na Comissão Política.

Pantie também está ligado à Ufulu Tete, Limitada, uma empresa envolvida na área de infra-estruturas na província de Tete. Aqui, Pantie está

associado ao veterano da luta de libertação nacional, Mariano Matsinhe, e a Daviz Ngokane Marizane.

Cadmiel Muthemba

Os interesses empresariais do actual ministro das Obras Públicas, homem de confiança de Armando Guebuza e que se estreia na Comissão Política estendem-se desde a “Águia – Empreendimentos e Participações, Limitada” –, onde tem como parceiros o próprio presidente da

Democracia

Os interesses empresariais dos “sobreviventes” da Comissão Política

Lista continuidade - Homens: Alberto Chipande, Eneas Comiche, Joaquim Mulémbwè e Raimundo Pachinuapa

Lista continuidade - Mulheres: Margarida Talapa, Verónica Macamo, Conceita Sortane e Alcinda Abreu

Texto: Luís Nhachote • Foto: Arquivo @Verdade

Um total de oito membros nas listas de “continuidade” manteve-se na Comissão Política do partido Frelimo, o mais apetecível centro de todas as decisões daquela formação política no poder desde a Independência Nacional. Trata-se de quatro homens e quatro mulheres, respectivamente, os generais na reserva, Alberto Chipande e Raimundo Pachinuapa; e Eneas Comiche, Joaquim Mulémbwè, Margarida Talapa, Verónica Macamo, Conceita Sortane e Alcinda Abreu. Neste trabalho fazemos o mapeamento dos interesses empresariais destas figuras. Nos homens, verificamos que Eduardo Mulémbwè e Eneas Comiche não se encontram matriculados em sociedades comerciais. Nas mulheres a música é outra.

Alberto Chipande

O general Chipande, tido pela história oficial como o homem que deu o “primeiro tiro” na insurreição contra o colonialismo português, tem uma gigantesca teia de interesses empresariais em vários ramos de actividade económica. Chipande está ligado a «Newpalm Internacional, Limitada», que por sua vez está ligada a «Madeiras Rovuma, Limitada» cujo objecto social é, dentre outros, o “comércio geral, compreendendo a importação, exportação, comissões e consignações...”.



Associado a «Newpalm Internacional, Limitada» e a um “camarada” seu, Mateus Kathupa, constitui a «CADELMAR-Mármore de Cabo Delgado, Limitada», empresa que curiosamente, tal como a «Madeiras Rovuma», tem também como objecto social, “comércio geral, compreendendo a importação, exportação, comissões...”. O general está ligado ainda a Raimundo Maico Diomba (actual governador de Gaza) e a Isabel Maria Verde, a «ROMOCA – Rovuma Madeiras de Cabo Delgado, Limitada». Chipande está também ligado a «Moçambique Holdings, Limitada» e formam a «Agro-Indústria de Cabo Delgado, Limitada». O objecto social desta empresa é, dentre outros, o “desenvolvimento da indústria de exploração do capim, comercialização e desenvolvimento da cultura do caju”.

Chipande está ainda ligado ao «Grupo Mecula, Limitada», empresa que tem como objecto social “Transporte de mercadorias; Turismo; Distribuição de combustíveis...”. O general Chipande e primeiro ministro da Defesa no primeiro Governo de Moçambique, está associado a Valige Tauabo com quem constituiu a «CIST, LDA - Consultoria, Imobiliária, Investimento, Serviços e Turismo».

Raimundo Pachinuapa

O veterano da Luta de Libertação Nacional, Raimundo Domingos Pachinuapa, que “sobreviveu” na CP no Congresso de Pemba, tem também uma multiplicidade de interesses em vários sectores de actividade económica. Pachinuapa está ligado a «Macaloe, Limitada», uma empresa cujo objecto social é a “promoção e realização de comércio geral a nível nacional e internacional, prestação de serviços diversos, representação, importação de artigos de desporto, exportação de mariscos, madeiras preciosas serradas...”.

Pachinuapa está ligado também a «Moztronic, Limitada», com interesses na área imobiliária. Está ainda ligado à «Sociedade de Desenvolvimento do Zitundo, Limitada», com interesses nas áreas de imobiliária, turismo, consultoria e assessoria na área de engenha-

ria civil e ambiental. Pachinuapa também tem interesses no sector energético através da empresa «Energias do Índico, Limitada», cujo propósito é a “produção, montagem e instalação de energias renováveis”, estendendo-se o objecto ao sector dos transportes, exploração de recursos minerais entre outros. Os seus interesses estendem-se ainda através da «EME Investimentos, S.A» cujo objecto social vai da exploração mineira; concepção e fiscalização de sistemas de abastecimento de água, desaguando no turismo.

O ainda membro da CP da Frelimo está ligado a «Mwiriti, Limitada» com um extenso objecto social que vai da prestação de serviços nas áreas de construção, venda de produtos alimentares, material de escritório, importação e exportação, comercialização, distribuição a grosso e a retalho, agenciamento, podendo ainda, por deliberação da assembleia-geral, exercer directa ou indirectamente quaisquer outras actividades conexas, complementares ou subsidiárias do seu objecto principal, desde que não contrariadas pela lei. Pachinuapa está ligado também a «Madeiras Nangade, Limitada», que está associada a «Newpalm Internacional» – ligada também ao general Chipande – no negócio da Madeira.

Está ainda ligado a «PROLAR – Fábrica Moçambicana de Escovas e Vassouras, Limitada». Por fim, o nome de Pachinuapa aparece ligado a «Montepuez Ruby Mining, Limitada» que é sócia da também ‘sua’ empresa «Mwiriti, Limitada» e a «Gemfields Mauritius LTD», e o objecto social desta é a “prospecção e exploração de pedras preciosas e outros minerais; comercialização de pedras preciosas; comercialização de produtos mineiros encontrados ou extraídos, importação e exportação de produtos, incluindo os equipamentos e outros materiais necessários para o exercício das actividades”.

Mulheres

Alcinda Abreu



Alcinda António de Abreu, actual ministra para a Coordenação da Acção Ambiental, possui interesses empresariais em várias áreas. Vai desde o comércio a grosso e a retalho, à representação de marcas de empresas.

Alcinda Abreu está ligada a «Superior Entertainment, Limitada», sociedade que tem por objecto a promoção e produção de todo o tipo de entretenimento com músicos nacionais e internacionais; produção e organização de todo o conjunto do ramo musical para festas, casamentos, propaganda de empresas nacionais e estrangeiras; e participação e representação de firmas nacionais e estrangeiras. A actual ministra para a Coordenação da Acção Ambiental tem como sócio o seu filho Chivambo Mamadhusen.

Alcinda Abreu é ainda sócia da «OCAD – Comércio e Serviços, Limitada», tendo como parceiros Olívia Margarida Darsam, Carmen Margarida Simões Dhorsam e Denise Chicalia.

A “OCAD” tem por objecto social a prestação de serviços de consultoria, incluindo, dentre outros, a gestão de parques e aluguer de viaturas, estação de serviços para viaturas, gestão e intermediação imobiliária, aprovisionamento, distribuição e comercialização de bens e serviços, exportação e importação, comércio geral e representação de marcas e empresas estrangeiras.

Abreu tem interesses na «Ubuntu, Limitada», empresa que aposta nas áreas de consultoria e serviços. Nesta, Alcinda Abreu tem como sócios Zeferino Martins (actual ministro da Educação), António Matonse (antigo adido de imprensa de Joaquim Chissano e actual embaixador de Moçambique em Angola), Nuno Sidónio Uinge e novamente o seu filho Chivambo Samir Mamadussen.

Margarida Talapa



A chefe da bancada parlamentar da Frelimo na Assembleia da República na presente legislatura e que também conseguiu a manutenção na Comissão Política tem, à semelhança dos seus pares, interesses empresariais. Talapa está ligada a «GSE Construtores, Limitada», uma empresa vocacionada para a actividade de construção civil, vias de comunicações, consultorias, assessorias e imobiliárias.

Aqui Talapa é sócia de vários membros da família Gulamo, muito conhecida em Nampula na área empresarial, em tempos detentora da companhia aérea já falida, a “Air Corridor”.

Talapa tem também interesses na “Gulamo Steel Mill, S.A.R.L”, onde é sócia de Abdul Razak Noormahomed, vice-ministro dos Recursos Minerais, e de vários membros da família acima mencionada.

Verónica Macamo



A presidente da Assembleia da República, Verónica Macamo, está ligada apenas a «SEARNA- Sociedade de Exploração e Aproveitamento de Recursos Naturais, Limitada». Nesta sociedade, cujo objecto social é a promoção e realização de investimentos nos sectores agro-pecuário e industrial, florestal, imobiliário, dos transportes, do caju, do turismo, de exploração mineira, de pesca e de prestação de serviços, ela tem como sócios o esposo e o filho, respectivamente Salomão António Ndlovo e Salomão António Ndlovo Júnior.

Conceita Sortane

Conceita Sortane, que manteve o seu posto na CP, está ligada a «JC & Filhos, Limitada» empresa que tem como objecto social a “Construção Civil, agricultura, indústria, prestação de serviços, limpeza, imobiliária, investimentos, electrificação, ensino, hotelaria, turismo, pesca, mineração, reflorestamento, madeiras, água e ambiente”.

Sortane está também ligada a «Afriplanning Moçambique, Limitada» onde é sócia do estreante Pantie (Ver o artigo intitulado “os interesses empresariais dos novos membros da Comissão Política”) no mais alto órgão decisório do partido dos “Camaradas”. Sortane está ainda ligada a «Camele, limitada», uma empresa com interesses na área dos transportes (de passageiros e de cargas) aéreos, terrestres, mineira, hoteleira e na de turismo e a representação de marcas e patentes de companhias internacionais. Aqui, Talapa é sócia novamente de Pantie e outros, com destaque para o jovem jurista António Grispos.

Frelimo Armando Guebuza, António Sumbana, Matias Zefanias Boa e Moisés Rafael Massinga.

Mutemba está igualmente ligado a “Sociedade Orizícola de Gaza”, na qual tem como sócios Cardoso Muendane e Miguel Mondlane, cujo objecto social é a prática da agricultura, a transformação industrial do arroz e de outros cereais, o fomento agrícola, o turismo, a importação e exportação e a participação em sociedades constituídas ou a constituir.

Mutemba, de acordo com vários Boletins da Repúli-

ca (BR’s) é também sócio da “Moçambique Multimédia, SARL”, cujo objecto social compreende a realização de investimentos nas áreas de comunicação social, agências de publicidade e marketing, pesquisas de opinião, estudos de mercado, serviços de apoio à área de projectos, formação profissional, tipografia, impressão e litografia, importação e exportação de bens e serviços. São parceiros de Mutemba, o actual ministro do Turismo Fernando Sumbana Júnior, Teodato Hunguana, Apolinário Pangue, Mariano Matsinha e Eduardo Magaia.

Alberto Vaquina

O ex-governador de Sofala e nas mesmas funções em Tete durante a chancelaria de Armando Guebuza, está ligado à “Sociedade Industrial e Avícola, Limitada (BOMBONAM), cujo objecto social é a “criação e produção avícola industrial, alimentar de abate de animais, preparação e conservação de carne e de produtos à base de carne”. Nesta empresa, com registo em Nampula, no distrito de Namialo, Meconta, Vaquina é sócio de “Alice Viera e Filhos, Limitada”.

O novo membro da Comissão Política também está li-

gado à “Elapo, Limitada” cujo objecto social é a actividade “agro-pecuária, fomento, construção civil e obras públicas, consultoria, importação e exportação”. Nesta Vaquina está ligado basicamente a familiares próximos.

Carvalho Muária

Carvalho Muária que entra para a CP, esteve investido nas funções de governador da Zambézia, durante o primeiro mandato de Guebuza, tendo ascendido no segundo mandato deste às funções de vice-ministro das Obras Públicas e Habitação e daí

foi assumir o cargo de governador de Sofala. Muária está ligado à “Carvalho Muária & Graciosa Muária – Agro-Pecuária, Indústria Moageira, Transportes e Comércio Geral, Limitada” empresa que tem como objecto social as supramencionados interesses. Tem a sua sede em Chiúre, Alto-Molôcuê, na província de Cabo Delgado, onde acaba de decorrer o X Congresso. Muária também está ligado à “KCS – Construções e Serviços, Limitada”, que tem como objecto social a “construção, gestão imobiliária e a exploração e tratamento de madeiras”, e um dos seus sócios é Mateus Kathupa, um

ex-ministro da chancelaria de Joaquim Chissano, deputado e PCA da Petromoc.

Esperança Bias e Lucília Hama

Quando às Senhoras estreantes no mais alto centro decisório do partido Frelimo, a Comissão Política (CP), designadamente Esperança Bias e Lucília Hama, respectivamente ministras dos Recursos Minerais e governadora da cidade de Maputo, este trabalho não conseguiu apurar nenhum registo no mundo empresarial.

Democracia

“O Estado discrimina”

@Verdade foi falar com Danilo da Silva, da Associação Moçambicana para a Defesa das Minorias Sexuais (LAMBDA), sobre a visão da sua organização, as vitórias e frustrações. O problema, diz, “não é com as pessoas, mas com a resistência do Ministério da Justiça em autorizar o registo de um grupo de indivíduos que já tem tudo organizado há quatro anos”. Os órgãos de informação social passam, regra geral, ao lado da defesa das minorias sexuais. Um dos maiores temores “é passarem na revisão do Código Penal leis que criminalizem o homossexualismo”.

Texto & Foto: Rui Lamarques

(@V) - O que é a LAMBDA?

(Danilo da Silva) – É Associação Moçambicana para a Defesa das Minorias Sexuais. Ou seja, é uma organização que defende e promove os direitos das minorias sexuais. Refiro-me aos gays, lésbicas, bissexuais e transexuais.

(@V) - Quando é que foi fundada?

(DS) - A LAMBDA foi fundada em 2006 por um grupo de indivíduos dos quais eu fazia parte com este propósito que é a defesa dos direitos das minorias sexuais. A partir de 2007 envolvemo-nos naquilo que era a mobilização das pessoas e na discussão do que seria a própria organização e para quê que ele existiria. Mas o propósito de fundo sempre foi este: a promoção e a defesa das minorias sexuais, tendo em conta o contexto em que nós vivíamos e continuamos a viver como cidadãos homossexuais em Moçambique. Apesar de não termos na lei nada que, explicitamente, proíba a relação de pessoas do mesmo sexo neste país ainda não existe nenhum dispositivo legal que proteja as pessoas que são vítimas de discriminação por causa da sua orientação sexual. Claro que a nossa Constituição, de acordo com os que entendem da matéria, é abrangente, mas ela não é explícita no que diz respeito à orientação sexual. À parte a questão relacionada com a lei, existem práticas e atitudes na sociedade moçambicana negativas em relação à questão da homossexualidade. Grande parte por desconhecimento do que é a orientação sexual e, por outro, por sermos uma sociedade que não debate muito as questões do género. A homossexualidade é vista como um dado adquirido. As pessoas julgam que desde o momento que sejas do sexo masculino, a tua sexualidade, automaticamente, e o teu desejo incidem sobre a mulher.

(@V) - Ou seja, a compreensão da sexualidade dos moçambicanos é, no vosso entender, um entrave para o trabalho da LAMBDA?

(DS) - A resistência nem é na relação com a comunidade porque a LAMBDA tem as suas intervenções sobre a comunidade. Nós temos um programa de saúde no qual temos de trabalhar com as comunidades. Nós focalizamos a questão da orientação sexual. O maior entrave tem sido com os órgãos do Estado. Se nós olharmos para a questão do registo da LAMBDA, como exemplo, percebemos que não é um entrave de alguém da comunidade ou de um grupo da comunidade, mas sim um impedimento que está a ser causado por um órgão do Estado que é o próprio Ministério da Justiça.



(@V) - Com que bases assegura que é um problema do Estado?

(DS) - Desde 2006 temos feito trabalhos com a comunidade e com outras organizações da sociedade civil, entre essas organizações fazemos parte de fóruns de discussão de várias matérias que não sejam apenas relacionadas com a orientação sexual e que são igualmente do interesse dos associados da LAMBDA, como, por exemplo, o emprego, questões económicas e da juventude. Somos bem recebidos pelos outros nesse espaço. Nunca fomos alvo de uma discriminação directa ou da recusa da nossa participação em espaços de discussão. O nosso problema tem sido efectivamente com os órgãos do Estado. Mais concretamente com o Ministério da Justiça.

(@V) - Falou em campanhas de sensibilização. Trabalham com o Ministério da Saúde (MISAU)?

(DS) - Com o MISAU, ao nível daquilo que é o nosso trabalho na área da prevenção e educação relativamente a questões de HIV para homossexuais, encontramos uma grande abertura, começando por aquilo que são as direcções de Saúde das cidades, distritais e também da província. Há uma grande abertura por parte do MISAU.

(@V) - Desenvolvem algum trabalho no interior do país?

(DS) - Nós estamos concentrados nas cidades porque é nelas onde nós encontramos aquilo que é a maior parte dos nossos constituintes. A maior parte dos nossos membros vive nas cidades e foi nelas onde decidimos iniciar a discussão sobre direitos e cidadania. Acreditamos que, partindo das cidades e mobilizando as pessoas, poderemos chegar ao campo.

(@V) - A que nível está o debate?

(DS) - Não sei se esteve a acompanhar, mas nós temos feito sempre debates ao longo do ano e estes debates são realizados nas universidades ou em parceria com outras organizações da sociedade civil. O nível do debate tem sido bom, tem sido um debate muito progressista, no sentido de inclusão como cidadãos. De participação na vida do país, inclusive organizações de confissões religiosas têm-nos convidado para participar em debates, ora para compreender melhor, ora para discutir questões de fundo relacionadas com a religião e a sexualidade versus direitos e cidadania.

“Os chefes de redacção poderiam ser mais sensíveis”

(@V) - Que relação tem com a Imprensa?

(DS) - A nossa Imprensa, comparada com a dos outros países, neste campo, tem sido neutra. Não apoia nem desaprova. Poderia fazer mais. Hoje, a nível do mundo inteiro, fala-se da questão da descriminalização e da violência. A Imprensa poderia ter esse papel de desmistificação da orientação sexual, mas não faz. A influência dos valores culturais dos editores ou pessoas que produzem informação influi para que não tenham esta vontade de abertura para fazer coberturas e fazer matérias de coisas relacionadas com a orientação sexual. O que aparece nos media é do género de notícia de coisas que aconteceram nos outros países ou do posicionamento de líderes mundiais na questão da homossexualidade. Mas não tem sido algo que desperte interesse nos nossos jornalistas. Em alguns casos têm aparecido um e outro jornalista interessados em fazer uma matéria, mas encontram dificuldade na altura da publicação da mesma. Os chefes de redacção deveriam ser um pouco mais sensível quanto à questão da discriminação por causa da orientação sexual.

(@V) - A LAMDA já se aproximou dos órgãos de informação nesse sentido?

(DS) - Nós temos pontos focais em alguns jornais, mas de uma forma institucional directa ainda não o fizemos. Tínhamos programado uma capacitação que, na verdade, seria um trabalho com os chefes de redacção de certos jornais e televisões. Nota-se que existe uma maior abertura das televisões privadas em passar matérias relacionadas com orientação sexual e até a promoção de debates relativos à questão da orientação sexual. Para dar um exemplo de censura, várias vezes a LAMBDA já foi convidada para participar em debates e dois dias antes recebermos uma chamada a dizer que o mesmo não pode ser realizado por ordens superiores. De quem não sabemos.



“Apesar de não termos na lei nada que, explicitamente, proíba a relação de pessoas do mesmo sexo neste país ainda não existe nenhum dispositivo legal que proteja as pessoas que são vítimas de discriminação por causa da sua orientação sexual. Claro que a nossa Constituição, de acordo com os que entendem da matéria, é abrangente, mas ela não é explícita no que diz respeito à orientação sexual.”

Democracia

“Nunca fomos alvo de uma discriminação directa ou da recusa da nossa participação em espaços de discussão. O nosso problema tem sido efectivamente com os órgãos do Estado. Mais concretamente com o Ministério da Justiça.”

(@V) - Com a Igreja Católica?

(DS) - A abertura tem sido das igrejas protestantes. Os presbiterianos e anglicanos são mais abertos na discussão do que a Igreja Católica que segue as directrizes do Vaticano no que diz respeito à questão da sexualidade.

(@V) - Disse que tem dificuldades de relacionamento com o Ministério da Justiça. De que forma é que isso condiciona o trabalho da LAMBDA?

(DS) - Como uma organização da sociedade civil, a LAMBDA procura recursos, mas é impossível ter acesso aos recursos se não somos uma entidade registada ou legal. A LAMBDA não é ilegal, mas ela não tem um estatuto legal. Outra coisa tem a ver com a expansão das nossas actividades. Se não podemos, uma coisa simples, realizar contratos ou alugar um espaço ou então contratar pessoal técnico para desempenhar certas actividades, torna-se difícil expandir aquilo que são as nossas causas. Claro que contamos com o apoio dos nossos membros, simpatizantes, etc. Mesmo a questão do acesso aos espaços de discussão. Neste exacto momento nós estamos a discutir a questão da revisão do Código Penal que é um instrumento muito importante para o país e, de alguma forma, pode afectar-nos se alguém intentar inserir artigos que criminalizem a questão da homossexualidade. A LAMBDA não é convidada a esses espaços como organização. Claro que os colaboradores da LAMBDA participam como docentes, membros de outras plataformas ou pessoas influentes, mas não como instituição. A discussão deixa de ser a nível institucional o que limita as nossas acções. Neste momento não conseguimos compreender e fazemos sempre essa pergunta: até que ponto nos limita o facto de não termos registo? Mas é preciso colocá-la de outra forma: o que limita o Estado quanto ao registo da LAMBDA? Porque é que muitas associações e organizações com diferentes objectivos e fins são registadas, mas a organização que defende os direitos das minorias sexuais não pode ser registada?

(@V) - Será um problema do Ministério da Justiça ou estamos diante da ponta do iceberg e a resistência é bem mais profunda ao nível do Governo?

(DS) - Temos a percepção de que é um problema de mentalidade dos governantes. Não é uma questão de ausência de cobertura legal. A LAMBDA preencheu todos os requisitos requeridos pela legislação para o registo da associação. Desde os 10 membros, actas, estatutos e afins. Inclusive obteve o parecer favorável dos técnicos da conservatória. O processo encalhou mesmo no Ministério da Justiça. Temos a impressão de que se criou um problema onde não deveria existir. Tendo consultado especialistas, nomeadamente advogados, constitucionais, a resposta que tivemos é que o Estado moçambicano, através do Ministério da Justiça, criou um problema que não existe. Para nós, como cidadãos que pretendem associar-se, ver os direitos constitucionais suprimidos simplesmente porque um ou dois líderes não simpatizam com os homossexuais é preocupante. Porque hoje é o caso da LAMBDA e amanhã será com outra organização. Há muito poder discricionário sobre o assunto, se a lei diz uma coisa e é clara então que se cumpra a lei. Não se pode dizer que eu não simpatizo e coisas que tais, pelo menos num Estado de direito.

(@V) - Como pensam ultrapassar este entrave?

(DS) - Sempre pautamos pela via do diálogo e nestes anos temos estado a fazer trabalho de base com as comunidades. Tem sido uma surpresa saber que quando se trabalha nas comunidades, com os chefes dos quarteirões, chefes dos postos e falamos sobre questões da homossexualidade eles compreendem. Claro que, no início, há alguma estranheza em relação ao assunto, mas depois as pessoas conseguem compreender do que se está a falar e

são abertas quanto à questão. Espanta-nos, por isso, que técnicos superiores do Estado e mandatários do Estado tenham dificuldades em compreender questões relacionados com a sexualidade e com o direito. Não estamos a falar de direitos especiais, estamos a falar de direitos que estão plasmados na Constituição. O que nós temos feito desde 2006 é tentar dialogar, seja com os funcionários do Ministério da Justiça, seja com a própria ministra, com o vice-ministro. Nós podíamos recorrer ao Tribunal Administrativo e ao Conselho Constitucional, mas o objectivo não é esse, é demonstrar que estão errados e devem entender e perceber que não estamos a pedir nada de especial. Portanto, não é um esforço adicional que devem fazer. Continuaremos, portanto, nesta linha de diálogo e vamos tentar angariar mais apoios. Mas se for necessário seremos obrigados a partir para a via judicial.

(@V) - E m que patamar estaria a LAMBDA se tivesse sido registada?

(DS) - Pelo menos teria muito maior visibilidade, muito mais membros. Porque neste momento não podemos registar mais membros, nós temos membros fundadores. Não podemos realizar assembleias, não podemos mobilizar como gostaríamos de fazer porque as pessoas ficam sempre naquela indecisão. Hoje estamos sentados neste escritório e daqui fazemos o nosso trabalho, arranjamos formas de continuar a trabalhar, mas a gente não sabe o que vai acontecer. Esta situação de incerteza cria transtornos para as pessoas que trabalham aqui. Cria instabilidade para os próprios membros. Porque há membros que ficam receosos em aproximar-se porque se o Governo que é o Governo de todos nós, se o Estado recusa o registo de esta associação o que eu vou lá fazer? As pessoas têm medo de contrariar as posições do Governo. Mas se tivéssemos o nosso registo teríamos alcançado mais pessoas.

“As vitórias da LAMBDA foram muitas. De um grupo de dez indivíduos nós conseguimos mobilizar e galvanizar as pessoas - não a nível nacional ainda - a debaterem sobre questões relacionadas com a orientação sexual.”

(@V) - Sem registo como é que um doador pode ajudar a LAMBDA?

(DS) - Nós temos um fiscal sponsor. Para nós nos estabelecermos foi graças a esse parceiro que é a WILSA. Eles sempre estiveram abertos e disseram que embora não estivéssemos registados podiam receber os recursos em nosso nome para que pudéssemos implementar as nossas acções. Isso cria constrangimentos em questões administrativas e mesmo nas políticas porque nós somos um apêndice de uma outra organização, o que certas vezes cria confusão, não que seja uma situação que queiramos, mas é claramente uma situação que nos é imposta.

(@V) - Falou da resistência ao nível do Ministério da Justiça. Que outras ameaças existem para o trabalho da LAMBDA?

(DS) - Uma das maiores ameaças é mesmo o Estado moçambicano. O Governo somente uma única vez se posicionou favoravelmente, que me recorde. Na altura da revisão periódica quando a ministra da Justiça disse que a homossexualidade não é crime e que todas organizações que trabalham com indivíduos que se desejam associar para defender essas minorias não esbarram em nenhum entrave na lei. No entanto, desde 2010 até hoje a LAMBDA não tem o seu registo legal. Uma coisa são os discursos que são feitos no exterior, muito bem polidos e floreados para uma audiência externa, mas no país encontramos estas dificuldades de registar uma pequena associação que, acredito, se tivesse sido registada em 2008, na altura que foi feito o pedido, não estaríamos neste impasse.

(@V) - Estariam a trabalhar ao nível dos distritos?

(DS) - Creio que não, porque em toda organização a expansão não é uma coisa espontânea. Como instituição temos de ter cautela no sentido de estudar como fazer a expansão. Conhecendo o contexto em que vivemos não

estariamos a trabalhar no distrito, mas teríamos estabelecido a nossa presença nas cidades. Não quer dizer que não seja importante, mas por questões estratégicas estaríamos nas cidades.

(@V) - As pessoas ainda têm dificuldade em assumir a sua orientação sexual?

(DS) - Sim. Muito por causa destas atitudes negativas que surgem da comunidade e em casa. As atitudes negativas partem de casa, grande parte das pessoas preferem fechar-se em relação à sua orientação sexual, mas à medida que elas ganham autoconfiança e percebem que a comunidade começa a compreender que o carácter da pessoa não é determinado pela sua orientação sexual, elas começam a assumir. Nós como organização orientamos as pessoas a serem abertas sobre a sua orientação sexual e a prepararem-se para futuras represálias que possam advir. As famílias são diferentes, as comunidades idem e o grau de instrução também. O grau de discussão e a abertura são diferentes nas famílias.

(@V) - Há quem tenha perdido o emprego por assumir a sua orientação sexual?

(DS) - Felizmente é uma daquelas coisas que nos causa espanto. A nossa lei de trabalho protege o trabalhador homossexual no sentido de que proíbe a discriminação da pessoa pela sua orientação sexual, mas essa lei nunca foi testada. Quando, por exemplo, as pessoas perdem o emprego existem sempre formas que o empregador arranja para não dizer que o despedimento resultou da orientação sexual. Há casos de pessoas que perderam o emprego por causa disso, infelizmente a lei não tinha sido aprovada. Existem poucos casos reportados. Acredito que muitos não são reportados porque as pessoas não querem ser expostas por causa da família e da sociedade.

(@V) - A LAMBDA pode reivindicar alguma vitória na sua curta trajetória?

(DS) - As vitórias da LAMBDA foram muitas. De um grupo de dez indivíduos nós conseguimos mobilizar e galvanizar as pessoas – não a nível nacional ainda – a debaterem sobre questões relacionadas com a orientação sexual. Todos os anos temos recebido estagiários das faculdades que vêm para desenvolver as suas teses. Conseguimos colocar as minorias no Plano Estratégico Nacional de Combate ao HIV (PEN III), conseguimos incluir em algumas propostas da revisão do Código Penal aquilo que são as nossas posições e, acima de tudo, conseguimos angariar parceiros e amigos que nos vão ajudar futuramente. Nestes anos estávamos a construir a base para podermos começar a trabalhar com muito mais afinco.

“Podemos não estar, mas de alguma forma participamos indirectamente”

(@V) - Não temem que passem na revisão do Código Penal artigos que prejudiquem as minorias sexuais?

(DS) - Embora a LAMBDA não participe directamente no debate da reforma do Código Penal temos os nossos aliados lá, temos a rede de organizações de defesa dos direitos humanos que antes do início do debate público sobre o Código Penal já vinha trabalhando nisso. A LAMBDA esteve envolvida e participou na elaboração de algumas propostas da sociedade civil. Podemos não estar, mas de alguma forma participamos indirectamente. Gostaríamos de estar, mas estamos seguros de que os nossos parceiros da sociedade civil não vão deixar que passem artigos que criminalizem a relação de pessoas do mesmo sexo.

(@V) - Que artigos poderiam prejudicar os direitos dos homossexuais?

(DS) - A revogação de dois artigos que em alguns contextos poderiam ser usados para criminalizar pessoas do mesmo sexo. Os artigos 70 e 71 aplicavam medidas de segurança para pessoas que se envolvessem em actos contra natura. Não estamos muito claros o que é um acto contra a natureza. Cortar uma árvore pode ser, mas um juiz mais conservador pode considerar a homossexualidade um acto contra a natureza. Foi um trabalho que fizemos com alguns parceiros e foram integrados.

Destaque

Moçambicanos: um povo que sofre com a própria paz!

Hoje, Moçambique pode ser um exemplo no que ao crescimento económico diz respeito. A dúvida, porém, é até que ponto os moçambicanos se podem orgulhar de tal facto. Numa altura em que o país assinala a passagem dos 20 anos da paz, que foram celebrados ontem, 4 de Outubro, podemos vangloriar-nos de ter um projecto elogiado no mundo: a Transformação de Armas em Enxadas. O povo desta nação, amante da paz, foi quem o criou...

Texto & Foto: **Inocêncio Albino**

Quase todos os moçambicanos – mormente os que directa ou indirectamente participaram na guerra dos 16 anos – têm e tiveram inúmeros motivos para que, ontem, quatro de Outubro de 2012, altura em que o país comemorou o 20º aniversário dos Acordos Gerais de Paz, celebrassem.

A guerra, os moçambicanos sabem, é um fenómeno social e humano que não possui nenhuma regra, justiça, senão desestabilização e luto. Não é obra do acaso que – num contexto de muito cepticismo e dúvidas – quando os líderes dos grupos beligerantes, o Governo e a Resistência Nacional de Moçambique (Renamo) entraram em acordo para o advento da paz, a festa instalou-se no país.

Se considerarmos que naquele contexto nenhum moçambicano se podia alegrar com a contínua tendência de morticínios, torturas físicas e mentais, violação dos direitos do homem, prevalência de bolsas de fome, insegurança social e económica, que se haviam tornado práticas intoleráveis, o fim do conflito armado configurava-se como um evento singular. Por isso, digno de celebração. No entanto, por outro lado, diante dos danos que se haviam registado no país (a todos os níveis), os moçambicanos estavam diante de um novo conflito: “como reconstruir um país totalmente arruinado?”

O martírio no qual os moçambicanos viviam dominou o coração das pessoas. O amor ao próximo fraquejou. Por isso, a guerra havia deixado cicatrizes no ego do povo.

Naqueles tempos, difíceis de suportar muitas iniciativas filantrópicas notabilizaram-se para acelerar o processo da recuperação da grande depressão que abalara os moçambicanos. Surgiu então, a Transformação de Armas em Enxadas (TAE), uma iniciativa dirigida pelo Conselho Cristão de Moçambique.

A experiência do TAE é digna de louvor. Se não tivesse sido por sua acção, acredita-se que além de um milhão de mortais que sucumbiram durante os 16 anos do conflito, muitas outras pessoas teriam encontrado a morte ao longo dos anos da reconstrução do país. Além disso, os sectores da economia, da saúde, da educação, da indústria e da agricultura teriam sido condenadas à estagnação em face das minas e granadas de destruição maciça que se encontravam perdidas algures no país.

Sabe-se, no entanto, que muitos moçambicanos que participaram no conflito apoderaram-se do armamento. Algumas, ainda que ameaçando a vida dos seus familiares e vizinhos – nas comunidades e distritos – por possuírem uma mentalidade corrompida pela guerra e os seus efeitos acreditavam que só a posse de armamento lhes podia assegurar algum conforto e segurança.

De acordo com o Conselho Cristão de Moçambique “havia uma necessidade de se dar um passo adicional ao



esforço já realizado – os acordos entre os beligerantes – que se traduziria no longo processo do desarmamento das mentes, dos corações, uma vez que o que se tinha feito era a desarmação das mãos dos militares”.

Ao longo dos 17 anos da sua existência, o projecto TAE conseguiu recolher cerca de 800 mil armas em várias partes do país. O grande anseio pela paz efectiva por parte do povo continuou a alimentar o espírito dos moçambicanos, sendo por essas razões que ao longo dos anos muitos projectos socioculturais de transformação de armamento em objectos de arte e utilitários, incluindo uma produção artística, continuaram a surgir.

A TAE, a acção dos artistas, a participação dos moçambicanos na construção da paz – como um rol de acções combinadas – conseguiram conduzir a nação ao longo dos anos promovendo a solidariedade e a reconciliação entre os homens. No entanto, nos dias que correm, o bem-estar social em Moçambique é amargo. É por essa razão que ainda que não possamos deixar de celebrar o tempo que passou, fazemo-lo com um sentido de luta, de conflito, em que somos impelidos a combater os males da corrupção, da mendicidade, da criminalidade, da desigualdade social, da falta de oportunidades de trabalho para a maioria do povo.

Nos nossos tempos, 20 anos depois da conquista da paz, no país que se cataloga como um exemplo internacional no que toca ao desenvolvimento económico, a população é confrontada com uma dura realidade – a existência de bolsas de mendicidade, prostituição, criminalidade, loucura, marginalização, assaltos – que fecundada por práticas corruptas, escassez de oportunidades de emprego e trabalho, enormes desigualdades sociais, colocam uma série de incertezas no coração dos moçambicanos em relação ao Governo que orienta os seus destinos.

Ganhos da TAE pertencem ao povo

Em diversas localidades do país que haviam sido palcos do conflito, a circulação das pessoas era uma prática tímida, desestimulada pelos perigos que a existência de engenhos explosivos podia acarretar.

Tratando-se de zonas com um forte potencial agrícola – devido à existência de terras aráveis – estava-se diante de um problema preocupante porque não se podia produzir comida. O distrito de Moamba, na província de Maputo, onde um determinado camponês descobriu uma granada de 250 quilogramas que foi removido no âmbito da TAE, é um exemplo.

Depois da remoção do explosivo do referido lugar, instalou-se o projecto de plantio



Destques:

“Em Moçambique criou-se um sistema de governação que (pela sua essência) não é acolhedor, marginaliza as pessoas. Com as lacunas que herdámos da guerra – crianças geradas de qualquer maneira que não tiveram a sorte de ter um ambiente familiar coeso – é natural que, nos dias que correm, colhamos esta instabilidade...”, **Reverendo Marcos Macamo.**

“Os índices de loucura social estão a avançar no país, sobretudo nas cidades. Há um conflito entre as normas sociais da família – o direito à saúde, à alimentação, à educação, à circulação, à segurança, à habitação (...) – e o quotidiano das pessoas na sociedade. Todos os direitos chocam-se com o impacto da industrialização, da urbanização e tudo o que se chama desenvolvimento económico”, **Nataniel Ngomane.**

“Eu sou a favor de uma prostituta do que de um político. A primeira vende o seu corpo, o que está errado, mas os políticos são “Yes Man”. Eles vendem o seu povo. Já não estão preocupados com a nação. Eles são ambiciosos. E nós vemos isso. É verdade! Porque é que estão preocupados em ter tanto dinheiro?”, **Escultor Gonçalo Mabunda.**

Destaque



de cana-de-açúcar. Isso significa que além da agricultura, outros projectos de desenvolvimento económico e social – como a instalação de fábricas e postos de trabalho entre outras infra-estruturas – haviam sido condenados a não se estabelecer devido à existência de armamento escondido.

De qualquer modo, o impacto do aludido projecto é sublime, traduzindo-se na reconciliação dos moçambicanos. “Sabemos que havia zonas em Moçambique que eram tão-somente habitadas por pessoas que participaram de forma activa no conflito. Tais regiões eram impenetráveis, mas nós, o Conselho Cristão de Moçambique, conseguimos remover o demónio segundo o qual a referida localidade só podia ser habitada por beligerantes. O impacto disso é que as pessoas regressaram às suas origens, retomando a sua vida normal”, refere o Reverendo Marcos Macamo, secretário-geral do Conselho Cristão de Moçambique.

Para o referido líder religioso, “ao longo dos 20 anos, a TAE foi uma demonstração de que é possível transformar as armas em algo positivo e de (re)construção social. Uma forma de cultivar a paz, a comida, a vida. Para nós, a enxada possui vários significados”.

Mas, como é que se procede para a remoção de armas perdidas e como é que as pessoas podem participar no trabalho da TAE?

A verdade é que se trata de uma actividade que pode ser feita pela comunidade ou por pessoas singulares. “Em princípio, as pessoas manifestavam-se e traziam as suas armas, recebendo, por esse gesto, estímulos em forma de materiais de construção, máquinas de costura, entre outros bens. A prática continuou até que, numa ocasião, as dificuldades em termos de financiamento evoluíram. Nesse contexto, os parceiros da TAE sugeriram uma nova modalidade de estímulo, desta vez, não por pessoa mas por comunidade”.

Ora, “na impossibilidade de se ofertar bens por pessoa, o Conselho Cristão de Moçambique – agindo no âmbito do referido projecto – tem instalado nas comunidades beneficiárias infra-estruturas sociais como escolas e furos de água. Por exemplo, presentemente, temos um projecto que se chama Armas Por Água, em que as pessoas da comunidade se empenham na actividade de pesquisa e identificação de locais que servem de esconderijo dos armamentos. A província de Inhambane foi pioneira nesse aspecto”.

Uma nota positiva

É em resultado desse impacto que a TAE, uma iniciativa totalmente original de Moçambique, mas acima de tudo porque nela se encontra a ideia de demandar rendimentos a partir da terra – num contexto de uma nação com sérios problemas de alimentação – que o académico Nataniel Ngomane dá uma nota positiva ao projecto. “Está-se a libertar a terra dos engenhos militares que na haviam ocupado (privando-a desse modo da sua função de produzir alimentos) e transformá-los em enxadas de modo que as pessoas que habitam nos referidos territórios possam beneficiar dos alimentos que aí serão produzidos. É uma iniciativa absolutamente louvável”, considera Ngomane, acrescentado que “infelizmente não é possível usar todas as armas, transformando-as em obras de arte, mas a TAE é uma forma de condenar a guerra e apelar à paz que é bastante agradável e digna

de ser vivida sobretudo quando há comida”.

Entretanto, o artista plástico moçambicano, Gonçalo Mabunda, que desde o início do projecto TAE se empenha na construção de objectos artísticos, expressando desse modo a sua revolta em relação à guerra, considera que “nós, os moçambicanos, somos o único povo até agora que foi capaz de destruir armas, gerando objectos de arte e utilitários. O nosso país é o único mentor dessa iniciativa, porque o que acontece depois nos demais países é uma cópia, pois a génese desta iniciativa é de Moçambique”.

As doenças de que a sociedade moçambicana padece

Buscando-se a sensibilidade dos cidadãos em relação à paz no país, conclui-se que as pessoas repudiam a proliferação da criminalidade, os raptos de pessoas para fins inconfessos, o índice cada vez mais crescente de mendigos, a abundância de pessoas desesperadas com problemas e distúrbios mentais, a corrupção galopante, a marginalização social de cidadãos nacionais como resultado das desigualdades sociais, a disfunção de algumas políticas públicas – como, por exemplo, as de habitação para os jovens, saúde pública, entre outras – que se revelam um verdadeiro fracasso são os argumentos que movem muitos moçambicanos a assumirem a paz que temos como uma miragem.

Ninguém pode estar em paz quando na sua cidade há problemas de transporte, as pessoas passam fome, outras vendem os próprios corpos – não somente porque têm prazer nisso – para garantir o pão de cada dia. O mais grave, em tudo isso, é pensar que o cidadão que se esforça para viver honestamente é impelido a lidar viver com ladrões e ladrões que, a cada dia que passa, desesperados, se esmeram nas suas práticas de criminalidade. É diante de todos esses problemas que Gonçalo Mabunda desvaloriza a riqueza que algumas pessoas ostentam no país.

Para si, o problema começa a partir do momento em que “colocamos a doença do “ter” em nós. Pensarmos que viver bem é possuir muito dinheiro, o que não é verdade. Para mim, as pessoas que vivem na rua – que não são poucas – é que são universitárias, sábias, elas não roubam, pedem esmola e conseguem sobreviver. Eu, no seu lugar, já estaria morto”.



Com uma visão não muito diferente, o Reverendo Marcos Macamo parte do princípio de que “é preciso ter em mente que durante a guerra muitas crianças (usadas como soldados) sofreram muito. Hoje, são homens adultos. Têm filhos. Como não tivemos o cuidado de eliminar as lacunas sociais que herdámos do conflito, as mesmas foram transmitidas para os filhos, em resultado de um défice de vivência sociocultural”.

Por essa razão, “eu acho que o problema da prostituição que – nos dias actuais chega a ser infantil – está ligada aos aspectos económicos, à mudança do sistema político, ao fenómeno da globalização, aliado à guerra que tivemos, formando um tapete deficiente cuja reparação precisa da comparticipação de todos os sectores (económico, social, cultural e religioso) para repor a moral nas pessoas”.

Caso não se promova uma actuação multisectorial, sinérgica, entre todas as instituições sociais do país para resgatar a moral das pessoas, no entender do Reverendo Macamo, “irão surgir comunidades sem terra, famílias sem coesão social, o que é um problema não só para as cidades (onde o cenário é mais notório). Há famílias anónimas que circulam no quotidiano dentro da cidade. Um estudo atento pode detectar uma comunidade – prostituta, de criminosos, e de mendigos – que se edifica nas urbes”.

O académico Nataniel Ngomane, antes de expor um pensamento mais elaborado, indaga: “Há pessoas que se procriam na rua, mas como é que uma pessoa consegue ter comida para cozinhar morando na rua? E qual é a participação das diversas instituições do Estado nesta realidade? Como é que os laços de solidariedade humana estão a funcionar para impedir que estas calamidades aconteçam e qual é a comparticipação do Estado?”

Será em resultado desta compreensão que Nataniel Ngomane esclarece: “creio que o futuro que se pretende para o povo moçambicano é risonho. Mas a abundância de fábricas de bebidas destiladas com alto teor alcoólico que são vendidas a um preço bastante acessível, quando se associa à ideia da construção do futuro do país chega-se à conclusão de que se está diante de um problema que carece de políticas públicas. E não se trata de uma situação isolada, há várias esferas sociais que precisam de políticas públicas claras e pessoas responsáveis e responsabilizadas para garantir a sua implementação”.

O mais preocupante, em tudo isso, é que no entender do director da Escola de Comunicação Nataniel e Arte, Nataniel Ngomane, “não me parece que o problema das bebidas alcoólicas – que se proliferam de qualquer maneira, perigando o futuro do país – seja uma questão difícil para um Estado independente como Moçambique. É necessário que o Governo defina quais são os índices de álcool que devem circular no país, seja a nível de bebidas mais leves como a cerveja ou nas mais pesadas como a aguardente. Nada impede, por exemplo, o Ministério das Finanças de estabelecer preços mínimos aos produtos para desestimular o seu consumo por parte das camadas sociais mais vulneráveis”.

A par dos demais aspectos, Nataniel Ngomane terminou a sua exposição com uma constatação. “É certo que o futuro que se pretende para o país é risonho, mas não sei o que será de Moçambique quando chegar a hora de o seu destino ser dirigido por esta geração que se está a alcoolizar”.

As culpas do Ocidente no caos líbio

Até que ponto a morte do embaixador americano em Bengasi é um prenúncio da decadência da Primavera Árabe? Se assim for, que quota-parte de responsabilidade cabe aos EUA e aos seus aliados?

Texto: The Guardian, de Londres • Foto: Lusa

O ataque ao consulado dos EUA em Bengasi – de que resultou a morte do embaixador Chris Stevens e de três adidos – e os assaltos a representações diplomáticas ocidentais no Iémen, Egito, Tunísia e outros países provam que a Primavera Árabe está a murchar. O Ocidente tem responsabilidades: a impaciência, a crença de que a democracia pode ser imposta à pressa, de fora, e de que a resistência à mudança só pode ser obra de entidades aberrantes ou de terroristas isolados.

A secretária de Estado dos EUA, Hillary Clinton, admitiu estar “desconcertada” com os assassinios de Bengasi, ocorridos num país cuja revolução o Reino Unido apoiou e cujo ditador a NATO ajudou a derrubar.

A morte de um diplomata amigo da revolução é indício do caos que assola a Líbia desde a deposição de Kadhafi. Longo e perigoso é o caminho que vai da revolução à democracia estável. O Conselho Nacional de Transição, o Congresso Nacional eleito e o novo Primeiro-Ministro foram, apesar das boas intenções, incapazes de impor a lei e a ordem às inúmeras milícias tribais que mandam, de facto, na Líbia.

Eis alguns pontos a realçar: • Há pelo menos 100 mil combatentes a vaguear pela Líbia com armas pesadas; o Governo não consegue desarmá-los nem evitar que as usem uns contra os outros, quando não é contra o Governo.

• A 6 de Junho, uma bomba explodiu diante do mesmo consulado dos EUA em Bengasi, sem causar baixas; num ataque semelhante, na Primavera, o alvo havia sido o embaixador britânico, que não foi atingido.

• Há meses que grupos armados pilham e queimam mesquitas sufis pela Líbia fora, perante a passividade da polícia. Os extremistas salafitas têm sido acusados, mas não houve detenções.

• Em Maio, o gabinete do Primeiro-Ministro interino em Trípoli foi atacado por milícias, tendo morrido quatro pessoas.

• Em Abril, milícias rivais de Zuwarah e Ragdalein combateram-se em Trípoli, tendo havido pelo menos 22 mortes.

• Saif Kadhafi continua preso pela milícia de Zintan; esta deteve o advogado enviado pelo Tribunal Criminal Internacional para o representar e não há data para o transferir para a custódia do Governo, muito menos para o julgar.

• Em Janeiro, manifestantes saquearam o gabinete do Conselho Nacional de Transição em Bengasi, o que alimentou suspeitas de que há quem deseje um governo separatista naquela zona.

• A Al-Qaeda é um actor local na Líbia, não uma importação: a milícia que tomou Trípoli no Verão era liderada por um ex-combatente da Al-Qaeda, Abdel Hakim Belhadj, detido por Kadhafi e que Saif ajudou a libertar e “reabilitar”. • Mesmo antes da revolução, o líder das forças rebeldes, o general Abdel Yunis, foi assassinado em Bengasi.

O crime nunca foi investigado. Mais do que um pu-



nhado de acontecimentos desconexos, trata-se de um caos contínuo a que o débil Governo líbio não sabe dar resposta. Clinton tem razão ao dizer que o mundo é muito “complicado”. Talvez a lição mais importante venha da história das revoluções: derrubar tiranias não chega para estabelecer a democracia e, frequentemente, cria a anarquia.

Dessa anarquia e da desordem pode renascer a tirania. A Revolução Francesa conduziu a Napoleão e à restauração da monarquia; a Revolução Russa terminou com os bolcheviques a eliminarem rivais – os salafitas seculares daquele tempo. A queda do xá no Irão levou os mullahs ao poder. Caso Assad seja deposto na Síria, alguém crê que daí virá uma democracia?

Um estranho esquema à Hollywood

Foi um trailer antimuçulmano no YouTube que motivou o ataque de Bengasi? Os dirigentes dos EUA apontam para os grupos jihadistas surgidos após o derrube de Kadhafi. Ou seja, embora o ataque possa não ter sido resultado directo do filme, a violência reflecte as visões apocalípticas daquela obra. Produzido e promovido por uma estranha aliança de cristãos evangélicos de direita e coptas egípcios exilados, o filme A Inocência dos Muçulmanos visa desestabilizar o Egito e as presidenciais nos EUA. Como disse um consultor da obra, Steve Klein: “Sabíamos que era provável que isto acontecesse”.

A Associated Press começou por identificar um misterioso “Sam Bacile” como produtor do filme, amador e praticamente insuportável de ver. Bacile disse ser um judeu israelita e ter angariado cinco milhões de dólares (3,8 milhões de euros) junto de “100 dadores judeus”. O Governo israelita não confirmou a sua identidade e, durante um dia, nenhum jornalista foi capaz de determinar se existia. A Associated Press encontrou a sua morada: a casa de Nakoula Basseley Nakoula, separatista copta condenado por fraude.

“Sam Bacile” era um pseudónimo de Nakoula. Segundo um actor do filme, o elenco julgava estar a participar num épico bíblico, com o título Guerreiro do Deserto. O guião não fazia menção a Maomé, cujo nome foi dobrado na pós-produção. Até Nakoula ter sido desmascarado, a única pessoa a assumir o envolvimento no filme era Klein, vendedor de seguros e veterano do Vietname, membro do movimento islamófobo que gerou o assassino norueguês Anders Breivik.

Autoproclamados “antijihadistas”, estes cruzados seguem propagandistas como Pamela Geller, a bloguista que insinuou que Obama era filho ilegítimo de Malcolm X, ou Robert Spencer, pseudo-universitário que defende que o Islão é “uma doutrina e tradição de guerra contra os infiéis”.

Durante uma campanha para demitir um xerife a quem acusava de ligações à Irmandade Muçulmana (IM) – “uma rede global de muçulmanos que visa converter os seis mil milhões de habitantes do mundo ou então matá-los” –, Klein conheceu o copta radical separatista Morris Sadek. Banido de voltar ao Egito, Sadek já se exibiu em Washington com um crucifixo numa mão e uma Bíblia com a bandeira dos EUA na outra. “O Islão é mau! É uma seita!”, gritava.

Contra a revolução egípcia

Com as eleições americanas à porta e o Governo egípcio nas mãos da Irmandade, Klein e Sadek juntaram-se a Nakoula na sua maior operação de propaganda: A Inocência dos Muçulmanos. A 11 de Setembro, multidões de muçulmanos treparam os muros da embaixada dos EUA no Cairo, exigindo

retaliação pelo insulto a Maomé. Os protestos transbordaram para a Líbia.

Sadek e os seus aliados sempre estiveram contra a revolução egípcia, receando que abrisse caminho à IM. Concretizado o seu principal medo, apontam o efeito desestabilizador dos seus esforços como prova da falência do Governo.

“A violência causada no Egito (pelo filme) é mais uma prova de como aquela religião e aquela gente são violentas”, disse Sadek. Os ataques contra interesses americanos no estrangeiro favorecem as ambições de cristãos de extrema-direita como Klein.

Os candidatos presidenciais, Obama e Romney, competiram pela tirada mais dura contra o “terror” islâmico. Patriota moderado, sempre à defesa contra a sua própria ala direita, Romney mordeu o isco e acusou Obama, sem fundamentos, de “simpatizar com os que organizaram os ataques” e de ter “pedido desculpa pelos valores da América”. Recebeu críticas de todos os quadrantes. Obama não tardou em autorizar uma série de ataques de drones a alvos líbios, que deverão agravar a hostilidade da região contra os EUA.

Um grupo de extremistas provou que, com pouco dinheiro e um esquema cínico, era possível moldar a história à sua visão apocalíptica. Mas não ficou imune. Segundo a publicação árabe Copts Today, Sadek passeava por Washington a 11 de Setembro quando foi rodeado por quatro mulheres coptas. Inectivando-o por alimentar a violência sectária, bateram-lhe na cabeça com os seus sapatos de salto alto. Uma gritou: “Se acontecer alguma coisa a um cristão no Egito, a culpa é tua!”

**Seja o primeiro a saber.
Receba as notícias
d'Verdade no telemóvel.**

**ENVIE UMA SMS PARA O
NÚMERO 8440404
COM O TEXTO
SIGA VERDADEMZ**



Síria: vencedores e vencidos

Quem irá beneficiar de uma mudança de regime em Damasco? E quem irá pagar as consequências?

Texto: Revista Foreign Policy, de Washington • Foto: Lusa

A morte anunciada do regime sírio deverá ser antecedida de alguns desenvolvimentos inesperados. Mais difícil é adivinhar quem ou que regime irá emergir para governar em Damasco, depois de a poeira assentar. Ainda assim, apresentamos uma lista, provisória, de vencedores e vencidos.

Os grandes vencidos

1. O Presidente Bashar al Assad e o seu clã. Bashar está condenado pelo seu ADN. Esqueçamos a imagem do homem moderno que ia reformar a Síria. Oriundo de uma família na qual o inato e o adquirido são um cruzamento entre os Soprano e os Corleone, Bashar al-Assad só podia ser o que é. Quer seja apanhado ao sair de um cano de esgoto, como Kadhafi (improvável), julgado em Haia, como Milosevic (mais improvável ainda), ou passe o resto dos seus dias numa dacha à beira do rio Moscovo (um pouco mais provável) ou consiga, durante algum tempo, encontrar refúgio no “Alauistão” (zonas alauitas no noroeste da Síria), o fim da linha está próximo. Os dias de Bashar estão contados.

2. Os alauitas. Esta maioria dominante (12-13% da população) (a que pertencem os Assad) está prestes a tornar-se uma minoria martirizada. Na nova Síria, a reconciliação e a integração não vão passar de um sonho. Infelizmente, haverá fortes pressões para se olhar para trás e não para o futuro, para acertar as contas e retaliar. Se receber ajuda externa suficiente, a Síria talvez possa evitar os ajustes de contas entre comunidades religiosas. Para tal, seria necessária uma força de estabilização internacional, muito dinheiro e uma política esclarecida da parte dos irmãos árabes, em especial dos sauditas e dos turcos. De qualquer modo, os maiores perdedores serão os alauitas, que beneficiaram das benesses do regime e que deverão ficar mais pobres e menos seguros, enquanto os sunitas dividem o bolo entre si. 3. Os cristãos. Tão-pouco haverá um final feliz para os cristãos. A partida de Assad poderá pôr termo a duas garantias importantes para esta comunidade (cerca de 10% da população).

Enquanto se mantiveram no poder, os alauitas tinham interesse em legitimar o seu próprio estatuto de minoria, protegendo outras. Por outro lado – por falsa que fosse –, a estabilidade que os Assad garantiam tornava o estatuto de minoria bastante seguro, desde que os grupos minoritários não desafiassem o regime. A Síria de amanhã será dominada pelos sunitas. Os cristãos correm o risco de serem cada vez mais marginalizados.

4. O Hezbollah. Hassan Nasrallah, secretário-geral da organização libanesa, tem estado a arriscar o pescoço ao apoiar Assad. Mas o Hezbollah sobreviverá à queda do ditador sírio, porque é um actor de peso na vida política libanesa. A Síria foi sempre uma fonte de armas, informação e influência no Líbano, ainda que ocasionalmente tenha havido tensões entre o Hezbollah e Damasco.

5. O Irão. Os iranianos também vão sobreviver a mais este golpe, mas perderão uma carta estratégica. A aliança entre o Irão e a Síria durou quase 40 anos, por ser mutuamente benéfica e porque os dois países não são concorrentes ideológicos. A queda de Assad perturbará esse equilíbrio. Se vier a instalar-se em Damasco um regime sunita apoiado pela Arábia Saudita, o Irão sentir-se-á cercado. Teerão deixará de poder exercer a sua influência sobre o Líbano e o conflito israelo-árabe. Tudo isto aumentará o sentimento de insegurança e vulnerabilidade do Irão, o que poderá



levar este país a redobrar os esforços para se dotar de armas nucleares. 6. O Iraque. O Governo xiita de Nuri al-Maliki também tem boas razões para rejeitar a queda de Assad e é provável que a tensão entre o Iraque e a Síria se intensifique. Os sunitas e os curdos iraquianos sentir-se-ão estimulados com a ascensão dos seus irmãos do outro lado da fronteira e, muito provavelmente, tentarão aproveitar a dinâmica para melhorar o seu estatuto no país.

7. A Rússia. Aconteça o que acontecer na Síria, a Rússia perderá a sua posição privilegiada. Os sírios não esquecerão o apoio militar e financeiro de Moscovo a Assad. A instauração de um regime sunita, seja de que natureza for, terá de enfrentar a hostilidade de Vladimir Putin contra os islamitas, apoiados pelos sauditas, na Tchetchénia e no Cáucaso do Norte.

Os grandes vencedores: haverá alguns?

Neste momento, é muito mais fácil identificar os vencidos do que os vencedores. Na verdade, ainda não há um vencedor claro.

1. O Líbano. O fim do clã Assad vai desatar a corda há tanto tempo atada em volta da garganta do Líbano e enfraquecer o Hezbollah (que se tornou um estado dentro do Líbano). O reverso da medalha é que uma Síria instável continuará a desempenhar um papel nefasto no Líbano, podendo mesmo agudizar o conflito entre sunitas e xiitas.

2. Os curdos. As minorias étnicas da Síria talvez fiquem em melhor situação do que as minorias religiosas. Os curdos (cerca de 9% da população síria) aspirarão a um maior reconhecimento, ou mesmo à autonomia. Mas, como neste momento controlam grande parte da fronteira entre a Turquia e a Síria, poderão tornar-se fonte de tensões e conflitos no interior da Síria e com a Turquia, estabelecendo ligações com os curdos iraquianos e com o Partido dos Trabalhadores do Curdistão (PKK).

3. Israel. Os israelitas terão motivos para se felicitar pelo enfraquecimento do Irão e do Hezbollah, induzido pela queda de Assad. Mas a transição trará consigo muitas incertezas. Que acontecerá ao acordo de 1974 (com a Síria), que fez dos Montes Golã (agora uma fronteira) a zona mais pacífica do Médio Oriente? Que acontecerá ao arsenal químico da Síria, o mais importante da região? Que papel representarão os jihadis-

tas estrangeiros e qual será a cor política do novo governo? Haverá instabilidade no país? O governo sírio será influenciado pela Irmandade Muçulmana, como o seu homólogo egípcio?

4. A Turquia. Consoante o tipo de poder sunita em Damasco, a Turquia, principal potência não sunita da região, poderá estabelecer uma aproximação estreita com a Síria e aumentar a sua influência. Mas há possibilidades de o problema curdo vir a gerar graves tensões. 5. A Arábia Saudita. A queda de Assad trará vantagens concretas para os sauditas, se estes conseguirem influenciar o novo regime sunita na Síria.

A chegada ao reino do antigo ministro sunita da Defesa, Manaf Tlass (que desertou), é um indício interessante da solução ponderada pelos sauditas. Mas uma personalidade por muito tempo ligada ao regime actual, como Tlass, poderá não ser aceitável aos olhos dos opositores sírios.

6. Os Estados Unidos. Ao contrário do que se passou com outros regimes autoritários com os quais mantiveram relações ao longo dos anos, os americanos nunca obtiveram grande coisa dos Assad em matéria de vantagens estratégicas. O maior ganho que poderão obter com o fim do regime é o enfraquecimento do Irão. Mas se um regime sunita islâmico ou simplesmente instável vier a instalar-se em Damasco, Washington terá dificuldade em encontrar o equilíbrio certo.

Do ponto de vista financeiro, os americanos não têm meios para assumir a liderança dos esforços de reconstrução, que vão custar muitos milhões de dólares. Por outro lado, teriam muito a perder se a situação degenerasse em conflito religioso ou, pior ainda, se a Síria fosse desmantelada. É forçoso concluir que o caminho da transição se anuncia longo e tortuoso. Se o Egipto, a Tunísia e a Líbia, com todos os seus problemas, constituírem exemplos, é de rejeitar que o pior possa acontecer na Síria.

Publicidade

JAI AMBE TEM GRANDES NOVIDADES Visite-nos

BIKANO SWEETS & NAMKEEN
Aperitivos e doces Indianos

Bons Preços

MERCEARIA ESTRELA, LDA.
R. Chi-Min, 1673, Maputo • Mozambique • Tel. 21 326 619 • Fax 21 431 787 Cell. 82 307 6220 / 82 302 7830 / 82 308 6850
Email: estrela@emilmoz.com

Jesus foi casado? Talvez não. E isso importa? Talvez sim

“Jesus disse-lhes: ‘A minha mulher...’” Esta frase, inscrita num fragmento de um papiro copta ainda não rigorosamente datado e de proveniência desconhecida, ateou de novo o debate: afinal, Jesus foi casado ou não?

Texto: **Jornal Público de Lisboa** • Foto: **Reuters**

E isso deveria ter repercussão na atitude do cristianismo em relação às mulheres, tendo em conta os textos fundadores e a doutrina de Jesus? Antes de discutir esses temas, há entretanto a questão do valor histórico do documento revelado por Karen L. King. A investigadora da Harvard Divinity School foi a primeira a reconhecer que é cedo para tirar conclusões.

O fragmento deverá datar do século IV e, de acordo com King, é a tradução de um texto grego do século II, num curto pedaço de papiro de cerca de quatro por oito centímetros (como um cartão-de-visita). Nele podem ler-se várias frases incompletas (parte-se aqui da tradução proposta para castelhano por António Piñero, especializado em línguas e literatura do cristianismo primitivo e editor dos textos gnósticos da Biblioteca de Nag Hammadi): “A minha mãe deu-me a vida (...) os discípulos perguntaram a Jesus (...) negou. Maria é digna disso (...) Jesus disse-lhes: a minha mulher (...) poderá ser minha discípula.” Na última frase, mais estranha, lê-se: “Que os malvados rebentem (...) no que me respeita, viverei com ela por (...) uma imagem.” A alusão aos malvados diz Piñero que se pode referir à morte de Judas. Quando apresentou o papiro em Roma, na semana passada, King afirmou, citada pela AFP: “O julgamento final quanto à veracidade deste documento depende de um exame mais aprofundado e de outros testes sobre a composição da tinta.”

À Reuters, Carl R. Holladay, professor de Novo Testamento na Universidade Emory (EUA), disse que a descoberta é “obviamente importante”. Mas as circunstâncias que a revelaram devem merecer cautelas da parte dos investigadores, avisou. Que circunstâncias foram essas? King contou que, há dois anos, recebeu uma mensagem de um colecionador, na sua caixa de e-mail a pedir-lhe para traduzir um fragmento de papiro, em copta, com uma referência à “mulher” de Jesus. King disse que o colecionador não sabe de onde provém o fragmento de papiro e que quer permanecer anónimo. Jennifer Sheridan Moss, presidente da Associação Americana de Papirologistas, afirmou à Reuters que a instituição provavelmente não publicaria nenhum artigo sobre um documento do qual desconhecesse a origem. Mas apesar de críticas sobre a avaliação científica do artigo que apresenta o fragmento, ele vai ser publicado na The Harvard Theological Review.

Importância “muito escassa”

Polémica histórica à parte, o papiro traz alguma novidade ao debate sobre se Jesus foi casado? A frase que mais polémica trouxe – “Jesus disse-lhes: a minha mulher (...) poderá ser minha discípula” – não diz nada de novo. O espanhol António Piñero, um dos maiores especialistas contemporâneos na matéria, diz que a importância do documento revelado por Karen L. King “é muito escassa”. Há uma dúzia de textos, recorda, dos evangelhos copto-gnósticos da Biblioteca de Nag Hammadi que fazem referências do género à eventual relação privilegiada de Jesus com Maria Madalena – aquela que é mais apontada como a eventual mulher de Jesus. No seu blogue, o investigador tem colocado, nos últimos dias, vários textos gnósticos referentes ao mesmo tema. Os textos de Nag Hammadi foram descobertos em 1945 na aldeia com o mesmo nome, situada perto de Luxor e a 200 quilómetros a norte de Assuão. Os manuscritos de Nag Hammadi e os do Mar Morto são as descobertas de textos antigos mais importantes da era contemporânea. Num dos textos de Nag Hammadi, o Evangelho de Maria, lê-se: “Pedro disse: ‘Maria, irmã: nós sabemos que o Salvador te apreciava mais do que às outras mulheres. Dá-nos conta das palavras do Salvador que recordes, que tu conheces e nós não, que nós não escutámos.’” No Evangelho de Filipe, acrescenta-se: “E a companheira do (Salvador é) Maria Madalena.

O (Salvador) amava-a mais do que a todos os discípulos e beijava-a frequentemente na (boca).”Estas frases devem ser lidas na cultura em que foram produzidas. O gnosticismo cristão dos primeiros séculos era uma corrente que considerava Jesus apenas como “um ser puramente espiritual e divino”, explica Piñero na introdução aos textos de Nag Hammadi. “Mas para desempenhar a sua missão na terra (Cristo) introduz-se no corpo de um ser humano especial, que é Seth ou Jesus de Nazaré, nascido de uma virgem. Concretamente, este Jesus tem um corpo de aparência normal, mas na realidade é puramente psíquico, material, sim, mas incorporeal. (...) O corpo deste Jesus é meramente aparente.” Piñero explica que o texto deverá ter origem num copista “de segunda ou terceira categoria, mas relacionado com os textos de Nag Hammadi”. Quem fala, no texto, é o “revelador celestial depois da sua

ressurreição, cujo interesse não era em absoluto falar da sua mulher na terra”. E um tão pequeno fragmento não autoriza que se diga que estamos diante de uma cópia de um “original grego do século II”. A própria Karen L. King admitia, citada pela agência ENI (Notícias Euménicas Internacionais), que o documento não manifesta qualquer evidência sobre se Jesus foi casado ou não. Apenas pode revelar que os primeiros cristãos discutiam o assunto, disse. “A mais antiga e mais fiável evidência histórica é totalmente silenciosa sobre o estado marital de Jesus.” E acrescentava que o fragmento também pode traduzir apenas linguagem figurada, mesmo quando se lê a frase “a minha mulher”. Esta é, provavelmente, uma das explicações mais seguras. É que, explica Antonio Piñero no seu livro Jesus y las Mujeres, os gnósticos encaravam a sexualidade e a procriação como algo desprezível. No Evangelho dos Egípcios, outros dos textos gnósticos do qual apenas se conhecem excertos, coloca-se Jesus a dizer que a sua missão no mundo é “destruir as obras da mulher”. Quer dizer, explica o investigador espanhol, “aniquilar a concupiscência, a saber, todo o desejo sexual”. Esta doutrina, denominada encratismo (continência sexual absoluta), era defendida por vários grupos de cristãos gnósticos. Piñero cita, aliás, no mesmo livro, outros textos gnósticos que falam de Salomé e não de Madalena como a mulher de Jesus. Mas o investigador espanhol diz que essas referências são todas de carácter simbólico: “Os gnósticos gostam de metáforas sexuais para designar a união espiritual forte, já que não encontram na natureza melhor metáfora para a simbolizar.” Piñero acrescenta que este texto nada prova acerca de um eventual casamento de Jesus. E muitos investigadores estão de acordo com esse facto: nada indica que isso tenha acontecido. Na época, o casamento era normal, mas havia grupos de judeus piedosos que não se casavam – os essénios de Qumran, por exemplo. “Se Jesus tivesse mulher, seria normal que os evangelhos canónicos referissem o facto”, diz o padre Joaquim Carreira das Neves, um dos mais destacados biblistas portugueses. E John P. Meier, que está a publicar há anos Um Judeu Marginal, uma investigação sobre a figura histórica de Jesus, acrescenta: “Não podemos ter uma certeza absoluta (...).

Mas os vários contextos (...) no Novo Testamento e no judaísmo assinalam como hipótese mais verosímil a de que Jesus permaneceu celibatário por motivos religiosos.” Piñero nota que a tradição dogmática de séculos sobre o celibato de Jesus foi, nos últimos tempos, substituída “por uma nova certeza”. Para muita gente “de boa-fé mas desgraçadamente ignorante do conteúdo real dos textos antigos”, Jesus foi casado e isto tornou-se “quase um dogma de fé”. Ouvido pela AFP, o porta-voz da Santa Sé, padre Federico Lombardi, disse que o papiro “não muda nada na visão sobre Cristo e os evangelhos” e que não tem “qualquer influência sobre a doutrina católica”.

Questão diferente é saber se o que se lê nos textos dos evangelhos (canónicos ou gnósticos) deveria levar a uma outra visão sobre o papel da mulher no cristianismo. Citada pela ENI, King afirmou que a descoberta poderia levar os crentes a repensar as suas convicções sobre os primeiros cristãos e sobre os debates da época acerca do casamento, do celibato e da família. Alguns desses modos de olhar ainda influenciam questões como o celibato dos padres ou a interdição da ordenação de mulheres.

“A questão da mulher na Igreja é um problema de razão. Os gnósticos tiveram uma falência de razão”, ao desconsiderar a mulher. “E a Igreja, ao longo dos séculos, também acabou por ter uma falência de razão”, comenta Carreira das Neves. Piñero acusa King de “propaganda feminista ou pior, talvez, de propaganda pessoal”. Porque citações deste género são tomadas como argumentos para defender uma outra atitude, nomeadamente da Igreja Católica, para com a mulher. E a divulgação do documento, na forma como foi feita, é “quase uma montagem sensacionalista”, ainda que para servir uma causa justa: chamar a atenção da Igreja sobre a sua estrutura “masculinista”, “machista” e injusta”, critica o investigador espanhol.

Venezuela: de David a Golias em poucas semanas

A menos de uma semana das eleições, Capriles cavalga uma vaga de fundo. Se Chávez ganhar poderá ser por uma unha negra.

Texto: **jornal Expresso de Lisboa**

Em Julho ninguém apostava um bolívar em Henrique Capriles. Hugo Chávez parecia invencível, com uma vantagem de 20% nas sondagens. Beneficiava de uma gigantesca máquina de propaganda com uma década de rodagem e de investimentos a fundo perdido em apoios sociais (pelo menos 500 milhares de milhões de dólares). Como diz o escritor da nova vaga venezuelana Leopold Tablante, “o chavismo sempre soube capitalizar a divisão socioeconómica que polariza este país”, apresentando o seu chefe como “uma espécie de líder espiritual consagrado à causa dos pobres”. O politólogo Niomer Evans pensa que o Presidente “representa a venezuelanidade na sua máxima expressão”. Em três meses deu-se a reviravolta: a uma semana das urnas, chavistas e opositores disputam taco a taco a supremacia nas ruas e a liderança nas sondagens. Afinal, Golias tinha um calcanhar de Aquiles. A campanha de Chávez foi errática e prejudicada por sucessivas ausências causadas pela doença que o persegue. Seguiram-se as duas semanas horribilis marcadas pelo incêndio na refinaria de Amuay (44 mortos), pelo motim na prisão de Yare (26 mortos), pelo colapso da ponte de Cupira e por sucessivos apagões. Uma sucessão de más notícias a que se juntou a hábil exploração por Capriles dos pontos negros da gestão do “comandante”, a começar pela violência que dilacera o país (19 mil homicídios em 2011) e pela corrupção (em 438 queixas apresentadas à Comissão de Auditoria Fiscal da Assembleia Nacional só quatro seguiram para investigação).

David assusta Golias

Transformado de indefeso David em papa-léguas infatigável, o candidato presidencial da oposição deu três voltas à Venezuela. Esteve em 280 cidades, onde juntou multidões. Capriles, admirador confesso de Lula da Silva, evitou os boicotes organizados pelos radicais chavistas e esquivou-se à chantagem da propaganda contrária, como o espectro de uma guerra civil em caso de vitória da oposição. Vogando na crista de uma onda cada vez mais alta, o candidato da oposição passou com nota alta em Barinas, terra natal de Chávez. E rematou assim o seu discurso: “Barinas é o estado mais pobre da Venezuela. E quem se esquece da sua terra natal não tem o direito de continuar a governar”. Este discurso breve e contundente calou fundo entre os desencantados com o regime, como o Expresso pôde constatar. Sete pessoas ouvidas pelo nosso jornal tinham votado em Chávez e agora votarão na oposição. “Na minha primeira eleição votei pelo Presidente”, confessou Zacarias Rincón, de 26 anos, estudante de Direito e comerciante. “Mas agora o país fugiu-lhe das mãos e eu fui a abrir os olhos. Não há pior cego do que aquele que não quer ver”, Capriles procura um Efeito Jospin (o líder socialista francês que protagonizou uma reviravolta histórica, quase arrebatando a presidência a Chirac) que o conduza ao Palácio de Miraflores.

Magnetismo pessoal

Conta com a corrente de simpatia suscitada entre os jovens. E também com um título atractivo para as mulheres que apareceu em manchete (“Capriles procura primeira dama”), que causou uma verdadeira revolução hormonal no país. Quando Capriles aparece no palco assemelha-se mais a uma pop-star do que a um político. São incontáveis os beijos roubados ao candidato, as camisas rasgadas, os abraços intermináveis e as declarações de amor. No entanto, Capriles sabe que será muito difícil vencer o líder da Revolução Bolivariana, mas continua a repetir aos mais próximos que vai ganhar por 5%. Alguns sonham em recriar o milagre de Violeta Chamorro na Nicarágua, que derrotou os sandinistas em 1990, quando ninguém esperava. Mas a comparação que mais dói a Chávez tem uma data, a de 1998, e um país, a Venezuela. “Só Capriles encheu o centro de Barinas como fez o Presidente, quando ganhou a sua primeira eleição”, diz Alfredo Carrero, de 59 anos, supervisor hospitalar e colega de escola do Presidente. “Hoje Capriles parece o jovem Chávez”.

Publicidade

SAC

Exija sempre incenso original

Um incenso que pode mudar a sua vida

Qualidade

VISITE-NOS

Garantida

Distribuidor Oficial em Moçambique.

MERCEARIA ESTRELA, LDA.

Av. Ho-Chi-Min, 1673, Maputo - Mozambique - Tel. 21 326 619 - Fax 21 431 787 Cell. 82 307 6220 / 82 302 7830 / 82 308 6850

Email: estrela@emilmoz.com

Barcelona joga o dérbi da independência

No próximo dia 25 de Novembro vai haver eleições autonómicas antecipadas na Catalunha e o parlamento regional acaba de aprovar uma moção pedindo um referendo à independência na próxima legislatura.

Texto: jornal Expresso de Lisboa • Foto: MSNBC

O Governo nacionalista presidido por Artur Mas durou 21 meses. Se a coligação no poder, Convergência e União (CiU, nacionalista e conservadora) tinha vencido com um programa que pretendia apenas rever a relação fiscal com Madrid, desta vez apresenta-se aos cidadãos com uma proposta soberanista: referendo de autodeterminação que lance as bases do futuro Estado catalão.

O Presidente da Generalitat (governo autonómico catalão) segue um raciocínio lógico: bloqueadas, por recusa taxativa do Primeiro-Ministro, Mariano Rajoy, as negociações para novo pacto fiscal, não faz sentido prolongar a legislatura.

A meta de Artur Mas era um regime parecido com o do País Basco e Navarra: em vez de os impostos serem cobrados por Madrid, os cidadãos pagam à comunidade autónoma, que entrega parte da receita ao Estado central.

A CiU e o seu líder procuram nova legitimidade para dar tradução política às aspirações de independência expressas na megamanifestação cívica – a iniciativa não partiu dos partidos – de Barcelona, no passado dia 11. A maioria da oposição nacionalista apoia o Presidente da Generalitat.

O Partido Popular (PP, do primeiro-ministro espanhol Mariano Rajoy) e o pequeno partido catalão Cidadãos (C's) opõem-se. A sucursal catalã do Partido Socialista Operário Espanhol (PSOE) prefere adoptar, quanto antes, um modelo federal para toda a Espanha.

O Parlamento catalão aprovou na semana passada (com a abstenção do PSOE e o voto contra do PP e C's) um documento que desenha o roteiro dos próximos meses. Na próxima legislatura, provavelmente em 2014, o povo será consultado, em referendo, sobre o direito da Catalunha à autodeterminação.

Artur Mas foi assertivo: “Tentaremos fazê-lo através de procedimentos legais e de acordo com o Governo central; não sendo possível, convocaremos um referendo à mesma”. A secretária-geral do PP, María Dolores de Cospedal, promete que Madrid fará “o que estiver nas suas mãos” para evitar o referendo, pois seria “ilegal”.



O chefe do Governo regional não pronunciou, em nenhum discurso, a palavra “independência”. Artur Mas defende que “já não há Estados independentes” e idealiza a Catalunha como um de muitos Estados Unidos da Europa, embora reconheça que tal horizonte não é realista. O Governo catalão, que espera aumentar a sua base no Parlamento autonómico, encara as eleições de Novembro como um plebiscito identitário.

É conhecida a posição dos soberanistas, mas será indispensável ouvir a voz daqueles que ainda não se manifestaram, ou seja, dos que não querem a secessão e dos que, embora nacionalistas, desejam manter vínculos com Espanha.

Cansaço recíproco

Artur Mas sublinha que existe “um cansaço mútuo entre a Catalunha e Espanha”, materializado na ideia de que o Estado central não foi capaz de dar resposta às aspirações catalãs.

O actual Estatuto de Autonomia (que dá à Catalunha muito mais poder do que já têm os länder alemães ou do que ainda pedem o Quebec e a Escócia), já teve o seu tempo, afirmam os nacionalistas.

A sentença do Tribunal Constitucional de 2010, que anulou parte das reformas que o Parlamento catalão fizera a esse Estatuto, promovidas pelo então primeiro-ministro Zapatero, representou um ponto de inflexão no sentimento de frustração de muitos catalães. A de-

riva recentralizadora da fortíssima ala direita do PP, totalmente contrária ao Estado autonómico, já tinha posto muitos cidadãos de sobreaviso.

Depois, a crise económica deu o golpe de misericórdia no status quo: boa parte da população catalã acredita que, se o país fosse independente, teria enfrentado melhor as dificuldades actuais: uma dívida de 44 mil milhões de euros, 821 mil desempregados e serviços sociais degradados para níveis mínimos, devido aos cortes orçamentais.

Não faltam os paradoxos do costume: enquanto Artur Mas anunciava a antecipação das eleições para afastar a Catalunha de Espanha, funcionários do Governo autonómico assinavam, em Madrid, um pedido de resgate económico ao Estado central, no valor de 5023 milhões de euros, imprescindíveis para a Generalitat pagar facturas e salários.

O ruído independentista cresce a par e passo com as vozes autorizadas que alertam que o caminho da secessão pode ser espinhoso: desaparecimento do guarda-chuva protector da União Europeia, início de um processo de adesão àquela (que só seria possível com o “sim” de todos os Estados-membros, incluindo Espanha), estabelecimento de fronteiras, organização da defesa e da diplomacia, emissão de moeda, integração em organismos internacionais, regulação dos vínculos com a Espanha (pensões, recursos, impostos...).

O colunista Xavier Vidal-Folch comentava há dias, no diário “El País”, que o plano soberanista é anacrónico quando os Estados-nação tendem a desaparecer e ceder soberania a instituições supranacionais, como a UE.

As nações já não emitem moeda, as fronteiras foram eliminadas, as políticas externas e de defesa são decididas em Bruxelas e, em breve, haverá um supervisor bancário comum. Exactamente por isto crescem os partidários de uma reforma da Constituição que faça da Espanha um Estado federal.

Juntaram-se a esta corrente, à pressa, a secção catalã do PSOE e o próprio líder nacional dos socialistas, Alfredo Pérez Rubalcaba.

Já o Barça, “més que un club” (mais do que um clube), sempre pragmático, diz que aceitará o que o povo disser, mas continuará a jogar – era o que faltava! – na Liga espanhola. Amanhã, recebe o Real Madrid. Um confronto com os madrilenos dentro e fora do relvado que ninguém quer perder.

África do Sul: Pastor viola menor de seis anos de idade

A polícia da província sul-africana de Eastern Cape está à procura do pastor Duncan Village, acusado de ter violado sexualmente uma menor de seis anos de idade, filha de um casal membro da sua congregação.

Texto: Milton Maluleque

O pastor, que a polícia acredita ter cerca de 40 anos de idade, encontra-se em fuga desde quarta-feira da semana passada depois de ter supostamente cometido o crime. A família da vítima é crente da Igreja “New Holy Zion”, congregação pertencente a Duncan Village.

A mãe da menor, de 25 anos de idade e empregada doméstica, afirmou que a violação ocorreu quando esta estava à procura de um novo emprego, e que a filha, que frequenta a 1ª classe, está a receber tratamento médico e acompanhamento psiquiátrico no Hospital Cecilia Makiwane.

Segundo a avó, a vítima, depois de regressar da escola, foi brincar com as amigas nas imediações da casa.

O reverendo viu a minha neta sentada na estrada e, alegadamente, tomou-a pela mão e levou-a para a sua casa”, afirma a idosa de 64 anos de idade.

Uma vizinha, que se encontrava a lavar roupa, à beira da estrada, teria presenciado o momento em que o pastor con-

duziu a vítima ao interior da sua casa. “Passado algum tempo, ao notar a demora no regresso da menor, a nossa vizinha que se encontrava a lavar a sua roupa nas proximidades da estrada deslocou-se à casa do pastor para saber do que se estava a passar.”

A vizinha, ainda a caminho da casa do pastor, teria visto a menor a abandonar a casa do reverendo aos prantos, enquanto a avó se encontrava a cozinhar, quando os populares, na companhia da neta, lhe informaram do sucedido.

O facto levou os membros daquela comunidade a procurar o pastor, que já havia desaparecido da zona.

“Nós não queremos agredi-lo, muito menos fazer justiça com as nossas próprias mãos. Nós respeitamo-lo muito e o que queremos é que ele nos dê uma explicação em relação aos seus actos”, diz a avó.

Apesar da grande decepção causada pelo reverendo, a família da vítima assegura que não irá abandonar a congregação

de que o acusado é líder. “Nós temos de orar, não podemos viver sem as bênçãos de Deus”, acrescenta a idosa.

Por seu turno, o major Ernest Sigobe afirma que a polícia já abriu um processo de violação e que estava a envidar todos os esforços no sentido de se capturar o pastor para que este responda perante a justiça.

O caso foi transferido para a unidade que lida com a violência doméstica, protecção infantil e ofensas sexuais em East London. Segundo o major Sigobe, a polícia emitiu um mandado de captura contra o pastor e a sua fotografia está a circular em todas as províncias sul-africanas, incluindo nos aeroportos e nas fronteiras, visto que se trata de um foragido que constitui perigo para a sociedade.

Para Sigobe, o pastor Duncan Village será capturado brevemente visto que este é conhecido pela polícia e, especialmente, pela comunidade local. Entretanto, no último fim-de-semana a igreja “New Holy Zion” não abriu as suas portas.

Desporto Motorizado: Feito por uns, mas visto por todos

O desporto motorizado é daqueles que envolve karts, carros e motos. É praticado em Moçambique desde o tempo colonial, mais precisamente na década de 40. Por razões culturais, esta modalidade não é tão propalada como o futebol, por exemplo. Contudo, para os abalizados na matéria, o país não é leigo neste tipo de diversão como parece, até porque, segundo a história, o ATCM foi anfitrião de provas de Fórmula 1, nomeadamente o "IX Circuito da Cidade", conquistado pelo piloto sul-africano Dave Charton, entre os dias 16 e 19 de Julho de 1968.

Já no fim da década de 70, a TOTAL na cidade de Lourenço Marques, hoje Maputo, organizou uma prova de rali que contou com a presença de Jean Todt, co-piloto, na altura, e hoje presidente da Federação Internacional do Automobilismo (FIA). Nos dias que correm, este desporto continua a ser praticado (por alguns), apesar de não haver massificação.

Nesta edição temos como entrevistado António Marques, presidente do Automóvel & Touring Clube de Moçambique (ATCM), um organismo que existe desde 1949 e que desde sempre tutelou o desporto motorizado em Moçambique.

O ATCM é membro da FIA desde 2006 e, por essa via, é reconhecido internacionalmente por aquela instituição como ACN (sigla em inglês que significa instituição nacional do desporto motorizado). Contudo, apesar do mérito, este desporto passa por maus bocados. Tudo devido à falta de união entre os seus fazedores.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze

@Verdade – Em que estado está o desporto motorizado em Moçambique?

António Marques – O desporto motorizado em Moçambique passa por uma fase conturbada, o que faz com que corra o risco de estagnar.

@V – Porquê?

AM – Há uma vontade enorme e doentia de se querer acabar com o ATCM e aniquilar o António Marques. Isto até é sabido por todos e inclusive foi dito na Beira por certas pessoas.

@V – Que pessoas?

AM – Algumas. Não se lembram do que disse um tal Ayoob quando fez a campanha da criação da Federação Moçambicana do Desporto Motorizado na Beira? Cito: "A intenção da FMDM é aniquilar o ATCM e o António Marques".

O mesmo Ayoob endereçou na mesma altura um correio electrónico ao Motor Clube da Beira no qual nos chama de "cães tnhosos". Ele foi criticado pelos clubes presentes no Chimoio. Nós achamos e dissemos que o pior seria se fôssemos "filhos de uma vaca".

@V – Pode-se dizer que o desporto motorizado está em guerra no país?

AM – O desporto em si não. Mas existe um mal-estar entre alguns indivíduos que apareceram agora e outros que há muitos anos têm lutado para que o desporto motorizado voltasse a ser o que já foi, mesmo depois da independência.

@V – Fala-se de mal-estar porque se sabe que existem duas federações em Moçambique...

AM – Foi criada a primeira federação, a Federação Moçambicana de Desporto Motorizado mas, os clubes



de Norte e Centro repudiaram publicamente através de uma carta dirigida ao Presidente da República e a outras instituições inclusive a Assembleia da República. O ATCM preferiu enviar uma carta a impugnar a mesma junto do Ministério da Juventude e Desportos.

Como tal, o Ministério da Juventude e Desportos mandou o Conselho Nacional do Desporto para que tomasse conta do assunto onde, a posteriori, este órgão convocou todos os clubes fazedores do desporto motorizado para que fôssemos a uma reunião convocada para o efeito em Chimoio. Resumindo: essa reunião decidiu por maioria absoluta, excepto o representante da FMDM, que devíamos fazer um trabalho profundo no sentido de se criar outra federação que fosse do consenso de todos os clubes.

Foi o que se fez até à tomada de posse da Federação de Desporto Motorizado de Moçambique (FDMM), numa cerimónia dirigida pelo Instituto Nacional do Desporto (INADE).

@V – E qual das duas é a legal?

AM – O que aconteceu foi isto: a FMDM foi constituída por um grupo de pessoas, quando a nova lei do desporto, no que concerne às federações, obriga que sejam núcleos, clubes ou associações a constituírem as federações e não um grupo de pessoas singulares como foi o caso.

A par disso e após a criação da FDMM, a outra federação intentou uma acção judicial contra o ATCM, contra o António Marques e contra o Eugénio Chongo, presidente do Conselho Nacional de Desporto.

Nesse processo, a FMDM apresentou como testemunha o director Nacional da Juventude e Desportos, que em pleno tribunal disse que "nós o Governo abonámos a FMDM liderada pelo senhor Manuel Ramssane.

O tribunal, sem que faça sentido, proibiu a actividade do ATCM e do António Marques como representantes do país no exterior e impediu a actividade do ATCM como ACN.

Naturalmente, embargámos essa sentença e estamos a aguardar por uma decisão superior.

@V – E o que mais perderam?

AM – Perder não perdemos. O que se está a passar é que pilotos como os três irmãos Cipriano, os três Brazunas, o Norberto Varinde, o Benjamin Haicken, o Victor Figueiredo Júnior e outros, guiados pelos seus pais, negam-se a permanecer neste ambiente que se criou.

Voleibol: Ausências marcam a 12ª jornada

As ausências das equipas nos dias de jogo continuam a manchar o Campeonato de Voleibol da Cidade de Maputo. No último sábado (29), dia marcado para a realização da 12ª jornada, nos diversos escalões, alguns clubes não fugiram à regra e optaram por gazetear, frustrando o pouco público que ocorreu ao pavilhão do Ferroviário da Baixa a fim de acompanhar o melhor do voleibol da capital.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Mangueze



O único confronto, em seniores masculinos, agendado para a tarde daquele dia, referente à 12ª jornada do Campeonato de Voleibol da Cidade de Maputo não decorreu. Tudo se deveu à falta comparência da equipa do Hotso, que tinha pela frente a Académica "M".

Noutras partidas realizadas, em seniores femininos, a equipa da Graal não teve dificuldades para *passar por cima* da Académica "B", com os parciais de 25 a 16, 25 a 20 e 25 a 22, perfazendo o somatório de 3 a 0.

No escalão de juniores masculinos, destaque foi para o Hulene e o Maputo Jets, duas equipas que protagonizaram um jogo super-aguerrido. O resultado de 3 a 1, a favor do Hulene, descreve por si só quão intensa foi a contenda. 18 a 25, foi o resultado do primeiro parcial favorável ao Maputo Jets tendo, a posteriori, perdido os sets com os parciais de 25 a 20, 25 a 22 e 22 a 22.

Ainda neste escalão, a equipa do Hotso averbou uma falta de comparência na partida que frente à Mcel. Não surpreendente foi também a falta de comparência averbada a duas equipas adversárias, nomeadamente a Aliança e a TVSD, que simplesmente gazetearam ao encontro que tinha início marcado para as 14 horas.

Contudo, o certame continua neste fim-de-semana e espera-se que esta situação (de falta de comparências) seja ultrapassada pois em nada dignifica a modalidade, muito menos o nível do certame.

Seja responsável. Bata com moderação.

DESPORTO

BONS MOMENTOS DE FUTEBOL COM A 2M



Moçambola: Há quem manda em Xinavane

Está relançada a luta pelo título no Moçambola. A cinco jornadas do fim do certame, o líder Maxaquene não conseguiu levantar as asas no último fim-de-semana e viu a diferença pontual em relação ao segundo classificado, o Ferroviário de Maputo, reduzir para seis pontos. Renhida está também a luta pela manutenção em que está cada vez mais difícil descobrir quem serão os dois acompanhantes do Ferroviário de Pemba para a segunda divisão.

Texto: David Nhassengo • Foto: Miguel Manguze

Oficialmente, foram dez os autocarros que transportaram adeptos do Maxaquene da cidade capital Maputo à Vila de Xinavane a fim de acompanharem aquela equipa para o jogo contra o Incomáti, que foi disputado no domingo (30). Mas, na verdade, a excursão dos adeptos tricolores que vieram de todos os cantos da região Sul do país ultrapassou este número pois a estes juntaram-se muitos outros.

Como corolário, o campo do Clube do Incomáti foi pequeno para receber os cerca de quatro mil adeptos que convergiram naquele ponto, diga-se, maioritariamente vergando as três cores do Maxaquene.

O ambiente que se viveu minutos antes do jogo foi de festa e, para quem não anda abalizado no futebol, a partida parecia uma final. Nota negativa vai para os adeptos e sócios da equipa da casa que não souberam impor-se perante a onda tricolor, que pintou por completo aquele ponto do país.

Futebol “vistoso” que não gera golos

Quando o relógio marcava as 15 horas, o árbitro José Maria Rachide fez soar o apito que deu início à partida que colocou frente a frente duas equipas distintas, quer pelos objectivos no Moçambola, quer pelas suas respectivas colocações na tabela classificativa. É que o Maxaquene, enquanto luta para consolidar a liderança, o Incomáti tenta a todo o custo garantir mais festas do género em Xinavane na próxima temporada.

Muito cedo, os tricolores deram indicações de querer sair de Xinavane com os três pontos garantidos quando Kito, ao quinto minuto, ameaçou as redes de Marcelino com um remate que se perdeu na linha do fundo. Treze minutos mais tarde, os visitantes voltaram a ameaçar com um cabeceamento inofensivo do capitão Macamito.

Os visitantes desenvolveram, até ao minuto 20, um futebol ostentoso e bem organizado, com a circulação de bola a construir as jogadas de ataque a partir do meio-campo. Porém, o sistema defensivo da equipa da casa, que se manteve consistente, aliviando qualquer tipo de infiltração do esférico na sua grande área, obrigou a que os jogadores do Maxaquene fossem mais pacientes, jogando mais atrasados enquanto preparavam novas jogadas ofensivas.

Sem o esférico, o Incomáti defendia, contudo, a partir do minuto 26 até ao intervalo, o jogo passou a estar equilibrado. O único lance de perigo e digno de registo por parte dos açucareiros ocorreu ao 31º minuto quando Scaba, de cabeça, gelou por completo os adeptos tricolores que afluíram em massa ao campo.

Segunda parte fenomenal

A etapa complementar da partida começou com um Incomáti muito distraído – talvez por se sentir um visitante dentro da própria casa – com os seus jogadores a pecarem de forma exagerada na comunicação. Os mesmos falharam nos passes e, quando tivessem a bola nada faziam senão entregá-la de bandeja ao adversário. O Maxaquene, nesse período, aproveitou-se do erro do adversário, mas sem marcar.



O “senão” dos açucareiros só foi resolvido graças às mexidas na constituição da equipa operadas por Euroflin da Graça que, lançando Binho para dentro das quatro linhas, viu o Incomáti transformar-se e mais arrojado.

Com a partida novamente equilibrada e as duas equipas já preocupadas com o factor tempo, já se esgotavam de tanto arriscar num “tudo ou nada”. A diferença na abordagem do jogo ficou manifesta, por um lado, com a equipa tricolor a ir ao ataque mais organizada e, por outro, um Incomáti que inconscientemente bombeava as bolas para a frente.

Numa jogada perfeita, Betinho surgiu isolado na grande área e, quando ia rematar, viu-se interceptado por Clarêncio que o impossibilitou de dar prossecução à jogada, ficando a reclamar grande penalidade. O árbitro da partida mandou prosseguir e a fúria dos adeptos tricolores sobressaiu arremessando garrafas para as quatro linhas.

Minutos após este triste incidente, Marcelino aplicou-se ao fundo para com a palma da mão negar o golo certo a Kito, na sequência de um portentoso remate a meio da rua.

Esgotados os noventa minutos e quase todos cientes do nulo como resultado final, o árbitro da partida concedeu mais três minutos de compensação. E naquilo que se previa como a última jogada de ataque, Acácio lançou o esférico para a grande área e encontrou a cabeça de Mbinho que o empurrou para o fundo das malhas depois de este bater no poste direito de Acácio, selando as contas do jogo.

Os adeptos tricolores, após o apito final, cercaram o balneário dos árbitros mas graças à intervenção dos agentes da Lei e Ordem, o pior não aconteceu.

Para além da manifesta tristeza que se repercutiu no silêncio fúnebre da caravana, a massa tricolor voltou a ouvir o “*Salanine*” que se estendeu desde o campo até à saída da vila, ou seja, em todas os cantos por onde passava ouvia-se harmoniosamente dos locais: “Voltaremos a avistar-nos, assim se o Senhor das alturas o permitir, mas adeus, adeus... adeus”.

Resultados da 21ª Jornada					Próxima Jornada				
Liga Muçulmana	1 x 1	Costa do Sol	Desportivo de Maputo	x	Ferroviário de Maputo				
Chingale de Tete	1 x 0	Têxtil de Púnguè	Maxaquene	x	Chingale de Tete				
Incomáti	1 x 0	Maxaquene	Têxtil de Púnguè	x	Costa do Sol				
Ferroviário de Nampula	0 x 0	Vilankulo FC	Vilankulo FC	x	Incomáti				
Ferroviário de Pemba	0 x 1	Ferroviário de Maputo	Ferroviário de Pemba	x	Ferroviário de Nampula				
Ferroviário da Beira	0 x 0	Desportivo de Maputo	HCB de Songo	x	Ferroviário da Beira				
Clube de Chibuto	1 x 0	HCB de Songo	Clube de Chibuto	x	Liga Muçulmana				

CLASSIFICAÇÃO									
L	EQUIPA	J	V	E	D	GM	GS	DG	P
1º	Maxaquene	21	12	7	2	25	11	14	43
2º	Ferroviário de Maputo	21	11	4	6	23	17	5	37
3º	Ferroviário da Beira	21	8	11	2	23	15	8	35
4º	Vilankulo FC	21	9	7	5	16	8	8	34
5º	Costa do Sol	21	8	9	4	31	22	9	31
6º	Liga Muçulmana	21	8	7	6	24	25	9	31
7º	HCB de Songo	21	8	4	9	14	14	0	28
8º	Têxtil de Púnguè	21	8	4	9	15	21	-6	28
9º	Clube de Chibuto	21	7	6	8	19	18	1	27
10º	Ferroviário de Nampula	21	7	5	9	16	19	-3	26
11º	Incomáti	21	5	7	9	15	17	-2	22
12º	Desportivo de Maputo	21	5	7	9	15	23	-8	22
13º	Chingale de Tete	21	4	10	7	14	22	-8	22
14º	Ferroviário Pemba	21	1	4	16	8	36	-28	7

FUTSAL: A César o que é de César

As equipas da Liga Muçulmana e dos Transportes Lalgy assumiram no último sábado a liderança do Campeonato de Futsal da Cidade de Maputo, ambas com 12 pontos (mais dois que o terceiro), apesar de terem menos um jogo em relação às restantes seis equipas.

Texto: David Nhassengo

Tarefa fácil foi o que os muçulmanos tiveram diante da equipa da Mcel, em jogo da quinta jornada do Moçambola. Ciente da fraqueza do adversário que ainda não pontuou neste certame, a Liga Muçulmana entrou determinada e dominou por completo a partida, dando indicações de estar perante um jogo-treino para a jornada seguinte.

A Mcel não teve argumentos táticos para responder à qualidade de futebol apresentada pela equipa contrária e ficou apenas a assistir como quem aguenta sofrer calado. Ao fim dos 40 minutos, o marcador registava sete a zero, um resultado favorável à Liga Muçulmana que retornou ao topo da tabela classificativa após duas jornadas.

Ainda na mesma noite, os Transportes Lalgy, que aguardam pelo confronto de acerto de calendário contra a Liga, passaram por sérias dificuldades para derrotar o lanterna vermelha da competição, o Café Alegria. Os camionistas, que por pouco ficavam sem as rodas, consentiram dois golos que deixaram a partida mais intensa, mas conseguiram conquistar três pontos à mercê dos quatro golos que conseguiram encaixar na baliza contrária.

Transportes Lalgy e Al-Mahid em braço-de-ferro

A próxima jornada começa nesta sexta-feira no pavilhão da Comunidade Mahomentana e já com um confronto promissor. A equipa dos Transportes Lalgy, actualmente na segunda posição, por diferença de golos com o líder, vai medir forças com o Al Mahid, conjunto que ocupa neste momento a terceira posição, com nove pontos.

Este embate é de extrema importância para a Liga Muçulmana que, em caso de derrota dos camionistas, poderá assumir isoladamente a liderança da prova.

Quadro completo de resultados:		
Café Alegria	2x5	Transpores Lalgy
Autoridade	1x4	Auto Avenida
Incopal	2x5	Al Mahid
Liga Muçulmana	7x0	Mcel

Próxima jornada 6ª		
6ª.f. Pavilhão da C. Maometana		
(18h)	Mcel x A. Tributária	
Transportes Lalgy	x	Al Mahid (19h)
6ª.f. Pavilhão da L. Muçulmana		
Liga Muçulmana	x	Incopal (19h)
Sábado. Pavilhão da L. Muçulmana		
Auto Avenida	x	Café Algria

Desporto

continuação →

**@V – E qual foi a posição da FIA?**

AM – Apesar dessa proibição do tribunal, para a FIA continuamos a ser a ACN no país, conforme documentos na posse e o que está acordado entre a FIA e o Governo através do Ministério da Juventude e Desportos.

@V – Acha que a ligação que tem com a FIA é que estará por detrás disto?

AM – Também é. Mas não directamente e não gostava de envolver a FIA nestas questiúnculas que estão a acontecer no desporto motorizado em Moçambique. Porém, não posso deixar de dizer que conheço um mentiroso sem o mínimo de vergonha na cara, de uma ganância doentia que disse ao ministro das Juventude e Desportos, para nos desacreditar, que recebíamos 80 mil dólares anuais da FIA, o que é pura mentira.

@V – Quanto é que recebem da FIA?

AM – Desde que somos membros de pleno direito a partir de 2006, recebemos mais ou menos 33 mil dólares. Como se pode ver, muito longe desses 80 mil dólares anuais o que corresponderia a 480 mil dólares.

Entretanto gostávamos de esclarecer que como membros da FIA que somos, pagamos anualmente mais ou menos de quotas 6 500 dólares. Multiplicado por seis anos dá 39 000 ou seja, recebemos da FIA 33 000 e pagamos 39 000. Isto é para se ver a falta de conhecimento desse indivíduo que nem é sócio.

@V – Recebem ou já receberam algum financiamento do Governo?

AM – Nunca!

@V – Porquê?

AM – Entendo que o desporto motorizado ainda não é prioritário para o país e que, apesar das dificuldades que encaramos, conseguimos ainda ser sustentáveis ao nosso jeito.

@V – Para dizer que tem tido problemas de tesouraria?

AM – É lógico.

@V – Pode dar exemplos e dizer para onde é canalizado o fundo alocado pela FIA?

AM – Nós nunca parámos com o desporto automóvel. Investimos muito na formação de directores de prova e comissários de pista. Apoiámos a formação de pilotos jovens, comprámos karts para a academia, contratámos um instrutor que foi campeão do mundo, pagámos a deslocação a pilotos que foram para Idub e Zwart Kops.

@V – E de onde vêm os outros fundos?

AM – Dos patrocínios, das licenças internacionais de condução, do público que tem afluído aos nossos eventos, dos pilotos e dos sócios. Mas sublinhe-se: ao público devemos um eterno agradecimento pelo apoio que nos tem prestado assim como aos pilotos que são a razão da nossa existência.

@V – E do seu?

AM – Nos últimos dois anos tirei cerca de 400 mil meticais do meu bolso para diversas questões pontuais.

@V – Terão alguma vez cancelado alguma actividade planificada por falta de fundos?

AM – Nos últimos 14 anos talvez duas vezes, que seja

do meu conhecimento. As outras vezes foi pelo estado do tempo.

@V – Têm recebido apoio de empresas?

AM – Sim e não! Ressalve por exemplo a Coca-Cola, a Embarcadero, a Leader Trader, SouthenSun, Andaimes e Co-fragens, Acty, Toyota, Nissan, Engen, Total, entre outros.

@V – Alguma razão para tal?

AM – Infelizmente temos uma Lei do Mecenato que não funciona. Não preciso de citar muitos exemplos. O próprio partido Frelimo já patrocinou provas de outros clubes

do desporto motorizado mas nunca as do ATCM.

@V – Em termos de infra-estruturas, o ATCM, como organismo pioneiro do desporto motorizado, tem-nas?

AM – De todas as que nos retiraram, apenas nos restou o Autódromo na Costa do Sol.

Um espaço avaliado em cerca de 700 milhões de dólares norte-americanos, onde, apesar das dificuldades, levamos a cabo as nossas provas e lutamos pelo seu desenvolvimento assim como pela não alienação do mesmo.

@V – Fala de infra-estruturas retiradas. Quais?

AM – Ao longo do país temos muito património que nos foi retirado. Talvez vá perguntar porque o ATCM não abrange todas as províncias, pois então encontre aqui a resposta.

@V – Mas quais, concretamente?

AM – São várias. O Clube dos Empresários é nosso; O Palácio dos Casamentos na cidade da Beira, as bombas de gasolina junto ao Centro de Conferências Joaquim Chissano que destruíram, as bombas junto ao Hotel Cardoso, o Complexo Zalala em Quelimane, o edifício na zona do cinema Novo Cine na Beira, entre outras infra-estruturas. Ora, todo este património é nosso e se estivesse na nossa posse o cenário do desporto motorizado no país podia mudar com toda a certeza.

@V – Com que base vos retiraram o património?

AM – Não se sabe. Mas em 2008 entregámos um dossier às instâncias superiores e governamentais. Esperamos encontrar respostas até porque todo esse património não está incluído na lei das nacionalizações, como se pode cogitar, por ser antigo.

@V – Quais são os desafios do ATCM?

AM – Neste momento, o nosso grande desafio é, através do nosso contributo, estancar a onda de acidentes nas nossas estradas. Mas também temos um projecto muito ambicioso de desenvolvimento do nosso autódromo. É um projecto jamais visto no país, avaliado em cerca de dois biliões de dólares norte-americanos e que só está à espera de aprovação da Assembleia Municipal de Maputo.

@V – De que tipo de projecto se trata?

AM – Como disse, é de desenvolvimento do autódromo. Queremos modernizar o nosso autódromo e construir muitas infra-estruturas tanto dentro daquele espaço como na área residencial. Queremos erguer, só para dar um exemplo, duas torres de 33 andares e uma de 23, mas na devida altura vamos trazer isso a público.

Mas antes como sempre temos feito, os sócios serão os primeiros a saber do despacho que aguardamos.

@V – E no que diz respeito à formação, o que se pode dizer?

AM – Estamos neste momento parados para atender às nossas preocupações relativas ao ambiente em que está a área do desporto motorizado para, a seguir, concentrarmo-nos no nosso projecto não deixando, naturalmente, de continuar a realizar provas, como as que vamos organizar com o Xititudo Clube de Gaza e o Conselho Municipal de Xai-Xai nos próximos dias 13 e 14 de Outubro, assim como preparar

a quarta prova de karts e a sexta de drifts e special stage para além de uma grande prova internacional que temos programada para celebrar os 125 anos da cidade de Maputo.

@V – Tem-se a ideia de que o desporto motorizado em Moçambique não é para todos. É da mesma opinião?

AM – Não se pode ter medo de dizer que é um desporto das elites embora leve muitas pessoas a assistir às provas nas pistas e acho que se for um desporto de elite com fundos próprios é bom. O que seria mau era envolver dinheiro de proveniência duvidosa.

@V – Porquê?

AM – Cada piloto, no fim da sua formação, para continuar neste desporto, tem de ter o seu próprio veículo para as provas. O que logo à partida se percebe que ter uma viatura só para corrida, não é para todos. Vou mais longe: em termos técnicos, um carro, numa só prova de velocidade, precisa de oito pneus. Numa de drifts precisa de 12 caso queira ganhar. No que diz respeito à preparação, qualquer carro de 1200 a 2000 centímetros cúbicos com uma potência de 100 a 120 cavalos proporciona uma corrida que implica custos. Por outro lado, quem participa em provas de drifts precisa de carros a debitar mais de 400 cavalos de potência, o que fica mais caro ainda.

@V – Mas isto não coloca em risco o futuro da modalidade?

AM – Muitas vezes, são os próprios pais que levam os pilotos à pista. Então, se eles fazem isso é porque estão em condições de sustentar este desporto. Não posso perder esta oportunidade de agradecer aos pais que mandam os filhos ao ATCM para aprenderem a praticar este desporto, que é de alto risco.

@V – O ATCM é patrono de uma campanha contra os acidentes de viação nas estradas moçambicanas. Isso não será uma espécie de “lavagem da cara” pelo que tem andado a promover nas pistas?

AM – É puramente uma estupidez pensar-se assim. Tudo quanto nós ensinámos nas pistas é a disciplina e o rigor. Desde que “reexistimos” em 1987 até hoje, nunca registámos em provas organizadas pelo ATCM na pista um acidente grave. Para o ATCM, a alta velocidade começa e termina no autódromo ali na pista do Costa do Sol.

@V – Quantos pilotos do ATCM foram encontrados na estrada em situação de indisciplina rodoviária?

AM – Não sei. O que gostaria de saber, e apesar disso acontecer, é porque é que a nossa polícia nunca deteve esses pilotos, apreendeu a viatura ou confiscou a carta de condução? O ATCM condena veementemente essa atitude e o autódromo pode ficar vazio mas não queremos condutores com esse tipo de atitude, quando são pilotos que pisam a nossa pista. Mas já não digo o mesmo quando são provas organizadas em circuitos da cidade.

@V – Então como se explica que o ATCM esteja envolvido em campanhas de prevenção de acidentes?

AM – É uma questão de responsabilidade. Michael Schumacher, Lewis Hamilton, Felipe Mass e Niko Rosberg pilotos de fórmula 1, são embaixadores mundiais da segurança rodoviária a nível da FIA. Aliás, a FIA, de há alguns anos a esta parte, obriga os clubes filiados a desenvolver campanhas de segurança rodoviária nos seus países de origem. Eu próprio tenho um programa radiofónico de promoção da segurança rodoviária e desporto motorizado há mais de 23 anos e não me sinto a lavar cara. Sinto-me é frustrado.

@V – Na sua opinião, porque é que as nossas estradas continuam sangrentas?

AM – Porque a nossa polícia está desmotivada. Disse isso na reunião que houve no Centro de Conferências ao Procurador-Geral da República, no INAV e ao próprio ministro do Interior, que a maneira de reduzir pelo menos 40% da sinistralidade rodoviária é proporcionar meios móveis, logísticos, apoios sociais, prestar assistência média e medicamentosa, oferecer material escolar à nossa polícia. É que enquanto forem sujeitos corruptíveis e desprovidos de meios, continuaremos a registar muitos acidentes nas estradas porque não aplicam a autoridade.

Desporto

Futebol europeu: Barcelona e Bayern invictos

A perfeição começa a ser uma raridade nos principais campeonatos da Europa, após o Marselha ter voltado à realidade, mas o Bayern e o Barcelona mantiveram intactos os recordes perfeitos.

Texto: Redacção e Agências • Foto: Istockphoto



Espanha

O FC Barcelona manteve o início 100 por cento vitoriosa na La Liga, mas precisou de uma recuperação épica para vencer pela sexta vez. A perder por 2-0 em casa do Sevilla FC, que terminou reduzido a dez jogadores, empatou a um minuto do fim, graças ao segundo golo de Cesc Fàbregas, e arrancou a vitória já em tempo de compensação, por cortesia de David Villa. “Sentimo-nos confortáveis em todos os momentos”, disse Fàbregas. “Dominámos o jogo, mas às vezes as coisas complicam-se e temos de mostrar o nosso carácter – foi o que fizemos”. O rival Real Madrid também ganhou, goleando o Deportivo La Coruña por 5-1, depois de Cristiano Ronaldo ter apontado um “hat-trick”, enquanto o terceiro classificado, Málaga CF, venceu o Real Betis Balompié por 4-0 e o Club Atlético de Madrid triunfou no terreno do Espanyol, pela margem mínima (1-0).

Alemanha

O Bayern München igualou um recorde do clube, com nove vitórias consecutivas, todas as competições incluídas, mas teve dificuldades

para levar a melhor sobre o Werder Bremen, acabando por prevalecer com dois golos nos últimos dez minutos, marcados por Luiz Gustavo e Mario Mandzukic. “AbRANDámos muito as coisas na primeira parte”, disse o treinador Jupp Heynckes. “Os jogadores testaram demasiado a minha paciência, mas no final de contas foi o suficiente para vencer uma equipa do Bremen forte”. O Borussia Dortmund regressou à boa forma em grande estilo, com cinco

golos sem resposta frente ao VfL Borussia Mönchengladbach, enquanto o Eintracht Frankfurt continua a desmentir o seu estatuto de “outsider”, depois de somar a quinta vitória na Bundesliga desde que subiu de divisão, agora à custa do SC Freiburg.

Inglaterra

O Tottenham Hotspur suplantou o peso da história quando venceu o Manchester United, de forma dramática, por 3-2, pondo fim a uma maldição de Old Trafford que remontava a Dezembro de 1989. “A nossa equipa escreveu história”, declarou o treinador vitorioso, André Villas-Boas, que ainda assim permanece pragmático. “São apenas três pontos importantes, mas espero que também sirva como inspiração para o futuro”, acrescentou. Entretanto, o Chelsea continua a liderar, depois de Fernando Torres e Juan Mata terem marcado em cada parte, com um golo de Gervinho pelo meio, valendo o triunfo em casa do Arsenal FC. Já o Manchester City interrompeu uma série de dois empates consecutivos, recuperando da des-

vantagem para bater o Fulham, graças a Edin Dzeko, autor do golo da vitória tardio.

Itália

Juventus e Napoli têm ambas 16 pontos e lideram a Série A, no seguimento de vitórias, depois de a campeã Juve ter batido a AS Roma por 4-1 e o Nápoles ter prevalecido por 1-0 frente à Sampdoria. Também houve motivos de alegria para a Internazionale Milano, já que registou a primeira vitória em casa, derrotando uma Fiorentina, reduzida a dez jogadores, por 2-1, e subindo ao terceiro posto, mas o vizinho AC Milan continua a ter dificuldades, após empatar a 1 com o Parma FC. “Estou desiludido com o resultado e estamos todos um pouco zangados, porque podíamos ter somado três pontos e dado um grande salto na tabela”, comentou o treinador do Milan, Massimiliano Allegri. Em quarto lugar aparece a S.S. Lazio, que venceu a AC Siena por 2-1.

França

O Olympique de Marseille voltou à realidade da forma mais dura possível, no domingo (30), já que a sua série perfeita de seis vitórias consecutivas terminou no terreno do Valenciennes FC. Os pupillos de Elie Baup sofreram uma derrota por 4-1, com o golo tardio de Jordan Ayew a servir de mera consolação. “É uma derrota pesada, e o jogo terminou quando chegámos ao intervalo a perder por 3-0”, disse Baup. “Quando se perde desta forma, significa que poucas coisas correram bem”. Em contraste, tudo parece estar a correr bem para o Paris Saint-Germain, já que a equipa de Carlo Ancelotti registou a quarta vitória consecutiva na Ligue 1, batendo o Sochaux-Montbéliard por 2-0. Ocupa agora

o segundo lugar, com o Olympique Lyonnais em terceiro, depois da derrota por 2-0 na recepção ao FC Girondins de Bordeaux.

Portugal

Em Portugal, o Benfica regressou à liderança, partilhada com o FC Porto, com 11 pontos, depois de os “dragões” terem empatado a dois com o Rio Ave FC. O Benfica também não teve a vida facilitada, recuperando para vencer por 2-1 em casa do FC Paços de Ferreira, com um “bis” de Lima.

Jogando fora de casa, o FC Porto apresentou-se a ganhar com o golo de Miguel Lopes, aos 33 minutos do primeiro tempo, depois de um ressalto do guarda-redes adversário. O Rio Ave conseguiu virar, com dois tentos de Ricardo Taranini, aos 34 e aos 40 da etapa final.

Parecia que os anfitriões saíam com a vitória, mas o colombiano Jackson Martínez, aos 44 minutos, cabeceou empatando o duelo.

Na próxima jornada, o FC Porto enfrenta o Sporting, que também neste sábado empatou por 2 a 2 com o Estoril, em Lisboa. Os visitantes fizeram o 2 a 0 por Steven Vitória, de penalty aos 45 minutos do primeiro tempo, e Luís Leal, aos 13 do segundo.

A reacção dos donos da casa começou quando o brasileiro Anderson Luís tentou cortar um cruzamento e atirou para a própria baliza. Mais tarde, Van Wolfswinkel igualou o marcador.

Com o resultado, o Sporting chegou a seis pontos, na sexta posição. Já o Estoril tem a mesma pontuação mas, pelos critérios de desempate, está na quarta posição.

Golfe Ryder Cup: quando um país desafia um continente inteiro

Começou na passada sexta-feira, dia 28, a 39.ª edição da prova. No modelo actual, a Europa leva vantagem com oito vitórias, sete derrotas e um empate. E no Illinois?

Texto: jornal online

Arrancou em 1927 e ficou com o nome da pessoa que ofereceu o troféu, Samuel Ryder. No início opunha os Estados Unidos à Grã-Bretanha, numa guerra de impérios, mas em 1973 foi alargado para incluir a Irlanda e desde 1979 que tem o actual modelo: EUA de um lado, Europa do outro. Um país com 50 estados e um dos epicentros do desporto mundial contra o Velho Continente, numa altura em que já estava habituado a agir em conjunto desde o Tratado de Roma (1957), quando foi criada a Comunidade Económica Europeia – Grã-Bretanha e Irlanda aderiram em 1973.

O choque de forças parece desigual. A Europa tem mais de dez milhões de quilómetros quadrados e uma população de 739 milhões contra um país de praticamente a mesma dimensão – ligeiramente menor –, mas com apenas 314 milhões de pessoas. Faz parte da cultura norte-americana, pensar que consegue fazer a diferença contra a maioria, mesmo que se esteja a falar de um desporto como o golfe, em que a maior implementação é claramente nos EUA e na Grã-Bretanha.

A emergência do golfe no continente alterou o desequilíbrio de forças. Quando a luta era apenas contra a Grã-Bretanha e Irlanda, o registo era favorável aos EUA (18 vitórias e três derrotas), mas muito mudou a partir de 1979. As três primeiras provas voltaram a sair à casa mas a Europa reagiu, recuperou e em 2006 passou pela primeira vez para a frente, ao conquistar a sétima vitória, contra seis dos EUA e um empate.

Os norte-americanos esperam que o Medinah Country Club no Illinois possa servir de bálsamo para um novo empate no balanço final. Para isso, a selecção dos EUA será capitaneada por Davis Love III, antigo golfista que esteve presente nas edições da Ryder Cup em 1993, 1995, 1997, 1999, 2002 e 2004 – curiosamente o período em que a Europa começou a recuperar e a mostrar que tinha argumentos para pôr em causa o domínio absoluto do adversário. Entre os doze jogadores escolhidos, os destaques vão claramente para Tiger Woods e Phil Mickelson, além de Brandt Snedeker que venceu no último fim-de-semana o Tour Championship e a FedEx Cup.

O lado europeu terá o espanhol José María Olazábal como capitão e entre os 12 golfistas da equipa haverá um belga (Nicolas Colsaerts), quatro ingleses (Luke Donald, Ian Poulter, Justin Rose e Lee Westwood), um espanhol (Sergio García), um sueco (Peter Hanson), um alemão (Martin Kaymer), um escocês (Paul Lawrie), dois norte-irlandeses (Graeme McDowell e Rory McIlroy) e um italiano (Francesco Molinari).

Os eventos oficiais começaram na terça-feira, mas só na sexta-feira (28) os campos do Medinah Country Club começaram a receber os jogadores em competição. Os adeptos estarão com os EUA e os europeus já começaram a sentir o ambiente.

Moto GP: Pedrosa triunfa em Aragão de forma dominadora

Numa emocionante corrida no Grande Prémio Iveco de Aragão, Dani Pedrosa, da Repsol Honda Team, triunfou de forma dominadora em casa batendo Jorge Lorenzo e Andrea Dovizioso. Lorenzo, da Yamaha Factory Racing, partiu melhor e ficou à frente de Pedrosa, com Ben Spies, da Yamaha, logo atrás.

Texto: Redacção e Agências • Foto: motogp.com



As primeiras duas voltas não foram boas para a Ducati Team, com Valentino Rossi a tocar na roda traseira de Jonathan Rea (Repsol Honda Team), o que obrigou o italiano a uma incursão por fora de pista. Pouco depois Nicky Hayden sofreu grande acidente, sendo projectado violentamente por cima das placas de publicidade na Curva 16 depois de não conseguir travar. Ele recebeu assistência médica imediata e o centro médico não

tardou a divulgar que o piloto estava bem. Ainda assim, o americano tem de usar um colar cervical no pescoço e será alvo de mais exames de diagnóstico.

Na quarta volta Pedrosa aproximou-se da roda traseira de Lorenzo enquanto David Salom (Avintia Blusens)

desistiu da corrida. Entretanto, Stefan Bradl (LCR Honda MotoGP) ultrapassou Spies para chegar a terceiro, mas caiu umas curvas mais à frente quando puxava forte. Isto fez com que a dupla da Monster Yamaha Tech 3, Cal Crutchlow e Andrea Dovizioso, fossem atrás do americano para lutarem por uma posição no pódio. Pedrosa teve de esperar até à sétima volta para ultrapassar Lorenzo, assumindo a liderança pela primeira vez.

Na nona volta Lorenzo apanhou um susto, dando mais vantagem a Pedrosa na frente enquanto Rossi recuperava terreno. A 13 voltas do fim, Crutchlow alargou a trajectória à entrada da recta da meta, o que permitiu a Dovizioso chegar a quarto. Seis voltas mais tarde, Pedrosa contava com uma margem de quatro segundos na frente, com Dovizioso a ultrapassar Spies e Crutchlow a tentar fazer o mesmo por dentro, mas sem resultados.

Contudo, o britânico não desistiu e, a cinco voltas do fim, ultrapassou o americano para ir logo atrás do companheiro de equipa italiano. Ao mesmo tempo desenrolava-se uma animada batalha pela 13ª posição, entre James Ellison (Paul Bird Motorsport) e Yonny Hernandez (Avintia). Uma volta mais tarde, Rossi voltou a ter azar ao alargar a trajectória e entrar na gravilha; ainda assim, conseguiu

manter o oitavo posto.

A dupla da Tech 3 protagonizou emocionantes voltas finais a lutar pela última posição do pódio, com o britânico a tentar tudo para ultrapassar. Com várias manobras corajosas e muitos toques entre os dois, Crutchlow bem se esforçou, mas o italiano defendeu-se bem.

No final foi Pedrosa quem cruzou a meta primeiro, com seis segundos de vantagem sobre Lorenzo, enquanto Dovizioso assinou o sexto pódio da época. Pedrosa reduziu a diferença em relação a Lorenzo no campeonato para 33 pontos. Crutchlow foi o quarto, com Álvaro Bautista (San Carlo Honda Gresini), Rea, Rossi, e Karel Abraham (Cardion AB Racing) a completarem a lista dos nove primeiros, enquanto Alexi Espargaró (Power Electronics Aspar) foi o melhor CRT com o décimo posto.

Teatro Makwero deplora a mendicância infantil no país

No último domingo, Estreante, um dos dirigentes do Grupo de Teatro Makwero, aglomerou um conjunto de crianças (e alguns adultos) do/ no bairro da Mavalane, numa igreja, e, através da peça teatral “Kuphanda – Flores Que Nunca Murcham”, denunciou publicamente a deplorável situação em que se transforma a vida das crianças abandonadas (à sua sorte) pelos pais na rua.

Texto & Foto: Inocêncio Albino

Com 21 anos de idade, muitos dos quais dedicados às artes na sua diversidade – música, dança e, muito recentemente, malabarismo – Ernesto Langa, ou simplesmente Estreante, revela-se um jovem apaixonado pelo teatro.

Muito recentemente, no último domingo, levando o seu amor por esta expressão artística ao extremo, criou condições para que (depois de dois meses de um trabalho intenso com três actores jovens e totalmente novos no teatro) se exhibisse no bairro de Mavalane, algures no subúrbio da cidade de Maputo, uma obra que, além de proporcionar um entretenimento sadio às crianças, contribuiu para que as mesmas reflectissem ou ganhassem à consciência da dura realidade que é enfrentada por pessoas da sua idade quando se tornam mendigos.

Danito, Tomás e Crescêncio, todos com 14 anos de idade, alunos da 8ª classe, com um domínio de representação cénica e de imaginação invulgar, são os artistas que não somente provaram que a vida das crianças de rua é uma precariedade – elas não estão em paz e, naquela realidade, não podem tê-la – como também, em certo sentido, induziram os presentes (adultos e crianças, homens e mulheres) a evitarem situações que, no seio da família, propiciam um mal-estar nos petizes de que surge o abandono do lar para a rua.

Trata-se de três crianças que, tomando em conta o cenário de uma instabilidade constante no seio da família, acreditam que uma tal estória de mendicância podia desenhencilhar-se de uma realidade em que “(...) a minha tia agredia-me bastante e, por vezes, sem nenhuma razão. Mandava-me fazer trabalhos duros e pesados. Violentava-me sexualmente, até que resolvi procurar um novo lugar para brincar”.

A idade desta personagem à beira de se tornar mendiga é tenra. Diante dela, na realidade em que se encontra, nada nos impede de pensar que na sua adolescência se arrependera da situação que, dentro em breve, iria experimentar. Basta que tenhamos em mente as dificuldades, a luta pela sobrevivência, por que passou no roldão da viagem que foi abandonar a província de Tete com destino à capital Maputo.

Entretanto, se o estimado leitor pensa que a mendicância é apenas um problema das famílias pobres desengane-se. Caso contrário, esta narração de Estreante não faria sentido.

“Nasci na província de Tete, no centro do país, mas sou macua. A minha família era muito rica. Quando eu tinha cinco anos de idade, a minha mãe encontrou a morte. Por isso, o meu pai casou-se com uma outra mulher. Alguns anos depois ele morreu. Eu, absolutamente órfã, fiquei com a minha madrasta que depois se tornou esposa de outro homem. No entanto, o marido da minha madrasta tinha um mau hábito – abusava sexualmente de mim”.



Talvez o leitor acredite que – como se trata de uma obra de arte, uma imaginação criativa do artista – essa história é fictícia. Pode ser que tenha razão, mas, Lucrécia Paco, a nossa célebre actriz e encenadora moçambicana, já há bastante tempo que discute essa realidade na sua peça teatral “A Virgem”. Não há nenhuma intenção de fazer o leitor mudar a sua opinião caso não concorde, mas a verdade é que os artistas inspiram-se na realidade social que vivenciam, sendo por essa razão que as suas obras retornam à sociedade de onde se engendram.

De qualquer modo, deixemos as teorias à parte para perceber que o problema da menina violada recrudescer na medida em que “quando eu apresentava queixa – no lugar de se rebelar contra o marido – a madrasta ficava ofendida comigo afirmando que eu estava a seduzir o seu homem. Foi nesse contexto que eu e o meu irmão mais novo tivemos de fugir de Tete para Maputo. Viemos na boleia de um senhor, mas ao longo do percurso o meu irmão perdeu-se. Infelizmente, eu já nem tenho como voltar para a província de Tete”.

Talvez, diga-se, treinada pelo padrasto para, em certo sentido, tornar-se prostituta na cidade de Maputo, a adolescente não encontrou outra oportunidade diferente na pessoa de um cidadão que a burlou com falsas e malditas promessas. Tanto é que a miúda, convencida de estar a participar no *casting sexual* para trabalhar no bordel, como meretriz – o que a sua mente ainda em processo de formação não conseguiu interpretar como violência – a menina é agredida e abusada sexualmente. Alimentando falsas emoções, a rapariga explica ao namorado que ela não se deslocou de Tete para Maputo a fim de ser amada, mas porque precisava de dinheiro. Por essa razão, não iria abdicar do trabalho nocturno como prostituta por nenhuma razão.

Por causa do custo de vista, das circunstâncias que tornam o seu futuro uma incerteza, a criança (a suposta flor que nunca murcha) é confrontada com a dura decisão de ter de se tornar numa prostituta para adiar a sua morte que, por causa disso, ocorre de forma lenta e progressiva. Todos os seus sonhos de infância em relação a um futuro radiante tornam-se um tormento, causando-lhe um distúrbio mental.

Em cena, os pequenos artistas em idade cronológica e grandes pela sua produção artística, revelam uma série de tipologias de prostitutas. Algumas trabalham nos bordéis. Outras vendem o seu corpo de forma leviana nas ruas e, outras ainda, fazem o mesmo diante de professores e pessoas comuns que detêm algum poder material para satisfazer as necessidades que a família não supre.

De acordo com os actores, algumas destas crianças que se tornam mendigas, criminosos e prostitutas tentam estudar, mas, na escola, não compreendem a matéria em resultado da instabilidade que se verifica nas suas famílias. Por exemplo, há cônjuges que conflituam diante dos filhos, o que é mau, e quando se separam os infantes são obrigados a escolher – e arcar com todas as consequências que daí derivam – com qual dos progenitores pretendem viver.

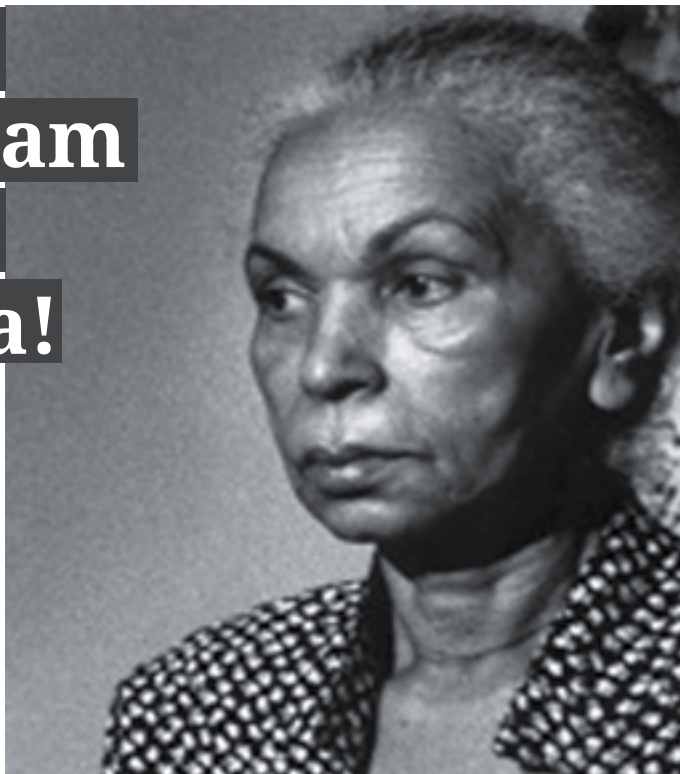
Diante disso, deste tipo de agregados familiares que lhes desconfortam, além de chamá-lo inadequado para o seu desenvolvimento como pessoas, as crianças da peça Kuphanda (o mesmo que desenrascar a vida, o que na verdade fazem na rua) afirmam: “Queremos lares em que as crianças cresçam com carinho, amparo, amor, segurança familiar e apoio dos pais. Famílias em que as discussões dos pais não degeneram em pancadarias para os filhos”.

E não faltam argumentos: uma criança que abandonou um lar alicerçado em discussões, quando se refugia na rua torna-se um verdadeiro criminoso e assassino. É contra essa tendência que a sociedade, como um todo, deve lutar no sentido de reprimir.



Fundaram e fundamentaram a literatura moçambicana!

Preocupados em perceber as influências da célebre poetisa moçambicana, Noémia de Sousa, na literatura do seu país, os jovens que no dia 20 de Setembro se congregaram em Maputo para – junto de Francisco Noa, Nelson Saúte e Eduardo White, renomados escritores moçambicanos – reflectirem sobre o assunto tendo e chegaram a conclusão de que, através da sua escrita, esta poetisa manipulou o rumo dos acontecimentos cujo impacto se verifica nos dias actuais...



Texto: Inocêncio Albino • Foto: Arquivo

Em resultado da sua preocupação com as memórias, com o passado, com a essência da sua existência, mas, acima de tudo, porque os Arrabenta Xithokozelo constituem uma colectividade que se dedica ao movimento literário, rebuscando as memórias, em certo sentido, compreenderíamos que eles são teimosos.

Eles possuem acutilância necessária para manter viva a chama do movimento literário no país. Não é por acaso que Francisco Nova os felicita “por esta persistência em relação à divulgação da vida e obra de Noémia de Sousa. Penso que se trata de um grande contributo à memória de Noémia, uma personagem que não somente faz parte da geração que fundou como também fundamentou a literatura moçambicana”.

De acordo com Noa, a questão da amnésia em relação às memórias do povo é um problema crescente no país. “Quando olho para este conjunto de jovens que está preocupado com a memória, encontro uma situação paradoxal porque neste país há uma certa inação em relação à redescoberta da memória, como se ela fosse algo que inquietasse os mais velhos”. De qualquer forma, ainda que seja fácil responder às razões que fundamentam as nossas lembranças a dados factos, no entender de Noa, o mesmo já não acontece com as razões que fundamentam o esquecimento.

Humanidade e humildade

Noa considera que é mais fácil a pessoa assumir que sofreu a influência de alguém, do que dizer-se que determinada pessoa foi influenciada por outrem. Aliás, há muitos estudos – a nível da literatura sobretudo – que se debruçaram sobre a questão da influência. Certo estudioso americano desenvolveu uma obra integral sobre o tópico, em que revela a angústia da influência para demonstrar o quanto o assunto é problemático.

Seja como for, para Noa, “o que distinguia Noémia de Sousa na sua

humanidade era uma grande humildade que possuía”. Em inúmeras ocasiões, Noémia, “perguntou-me (...) sobre se o que ela escrevia era mesmo poesia, ou se as pessoas liam e qual era a sua reacção? Se as suas obras eram impactantes, como as pessoas as referiam”.

Isso contrasta com o que acontece actualmente em que muitos de nós têm a tendência de nos colocarmos em lugares cimeiros, porque o que Noémia fazia era justamente o contrário. É por essa razão que Noa pensa que ela seria a primeira pessoa a ficar desconfortável, incomodada se – na sua presença – tivéssemos de falar da sua influência na literatura moçambicana.

Eles fundamentaram a literatura

De qualquer forma, para quem compreende a questão colocada por Arrabenta Xithokozelo – não envolve uma simples influência, como também a questão da herança da sua produção literária – qual seria então o legado de Noémia de Sousa na literatura moçambicana?

“O primeiro grande legado de Noémia de Sousa está relacionado com o facto de ela ter feito da poesia um espaço de descoberta e de conhecimento. É em virtude disso que a sua geração fundou e fundamentou a literatura moçambicana”, considera Noa ao mesmo tempo que explica que “algumas pessoas ficam preocupadas, rebuscando outros nomes que, antes da dita geração, escreveram alguns textos. Mas o facto é que, quando nós pensamos na literatura moçambicana como um sistema temos de reconhecer que o mesmo se instaura com esta geração. Antes o que se tinha eram manifestações esporádicas de literatura e, em muitos casos, sem grande consciência do papel que a literatura possuía no processo de descoberta de conhecimento e de autoconhecimento”.

Portanto, “a geração de Noémia de Sousa preocupou-se em conhecer-se a si própria, em descobrir esta nação moderna que hoje chamamos Moçambique mas, acima de tudo, em adquirir um conhecimento que lhes possibilitava conhecerem-se sob o ponto de vista cultural”.

Para Noa, é curioso notar que “a década de 1940 parece ter tido uma espécie de espírito do tempo, porque foi na mesma época que em Angola surgiu o movimento literário Vamos Descobrir Angola dinamizado por personalidades como Agostinho Neto e Mário António. E, de certo modo, tais movimentos constituíam um desafio ao sistema colonial, porque numa situação em que os nossos países haviam sido descobertos há 500 anos, os movimentos literários procuravam descobrir que lugar era aquele em que os povos autóctones viviam”.

Uma geração de intervenção

O segundo aspecto – e se calhar o mais importante de que se pode sublimar o legado de Noémia de Sousa na literatura moçambicana, por ter um impacto que se nota nos dias actuais – tem a ver com a intervenção no espaço. “Esta foi uma geração – sobretudo no caso de Noémia, Rui Nogar, José Craveirinha – que foi verificada e, de certa forma, compartimentada como os poetas do compromisso político e social. Eles assumiram o seu papel na plenitude porque o processo da descoberta significava sobretudo discernir as injustiças da sociedade colonial e descobrir os mecanismos de sujeição que estavam impostos e que animalizavam os moçambicanos, os africanos, e particularmente o negro”.

É por essa razão que o que nos chama a atenção em relação ao título da obra de Noémia de Sousa, Sangue Negro, tem muito a ver com a sua preocupação no tocante à situação dos seus irmãos negros. Então, claramente, “esta poesia possuía um forte compromisso com a causa social e política da maioria populacional – os negros – que se encontrava num grau de sujeição e sobretudo porque (não era possível ficar indiferente às ingerências daquela sociedade) o processo de descoberta revelava isso”.

Sou vítima do metical!



Inocêncio Albino
www.verdade.co.mz

“... e aí eu expliquei-lhe: eu (também) estou teso mas ainda não sou gay, portanto, lixa-te!”

Eu acho que já devia estar morto e moribundo. Nenhuma vítima, como eu, pode permanecer vivo, são e saudável. Eu sou estranho, sim, assumo! Na verdade, eu suspeito da sanidade mental das pessoas que convivem comigo algumas das quais, de forma teimosa e melancólica, nutrem afecto e carinho por mim enquanto outras, para piorar, dizem que me amam. Que coisa mais grotesca! Ninguém pode amar um leproso como eu. Esse amor, que me é dispensado, é uma injúria, uma atrocidade.

Eu, pelo menos de forma intencional e consciente, nunca subjuguiei ninguém, apesar de amar todos os meus próximos. Eu sei que tudo isso é uma falsidade, ou melhor, reitero, é uma hipocrisia. Ninguém me ama! Ninguém, numa sociedade materialista em que vivemos, pode amar uma vítima improdutiva, esperta e desperta, como eu. Assim não dá! Para a minha sensibilidade, o seu amor é um duro golpe. Ora, eu já estou farto de todas essas barbaridades.

Como se devem recordar, no outro dia acordei teso. Encontrava-me num autêntico e estranho cio de tal sorte que certos orifícios deste meu corpo maduro precisaram de que se lhes ministrassem uns objectos eriçados e vibrantes.

Aliás, apesar de eu não me acostumar a esta realidade, já é voz comum que da minha tesão ninguém mais se alarma. Ela constitui o meu dia-a-dia. Eu sou um carente de verdade! Se calhar é por essa razão que, sem vergonha nenhuma, todos os dias eu masturbo-me em espaços públicos. Algumas pessoas chamam-me demente, outras simplesmente ignoram-me, mas para mim isso não faz diferença nenhuma – eu vou masturbar-me na mesma. Os incomodados que se retirem!

Eu quero que isto fique bem claro: Se se tratasse de um problema sexual acho que, a uma hora dessas, uma tal Rua de Bagamoyo – numa dita nostálgica cidade das acácias – já estaria órfã daquilo que lhe glorifica como a prostituta dos moçambicanos. Que pena, nem tenho como experimentar novas sensações voluptuosas.

No outro dia, um pouco depois de eu ter regressado do Brasil – em Maputo, geralmente, eu vou para aquele país latino-americano sempre que sinto saudades ou vontade de falar com o *Senhôu* – eu, cidadão brasileiro no *País de Marrabenta*, recebi um telefonema de um irmão moçambicano que me explicou que eu devia dirigir-me a uma “Automated Teller Machine” (ATM, ou simplesmente um balcão automático) para, em conformidade com as suas orientações, resolver o problema. Na verdade, como o sujeito me esclareceu, a minha conta bancária – cuja sua existência não tenho consciência, obviamente porque não a criei – havia sido “cativa” e/ou “congelada”.

Portanto, era importante que eu resolvesse imediatamente aquele problema sob pena de eu perder todo o meu saldo, o bancário. Assim, recomendou-me veementemente o sujeito.

A partir daquela tarde, em diante, a sorte começou a bafejar-me tanto que, no dia seguinte, no in box do meu celular – cujo número acabava de adquirir na mesma semana de uma operadora de telefonia local – recebi uma mensagem em que se me explicava que, em resultado das chamadas acima de 10 mil meticais que eu havia efectuado naquele mês, eu havia sido premiado com uma viatura de marca Fiat, duas geleiras Westpoint, uma motorizada acelera Hyundai, e um valor monetário de 500 mil meticais.

Com este prémio, além de a minha tesão começar a desaparecer, eu comecei a perceber que não precisaria mais de fazer aquela consulta no médico tradicional cujo panfleto me explicara que ele resolvia os problemas relacionados com “o azar no trabalho, no amor, no sexo, e que recuperava a sorte e o amor perdidos, ao mesmo tempo que reunia uma capacidade invulgar para fazer o pénis crescer (...) – tudo isso num estalar de dedos –, bastando para o efeito marcar uma consulta por apenas 200 meticais.

A história complica-se quando, no fim de tudo, se esclarece que a cerimónia da entrega dos ganhos não seria pública. Ou seja, eu tinha de contactá-los em fórum privado. Putz, fiquei teso novamente, são malandros!

Naqueles dias, não sei por que razão, o dinheiro corria ao meu encontro. Que pena, não me alcançava. Por exemplo, mesmo sem querer, eu conheci uma tal Mirabel, uma belíssima figura, órfã de pais, originária da Serra Leoa que – em resultado da guerra civil no seu país – se encontrava refugiada em Senegal, onde estudava Medicina.

De nada, eu havia-me tornado no seu amor e, em resultado disso, devia casar-me com ela para poder beneficiar de um valor 500 mil dólares, uma fortuna que o meu pai deixara guardado em qualquer banco estado-unidense, cujo acesso dependia do casamento que me propunha. A Mira, como eu a tratava, era linda – se ela aceitasse residir em Moçambique, talvez, a uma hora dessas eu me tivesse casado – mas o problema é que ela queria que eu fosse ao Senegal. Eu estava teso, meu, não tinha como comprar as passagens de avião. Por isso perdi-a, como também perdi a sua fortuna.

Por causa do metical, as peripécias pelas quais passei – nesta vida e neste país – são inesgotáveis, muitas das quais são inenarráveis. Portanto, não contestem que eu diga que sou vítima do metical. Mas a verdade é que, em relação aos homens do banco e da telefonia, expliquei-lhes que naquele dia efectivamente eu estava teso – como aliás continuo –, mas ainda não sou gay, portanto, vão à merda! Nos dias que correm, eu mantenho a mesma posição em relação a todos os corruptos e exploradores desenfreados deste país. Lixem-se!

Os chineses já não são maus



Na ânsia de seduzir o maior mercado de exportação e não ofender os censores de Pequim, os grandes estúdios norte-americanos zelam por dar uma imagem positiva da China.

Texto & Foto: **Jornal Los Angeles Times, de Los Angeles**

No filme de acção Battleship - Batalha Naval (do realizador Peter Berg), da Universal Studios, quando a Terra está sitiada por extraterrestres, Washington atribui às autoridades de Hong Kong o mérito da descoberta de os invasores serem provenientes de outro planeta. Na recente comédia romântica A Pesca do Salmão no Lémen (de Lasse Hallström), ao descrever a construção de uma barragem, engenheiros chineses – personagens que não existem no livro que serviu de base ao guião do filme – exibem as suas habilidades. No filme de terror 2012 (realizado por Roland Emmerich), o secretário-geral da Casa Branca tece louvores à China e qualifica os cientistas chineses como visionários, ao terem construído a arca que permite salvar a civilização.

Multiplicam-se as referências recentes de produções de Hollywood ao Império do Meio. Algumas resultam de bajulação ou são acrescentos gratuitos, destinados a satisfazer parceiros comerciais e a atrair o público do maior mercado de exportação. Outros, segundo alguns realizadores, reflectem apenas a ascensão da China como potência política, económica e cultural.

Quanto aos vilões chineses, desapareceram pura e simplesmente. Os grandes estúdios tendem cada vez mais a eliminar qualquer referência à China que possa ser vista como negativa, na esperança de obter um visto da censura chinesa e entrar num mercado onde as produções estrangeiras são contingentadas. Os estúdios da MGM, que produziram a nova versão do filme de guerra Amanhecer Violento (cuja primeira versão foi rodada por John Millius em 1984), retocaram digitalmente os invasores chineses, tornando-os norte-coreanos.

Para a estreia de Homens de Negro 3 na China, em Maio passado, a censura cortou ou encurtou várias cenas passadas em Chinatown, Nova Iorque, consideradas pouco abonatórias aos sino-americanos.

Evitar vilões chineses

Um guionista que trabalhava numa superprodução foi instruído para evitar vilões chineses. “É absolutamente claro: será talvez a primeira vez na história de Hollywood que a censura de um país estrangeiro tem um impacto profundo sobre o que produzimos”, confessa um produtor de primeiro plano que, como vários colegas entrevistados para este artigo, exigiu o anonimato, com medo de ofender potenciais parceiros chineses.

Dependentes das receitas geradas no exterior, os estúdios há algum tempo que se manifestam mais atentos às sensibilidades locais. Assim, procuravam evitar ofender o público japonês, que até recentemente era o seu principal mercado de exportação.

Com a China, os acordos de co-financiamento aumentam a pressão: os filmes estrangeiros co-produzidos por empresas chinesas não estão sujeitos às quotas impostas pelas autoridades

de Pequim, desde que incluam elementos chineses – necessariamente positivos. O filme Homem de Ferro 3, dos estúdios Marvel, que começou a ser rodado na Carolina do Norte e na China, deve, pois, mostrar-se muito favorável aos chineses, uma vez que são co-financiadores da produção.

Para alguns cineastas, a inclusão de elementos chineses faz parte do processo criativo, como na sequência do filme da Disney, Os Marretas, em que Miss Piggy, Gonzo e Jack Black aparecem como especialistas em artes marciais (com a transcrição dos seus nomes em caracteres chineses). E o próximo James Bond, Skyfall, foi rodado em Xangai, apesar de a produção não beneficiar de fundos chineses.

Os censores chineses eliminam cenas que consideram política ou culturalmente ofensivas. Em 2007, um pirata chinês interpretado por Chow Yun-fat desapareceu da versão de Piratas das Caraíbas - No Fim do Mundo para o mercado chinês. O personagem é careca, tem uma longa barba ruiva e unhas muito compridas. Numa cena, recita um poema em cantonês, e não em mandarim, que Pequim favorece como língua nacional.

O organismo de supervisão do audiovisual na China explicitou as suas regras de censura pela última vez em 2008. É banido tudo o que seja susceptível de “perturbar a ordem e minar a estabilidade social”, “violar os princípios fundamentais da Constituição” e “fazer a apologia da obscenidade, do jogo e da violência”. Também são proibidos “assassinios, violência, terror, fantasmas, demónios, o sobrenatural e a confusão entre verdadeiro e falso, bem e mal, belo e feio”.

O público não reage. “Os chineses vão ao cinema sabendo que o filme foi retocado”, explica Jimmy Wu, dono da rede chinesa de cinemas Pavilhões de Luz. E muitos telespectadores chineses gostam de ver em produções de Hollywood elementos que enalteçam o orgulho nacional. Daí que o público se levante para aplaudir a passagem em que o secretário-geral da Casa Branca elogia os cientistas chineses, no filme 2012.

Os efeitos são mais problemáticos no resto do mundo. Stanley Rosen está preocupado com o facto de que isso possa dar a toda uma geração de espectadores uma visão tendenciosa e asséptica da China, onde a questão dos direitos humanos e a dura realidade diária sejam completamente banidas. “Não acho que o telespectador norte-americano médio tenha realmente consciência do impacto de todas essas pequenas decisões”, diz Rosen. “Mas isso pode acabar por ter um efeito subliminar.”

Em Hollywood, dizem alguns que a cooperação com a China não coloca problemas insuperáveis. “Trabalhar com a China ou com um grande estúdio não faz grande diferença”, considera Michael London, produtor de filmes independentes que tem estado em conversações com organismos chineses para a realização de co-produções. “Digo isto meio a brincar, claro. Mas a maioria dos produtores nacionais não se mostra exigente quando alguém pode ajudar a colmatar o orçamento do seu filme. Há inevitavelmente compromissos.”

Aprender da maneira mais difícil

Quanto um estúdio estaria disposto a ponderar os interesses da China, nem sempre é fácil de calcular. A empresa norte-americana de produção Relativity Media achava ter feito uma boa jogada, ao aceitar um co-financiamento chinês para o filme 21 and Over (dos realizadores Scott Moore e Jon Lucas), uma comédia estudantil sem nenhuma relação com a Ásia. Quando acabaram as filmagens nos EUA, o estúdio adicionou uma trama secundária com um personagem sino-americano e a rotação prosseguiu na China. A produção contava, assim, obter um financiamento adicional e, com sorte, exibição nos cinemas chineses.

Mas a Relativity Media teve imediatamente problemas com as associações de defesa dos direitos humanos, ao decidir filmar na cidade de Linyi, perto do local onde o dissidente cego Chen Guangcheng foi colocado em prisão domiciliária. A ONG Human Rights Watch apelou mesmo a um boicote do filme, o que levou o estúdio a recuar. “Este caso mostra que a China nunca será uma galinha dos ovos de ouro”, sublinha uma pessoa que esteve envolvida no projecto, mas que não foi autorizada a falar publicamente. “Quem, em Hollywood, quiser fazer negócios com a China vai aprender da maneira mais difícil”.

O que acontece na morgue?

Joaquim da Silva nasce com um pendor para as artes, o qual, em resultado da sua extrema ambição por bens materiais, é desperdiçado. Para este indivíduo, a arte não possui nenhuma capacidade para conferir visibilidade económica às pessoas.

Como os dirigentes dos nossos dias, esta personagem nunca acreditou que o sector da indústria criativa e artística bem planeada poderia ser um factor de realização pessoal e desenvolvimento económico para a nação.

Em virtude dessa compreensão, Joaquim abandonou as artes por ter conseguido – à custa das influências sociais que conquistara no sector das actividades culturais –, ainda que sem nenhuma especialização como contabilista, uma vaga de emprego numa empresa estatal. No evoluir da sua vida, Joaquim é encaminhado para o Ministério da Saúde, onde trabalha como chefe dos Armazéns de Medicamentos.

Corrompido pelo poder – o que, muitas vezes, é influenciado pela sedução das tatorzinhas no espaço social – Joaquim da Silva vende a flat que ganhou da Administração do Parque Imobiliário do Estado à revelia da família, que, sem aviso prévio, se viu na contingência de ser “despejada”.

Actualmente, despromovido do sector onde era chefe, acabou por ser afecto à morgue, acusado de roubo de medicamentos para alimentar negócios ilícitos – de venda de fármacos – no mercado informal.

A sua vida desmoronou-se continuamente de tal sorte que chegou a casar-se com uma jovem muçulmana com distúrbios mentais, originados por antecedentes de abusos e violações sexuais perpetrados pelo próprio pai. A sua relação com a miúda conduz o casal – com uma série de discussões no seio da família – à fé religiosa.

Desprovido de opções, presenteemente, da Silva considera-se um profissional experiente na morgue. Aos temores da morte que muita gente possui, ele responde com uma incessante procura de gozo e prazer no trabalho que faz, superando as mais radicais barreiras morais e sociais em volta da morgue.

A não perder Lá Na Morgue é a nova produção teatral do Grupo Teatral Mahamba – escrita pelo conceituado actor Dádivo José e encenada pela actriz Maria Atália – que será apresentada brevemente no país, aos amantes das artes cénicas, como forma de partilhar com o público um pouco das banalidades da família, do Estado, da morte, da igreja, do corpo humano.

Em cena encontra-se Dádivo José, que comemora 20 anos de carreira no ano em curso, e a actriz Milsa Us-sene./ **Redacção**

SEMANA DStv



JOHN CARTER

Inexplicavelmente transportado para Marte, o capitão veterano de guerra John Carter é envolvido num conflito de proporções épicas

DIA 12 DE OUTUBRO, 22:30, TVC1

A PROGRAMAÇÃO

SEGUNDA	TERÇA	QUARTA	QUINTA	SEXTA	SÁBADO	DOMINGO
GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado Berenice vê Isabel procurar emprego e trata-a mal. 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 23:20 Fantástico ZONE REALITY 19:20 Unsolved Mysteries 20:10 Final Justice with Erin Brockovich 21:00 Crime Stories 21:50 Forensic Investigators 22:40 Police Ten 7 TV RECORD 20:30 Fala Portugal 21:00 Rebelde Lucy disfarça-se para fugir do país. 22:00 Balacobaco 23:00 Legendários	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 23:20 Tapas e Beijos TV RECORD 20:30 Fala Portugal 21:00 Rebelde Os pais dos rebeldes cantam no porão uma música da banda. Marcos Mion diverte-se com a turma do terceiro ano. 22:00 Balacobaco SS1 MÁXIMO 13:45 Mundial Futebol Feminino Sub-17 - 1ª Meia-Final, DIRECTO 16:30 Maximo Destques de Futebol 16:45 Mundial Futebol Feminino Sub-17 - 2ª Meia-Final, DIRECTO 20:00 Basketball Africa	GLOBO 19:55 Malhação Lia e Pilha descobrem que Fatinha está noiva. 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 23:20 A Grande Família TVC1 18:55 A Ressaca - Parte 2 20:40 Crime de Henry 22:30 Transgressão 00:05 Colombiana FOX CRIME 21:00 Lei & Ordem 21:45 C.S.I. Nova Iorque Segue o dia-a-dia de uma equipa de investigadores forenses da polícia nova-iorquina. 22:30 C.S.I. 23:15 Sons of Anarchy	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado Afonso vai ao teatro falar com Isabel. 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 23:20 Som Brasil AXN 19:44 C.S.I. Miami 19:38 Missing 21:30 Alerta Cobra 22:30 À Vista Desarmada (5): Ep 506 23:26 Os Borgia (2): Ep 205 SS1 MÁXIMO 20:40 Euroleague Basketball - Fenerbahce x Bc Khimki Moscovo, DIRECTO 22:45 1º de Agosto x Petro de Luanda	GLOBO 19:55 Malhação 20:20 Lado a Lado 21:10 Guerra dos Sexos 22:10 Avenida Brasil 21:55 Globo Repórter SS1 MÁXIMO 02:55 GP da Coreia - 1ª Sessão de Treinos, DIRECTO 06:55 GP da Coreia - 2ª Sessão de Treinos, DIRECTO 16:55 Rússia x Portugal, DIRECTO SS2 MÁXIMO 20:25 Holanda x Andorra, DIRECTO FOX CRIME 20:37 Cops 21:00 Lei & Ordem 21:45 C.S.I. Nova Iorque 22:30 C.S.I.	TVC3 19:05 Sexo Sem Compromisso 20:55 Pequenas Mentiras Entre Amigos 23:30 Cidade dos Anjos, A TLC 21:50 Cake Boss 22:40 My Big Fat American Gypsy Wedding 23:30 NY Ink 00:20 My Naked Secret - Colette SS1 MÁXIMO 03:55 GP da Coreia - 3ª Sessão de Treinos, DIRECTO 06:55 GP da Coreia - Sessão de Qualificação, DIRECTO 16:45 Mundial Futebol Feminino Sub-17 - Final, DIRECTO	SS1 MÁXIMO 06:45 GP do Japão de MotoGP - Corrida Principal, DIRECTO 08:00 GP da Coreia - Corrida, DIRECTO TVC1 17:05 Chefes Intragáveis 18:40 X-Men: O Início 20:50 Página Oito 22:30 A Dívida DISCOVERY 20:10 Como Fazem Isso? - Submarino Nuclear/Bonecos de Testes/Frutas e Vegetais 20:35 Como Fazem Isso? - Minas Terrestres/Barcos dos Pântanos/Armazém 21:05 Trabalho Sujo 22:00 Viagem ao Interior da Mente

OS DESTAQUES



TARDES MAIS ANIMADAS COM A TV RECORD!

Programa da Tarde é apresentado por Britto Jr. e Ana Hickmann que juntos passarão a animar as suas tardes com programas para toda a família. Informação, moda, beleza, sexualidade, comportamento, prestação de serviços, saúde, celebridades, relacionamentos, turismo, mundo selvagem, acção, aventura e muito humor serão alguns dos temas em destaque, num programa onde o telespectador tem papel activo.

DE SEGUNDA A SEXTA-FEIRA, 17:30, TV RECORD



AVENIDA BRASIL MAX VINGA-SE DE CARMINHA

Max ironiza Carminha. Jorginho vai à mansão. Carminha tenta convencer Max do seu arrependimento. Jorginho afirma a Carminha que Max tentará vingar-se dela. Wallerson despreza Suelen e expulsa-a da sua casa. Max observa Carminha a tentar fugir da mansão e impede-a de o fazer. Janaína convence Lúcio a abandonar Carminha. Max entrega a Ivana uma caixa com porta-retratos para a família e deixa a mansão. Leleco não deixa Carminha fugir. Ivana abre a caixa de Max e fica desesperada ao ver as fotos de Carminha e Max. Tufão confronta Carminha.

DE SEGUNDA A SÁBADO, 22:10, TV GLOBO



SÁBADOS DE SURPRESA!

O bloco Disney Junior do Disney Channel preparou uma programação especial em Outubro para os seus espectadores. Os mais novos têm diversão garantida com 'Sábados de Surpresa!', em que irão estreiar episódios especiais das suas séries favoritas.

AOS SÁBADOS, DAS 9:45 ÀS 11:45, DISNEY CHANNEL

RÚSSIA X PORTUGAL QUALIFICAÇÃO

A selecção portuguesa de futebol desloca-se a Moscovo para defrontar a congénere russa, num encontro a contar para a 3ª jornada da fase de qualificação para o Mundial de 2014. Portugal e Rússia encontram-se no comando do Grupo F, em ex aequo com 6 pontos cada, e esta partida pode colocar a equipa das quinas no topo da classificação.

DIA 12 DE OUTUBRO, 16:55, SS1 MÁXIMO



Pode efectuar o pagamento da sua DStv sem ter de se deslocar a uma loja da MultiChoice?

- Pagamento por ATM da Rede Ponto24 com cartões de débito nacionais de todos os bancos do país
- Pagamento por telemóvel – apenas aplicável para detentores de cartões de débito da rede Ponto24 através do *124#
- Transferência, por internet banking ou depósito directo nas nossas contas do FNB, BCI, Bbim, e Standard Bank*

* Guarde o recibo como prova de pagamento





Publicidade

**“Actividades para as Férias”****Data de Início - 5 de Novembro****Data de Fim - 21 de Dezembro****Hora de Entrada - 13h30****Hora de Saída - 16h**

De segunda-feira até sexta-feira

Nota : Trazer Lanche de casa para Crianças dos 6 aos 8 anos de idade

Localização : Escolinha “ A Joanelinha ” - Rua Daniel Tomás Magaia nº 48 (esquina com Amílcar Cabral) Inscrições Limitadas (20 Crianças no máximo) - 50 Mtn para inscrição

Actividades :

- Artes Plásticas - pintura, colagem, construção (com material reciclado)
- Teatro - Fantoches
- Educação Ambiental - Estudo do Meio
- Jardinagem
- Leitura e Interpretação de Histórias (em Português e Inglês)

Pagamento**Semanal - 1.500 Mtn****Pagamento****Mensal - 5.000 Mtn**

Para mais informações : 82 49 37 610 Leila Lukács Salvado

Obrigada Espero pelos seus pequenos!

Segunda a Sábado 20h35 **LADO A LADO**

Fernando afirma a Edgar que não sabia que Bonifácio o estava enganando. Carlota apressa Alice para ir à missa. Edgar discute com Guerra. Isabel procura emprego na confeitaria. Teodoro rouba um beijo de Alice e Carlota vê. Fernando enfrenta Bonifácio e Edgar consola Margarida. Mario se recusa a falar com um homem que o procura no teatro e Quequé estranha. Matilde se aconselha com padre Olegário sobre a hospedagem que Laura está dando a Isabel. Isabel se esconde de Afonso e Zé Maria. Matilde conta para Constância que Laura hospedou Isabel em sua casa. Frederico pede para Mario pagar sua dívida na barbearia. Neusinha vê Diva mexendo em suas jóias. Bonifácio acredita que Constância armou um plano contra ele. Isabel enfrenta Constância na casa de Laura. Constância humilha Isabel e

exige que ela saia da casa de Laura. Neusinha diz a Quequé que pode resolver a situação do teatro. Margarida ouve as lamentações de Fernando sobre sua relação com o pai. Bonifácio acusa Constância de tê-lo denunciado e ela se finge de ofendida. Laura conforta Edgar. Caniço implica com Berenice por causa de Zé Maria. Laura descobre que Constância foi a culpada pela saída de Isabel de sua casa. Eulália conversa com Olímpia sobre um novo casamento para seu genro. Laura e Edgar repreendem Constância por ter expulsado Isabel de sua casa. Albertinho fica tenso ao descobrir que Isabel e Laura são amigas. Eulália diz a Sandra que vai ensiná-la a cozinhar. Neusinha decide seguir Diva. Fernando fala mal de Edgar para Umberto. Diva pede dinheiro para Bonifácio. Laura procura Jurema.



Segunda a Sábado 21h35

GUERRA DOS SEXOS

Dinorah ameaça chamar a polícia, caso Nenê não deixe a fábrica. Carolina mente para que Ulisses fique com raiva de Fábio. Fábio e Felipe vão a uma casa de massagem. Juliana reclama de Otávio ter convencido Felipe a não ir atrás de sua irmã. Nando fica penalizado com Analú e decide dividir sua comida e água com ela. Fábio chega para o encontro com Juliana. Manoela fica enciumada de ver o marido com modelos no clube e fotografa-o trabalhando. Juliana e Fábio discutem sobre o trabalho que fizeram no clube. Otávio afirma que dará um golpe em Charlô. Roberta e Kiko chegam de viagem. Juliana chega à casa de Felipe e Vânia se esconde. Roberta decide assumir a presidência da Positano e Veruska se desespera. Veruska tenta persuadir Rober-

ta a desistir de assumir a fábrica. Juliana convence Felipe a procurar Analú. Juliana se encontra com seu namorado secreto na porta do prédio do pai. Nando e Analú se beijam. Nieta reclama por Dinorah ter expulsado Nenê da fábrica de Roberta. O porteiro avisa a Otávio que Vânia está presa na sacada do apartamento de Felipe. Roberta é mal recebida pela diretoria da fábrica. Carolina manipula Ulisses. Felipe avisa a Roberta que Vitório vendeu sua parte na Positano para Otávio, que exige que ela deixe a presidência da fábrica. Juliana comunica a Charlô os acontecimentos na loja e ela decide antecipar sua volta. Felipe usa uma lancha para resgatar Analú e Nando. Charlô desce de paraquedas no campo de golfe e enfrenta Otávio.



Segunda a Sábado 22h45

AVENIDA BRASIL

Lucinda pede ajuda pelo rádio assim que o barco começa a afundar. Lucinda e Max são salvos por pescadores. Muricy recebe a notícia do naufrágio da lancha de Max e Ivana se desespera. Tufão e Leleco contam para Jorginho que Max morreu. Monalisa se preocupa com Tufão. Max afirma a Lucinda que se vingará de Carminha. Tufão avisa a Carminha que vai se separar dela. Max pega cópias de suas fotos comprometedoras com Carminha. Verônica não consegue ser uma boa dona de casa. Carminha presenteia Lúcio com seu carro. Janáina pede para Zezé levá-la até a chácara. Lucinda conta para Nina que Carminha tentou matar Max. Carminha se apavora ao ver Max na mansão.

Max ironiza Carminha. Jorginho vai à mansão. Carminha tenta convencer Max de seu arrependimento. Wallerson convida Suelen para viajar. Iran pede Débora em casamento. Wallerson e Suelen são fotografados juntos. Jorginho afirma para Carminha que Max tentará se vingar dela. Wallerson destrata Suelen e a expulsa de sua casa. Max vê Carminha tentando fugir da mansão e a impede. Janáina convence Lúcio a abandonar Carminha. Max entrega para Ivana uma caixa com porta-retratos para a família e deixa a mansão. Leleco não deixa Carminha fugir. Ivana abre a caixa de Max e se desespera ao ver as fotos de Carminha e Max. Tufão confronta Carminha.

African Media Leaders Forum

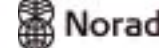
Shaping the future of African media

**ami** African Media Initiative**5TH AFRICAN MEDIA LEADERS FORUM**

DATE: 8-9 November 2012

Africa 3.0**Strengthening Media and Governance Through Citizens' Engagement and Innovation**

If you are interested in sponsoring, exhibiting at or participating in this Forum, please contact us at tendai@africanmediainitiative.org or +254 20 269 4004

PARTNERS AND SPONSORS

ENTERTENIMENTO

PARECE MENTIRA...

Entre os camponeses do Japão havia antigamente um curioso costume que bem define o que há de bonacheirão na imaginação dos nipônicos, como também a cortesia da alma japonesa. Diz a lenda que, quando uma árvore frutífera dava má colheita, o seu dono, em vez de cair-lhe de machado em cima, ia com um companheiro até a culpada. Um deles subia e escondia-se entre os galhos, enquanto o outro, junto a ela e de machado na mão, perguntava em tom solene e muito a sério: – Ouve-me árvore! Eu sou teu amigo e te protegerei enquanto te portares bem, mas estou disposto a cortar-te pela raiz se não me deres este ano boa colheita. Prometes? O que estava em cima respondia com voz sentenciosa: – Juro, senhor, que hei-de dar uma abundante safra! Os camponeses retiravam-se contentes e esperavam o cumprimento da promessa da árvore. E o mais curioso, acrescenta a lenda, é que muitas vezes ela dava, de facto, a colheita prometida.

O filho de Augusto, o célebre Maurício, marechal de Saxe, que comandava os franceses em Fonterroy, era extraordinário nos exercícios de força. Numa ocasião transformou, só com o auxílio dos próprios dedos, um prego em saca-rolhas, com o qual desenvolveu meia dúzia de garrafas.

Thomas Topham, estalajadeiro estabelecido em Jelington, Inglaterra, possuía, segundo as crônicas da época, a força de doze homens. De uma feita levantou três pipas cheias de água, que pesavam cerca de 900 quilos. Podia curvar uma barra de ferro forte, colocando-a atrás do pescoço e puxando as duas extremidades para a frente. Depois desfazia o que havia feito, isto é, endireitava a barra, fazendo-a voltar ao estado inicial, o que era ainda mais difícil.

Tão teimosa e de mau gênio era Xantipo, mulher de Sócrates, quanto este era brando e dócil. Um dia em que a sua mulher lhe dissera as maiores injúrias, chegando a deitar-lhe pela cabeça abaixo um grande vaso cheio de água, ele não se alterou e, muito sossegado, disse: – Não admira; depois de uma grande trovoada quase sempre vem a chuva.

O cidadão Charles Howard Baker, de Washington D. C., conseguiu gravar na cabeça de um alfinete comum o Pai-Nosso. Este trabalho, verdadeiramente franciscano, tomou-lhe nada menos que três anos e meio.

PENSAMENTOS...

- Os homens muitas vezes tropeçam com a verdade, mas a maior parte levanta-se e apressa-se como se nada tivesse acontecido.
- A diferença entre uma convicção e um preconceito é que podemos explicar a convicção sem nos exaltarmos.
- A vida paga-se caro; mas muitos vão sem pagar.
- A arte de adivinhar foi inventada pelo primeiro mentiroso que encontrou um imbecil.
- Há quem se embebede para ver se encontra algo de interessante nas pessoas que o rodeiam.
- Tanto cega a escuridão como o excesso de luz.
- Perguntar a uns recém-casados se são felizes é uma impertinência; fazer a mesma pergunta dez anos depois é ainda maior impertinência.
- O homem só é sincero quando fala consigo mesmo.
- Aceite presentes com desconfiança. Muitas pessoas os dão para serem pagos.
- Aquele que é elogiado sem razão está sempre à espera de que a ironia acompanhe o elogio.

SAIBA QUE...

O conde Cirkseña, Senhor da Holanda durante o século XIV, arrogava-se a posse do ar daquele país. Os moleiros e os donos dos pombais tinham de pagar-lhe um imposto pela serventia do ar sobre os Países Baixos.

As corridas de touros começaram em Espanha em 1100.

Fontenelle celebrou-se mais pelo seu espírito do que propriamente como sábio ou filósofo. Como sábio, não enriqueceu a ciência com as suas descobertas, mas prestou-lhe valiosos serviços, contribuindo para a tornar mais acessível e atraente, despojando-a das ideias metafísicas e das fórmulas obscuras em que até aí estava envolvida. Bernard Le Bovier de Fontenelle, assim se chamava, nasceu em Rouen a 11 de Fevereiro de 1658. Depois de sair do colégio, estudou direito mas, apesar dos seus dotes excepcionais, perdeu a primeira causa que adveio. Desde então só se ocupou da ciência, literatura e filosofia.

Uma única frase basta para exprimir toda a sua filosofia. Dizia ele: “O maior segredo para se ser feliz consiste em estar de bem com a nossa consciência”. Morreu com 99 anos, e as suas derradeiras palavras foram um pensamento vivo de espírito e bom humor. A um dos seus amigos, nos braços do qual expirava serenamente, e que lhe perguntou se sofria, respondeu: “Não sofro, sinto somente muita dificuldade em existir”.

Antigamente os indivíduos das tribos africanas Zulo e Masai só podiam casar-se depois dos 40 anos, idade em que estavam velhos demais para a guerra.

Foi o célebre filósofo francês Pascal quem primeiro obteve a patente de transportes colectivos urbanos.

A descoberta do tabaco data de 1520, e foi feita na América

RIR É SAÚDE

– Minha senhora, sinto que se aborrecesse por o seu marido ter chegado tarde por minha culpa.
– Não se preocupe. De todas as formas ele tinha de ir ao dentista arrancar dois dentes...

– Que estás a fazer aí em cima dessa árvore? – pergunta um amigo a outro.
– Não vês? Estou a comer mangas.
– Mansas? Mas tu estás em cima de um eucalipto.
– E que importa? Eu trago as mangas no bolso.

Dois amigos encontram-se depois de uma longa separação.
– Então, Victor, casaste?
– Sim. A minha mulher é um anjo!
– És um felizado. A minha ainda está viva...

A via-férrea estava inundada por causa das grandes chuvas. Os viajantes foram obrigados a ficar na povoação. Debaixo das bâtegas, dirigiu-se um deles ao hotel e disse ao porteiro: – Isto é o dilúvio...
– Que é que o senhor diz?
– O dilúvio! Você nunca leu nada sobre o dilúvio? Noé, a arca, o Monte Ararat?
– Não, senhor – respondeu o porteiro. – Com estas chuvas não temos recebido jornais.

Duas amigas conversam:
– Não tenho ciúmes do meu marido. Sei bem que ele é doido por mim.
– Nunca fiando, minha amiga. Olha que os doidos, às vezes, têm momentos lúcidos...

HORÓSCOPO - Previsão de 05.10 a 11.10



carneiro

21 de Março a 20 de Abril

Finanças: Algumas dificuldades durante esta fase, não serão suficientes para quebrar o seu positivismo. No entanto, não deixe de analisar, com mais atenção, este aspeto e, desta forma, poderá evitar males maiores. Para o fim da semana, a situação tende a melhorar, podendo, eventualmente, beneficiar de uma pequena entrada de capital.

Sentimental: Tudo se conjuga para que esta semana seja muito agradável. Uma maior aproximação do seu par será necessária, para desencadear momentos muito agradáveis. Para aqueles que não têm par, este será um momento favorável para se iniciar uma nova relação.



caranguejo

21 de Junho a 21 de Julho

Finanças: O aspeto financeiro poderá ser, de certa maneira, beneficiado por outras facetas que o favorecem. Alguns problemas, a este nível, não serão suficientes para ensombrar a semana. Seja um pouco mais moderado nos seus gastos, especialmente, os de ordem pessoal.

Sentimental: Para os que têm par, este aspeto será muito beneficiado. O seu encanto e a sua boa disposição tornarão a semana num período inesquecível. Use a sua imaginação, não regateie esforços para agradar ao seu par e verificará como é bom amar.



balança

23 de Setembro a 22 de Outubro

Finanças: Será um bom período, no aspeto financeiro. Estarão favorecidas as aplicações de capital e os investimentos moderados. No entanto, todas as suas iniciativas deverão ser muito bem analisadas antes de tomar qualquer iniciativa. A frase chave para este aspeto poderá ser “ponderação e análise”.

Sentimental: O aspeto sentimental não poderá encontrar uma fase mais propícia para que se sinta realizado. Abra o seu coração e não se irá arrepender.



capricórnio

22 de Dezembro a 20 de Janeiro

Finanças: Serão regulares, com tendência para melhorarem. Alguns investimentos feitos, anteriormente, poderão, agora, começar a dar os seus frutos. Terá uma possível entrada de capital. A crise que se atravessa poderá ter uma influência contrária às tendências astrais.

Sentimental: Os relacionamentos de ordem sentimental exigem alguma atenção, para que não se crie uma sensação de vazio que só poderá criar problemas no casal. Haverá a possibilidade de conhecer alguém que o fará vacilar, em relação à sua atual ligação; seja cuidadoso.



touro

21 de Abril a 20 de Maio

Finanças: As suas finanças vão entrar numa fase bastante positiva e alguns problemas que o têm preocupado serão ultrapassados. Naturalmente, este aspeto a ficar favorecido irá deixar-lhe um maior espaço mental para se concentrar, melhor, no seu trabalho. Apesar destes bons aspetos, esteja atento aos movimentos financeiros.

Sentimental: Tudo poderá decorrer da melhor maneira durante este período, dependerá, unicamente, de si e da forma como se relacionar com o seu par. Para os que não têm parceiro, este será um momento muito favorecido para se iniciar uma nova relação.



leão

22 de Julho a 22 de Agosto

Finanças: Serão regulares, com tendência para melhorarem um pouco. Poderá verificar-se uma pequena entrada de dinheiro. As pequenas aplicações ou investimentos serão uma boa opção, desde que sejam bem analisadas antes de avançar.

Sentimental: Será uma boa semana nas questões de ordem sentimental. O seu astral irá estar em alta e esse sentimento contagiará o seu par; aproveite, este bom momento, para melhorar a sua relação nas questões, menos agradáveis, que se vêm arrastando.



escorpião

23 de Outubro a 21 de Novembro

Finanças: Não se deixe perturbar por receios infundados. Embora, este aspeto não se encontre muito favorecido, ele será ultrapassado pela sua força e vontade em não aceitar as situações como se apresentam. Não deverá esquecer, nem minimizar, o período crítico que se atravessa.

Sentimental: Questões de ordem sentimental passam por uma fase que, se bem aproveitada, será muito gratificante. Não perca esta oportunidade para estreitar as suas relações amorosas.



aquário

21 de Janeiro a 19 de Fevereiro

Finanças: Poderão surgir alguns problemas que envolvem questões relacionadas com dinheiro, em que a situação de crise que se atravessa não deverá ser estranha. No entanto, se utilizar a sua habitual força pessoal conseguirá ultrapassar este período, pela positiva.

Sentimental: No campo amoroso deverá dar um pouco mais de atenção ao seu par. Não se deixe influenciar por alguém que tenta criar-lhe um clima de alguma instabilidade. Um diálogo aberto poderá resolver muitos assuntos.



gêmeos

21 de Maio a 20 de Junho

Finanças: Este aspeto começa a tornar-se, bastante, mais agradável e poderá começar a sentir uma maior tranquilidade. É uma fase em que, se proceder a aplicações de uma forma acertada, poderá ter retornos, bastante apreciáveis. No entanto, analise, sempre, todos os aspetos, os prós e contras antes de tomar decisões.

Sentimental: Esta será a melhor terapia para ultrapassar algumas questões que o preocupam. Não deixe que o seu envolvimento entre numa fase de rotina e tudo se comporá da melhor forma. O lar, o seu amor e o diálogo serão um bálsamo que fará sentir os seus efeitos benéficos.



virgem

23 de Agosto a 22 de Setembro

Finanças: Embora com algumas reservas, este aspeto não deverá constituir problema, de maior, durante este período. Estão favorecidas as aplicações e os investimentos moderados e de baixo risco. Evite as despesas supérfluas; tenha em conta que estamos em crise e esta poderá atingir qualquer pessoa.

Sentimental: Questões de ordem sentimental e amorosa convidam, mais a dar do que a receber. Tente ser compreensivo com algum problema ou situação que o seu par atravessa e não lhe recuse ajuda.



sagitário

22 de Novembro a 21 de Dezembro

Finanças: A prudência nas despesas é o conselho para este período. No entanto, não desespere; mais para o fim da semana a tendência será para melhorar e irá sentir-se bem mais tranquilo.

Sentimental: Na área sentimental tente ser coerente e não deixe, nem consinta que interferências de terceiros possam pôr em causa a sua relação amorosa. Para os que não têm par, este período será favorecido para se iniciarem novas relações.



peixes

20 de Fevereiro a 20 de Março

Finanças: Período em que consoante as suas opções, assim serão os resultados. No entanto, independente da sua escolha, será um período em que os astros estarão do seu lado e o poderão favorecer, fortemente. Uma despesa, inesperada, poderá alterar, um pouco, esta previsão; no entanto, nada que não consiga ultrapassar.

Sentimental: O aspeto sentimental passa pela compreensão do essencial. O diálogo e a aproximação espiritual contribuirão para suavizar outros aspetos, um pouco mais duros. O entendimento do essencial da sua relação terá uma importância enorme.

Cartoon





todos os dias

www.verdade.co.mz

twitter.com/verdademz
facebook.com/JornalVerdade